

ELIANE PINHEIRO NAVARRO SAMPAIO

**VENTURA:
DOS DIAMANTES AO ECOTURISMO?**

**Estudo de Caso do Potencial Ecoturístico do Distrito de
Ventura, Morro do Chapéu, Chapada Diamantina, Bahia.**

Ilhéus – Bahia
2004

ELIANE PINHEIRO NAVARRO SAMPAIO



**VENTURA:
DOS DIAMANTES AO ECOTURISMO?**

Estudo de Caso do Potencial Ecoturístico do Distrito de
Ventura, Morro do Chapéu, Chapada Diamantina, Bahia.



**Ilhéus-Bahia
2004**



S192 Sampaio, Eliane Pinheiro Navarro

Ventura: dos diamantes ao ecoturismo?
: estudo de caso do potencial do ecoturístico do Distrito de Ventura,
Morro do Cahpéu, Capada Diamantiana-Ba / Eliane Pinheiro Navarro
Sampaio – Salvador: UESC / UFBA, 2004.

194 p.; il. color.; anexos

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Santa Cruz/
Universidade Federal da Bahia

Orientador: Salvador Dal Pazzo Trevizan
Co-orientadora: Maria Hilda Baqueiro Paraíso.
Inclui bibliografia.

1. Turismo 2. Turismo Chapada Diamantina – Ba
I. Título

CDD – 380.145

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Carlos e Sinízia, com amor.

AGRADECIMENTOS

Aos antigos e atuais moradores de Ventura que concederam entrevistas e todas as demais pessoas que colaboraram para a realização dessa dissertação.

Meu agradecimento especial ao Prof^o. Orientador Salvador Trevizan e mais que especial a quatro pessoas fundamentais para realização deste trabalho: Prof^a Maria Hilda Paraíso (Co-orientadora), Prof^o Carlos Alberto Etchevarne, Luigi Luini e Carlos Navarro.

Agradeço também, a Juliana Menezes e a Ângela Márcia, pelo incentivo e hospitalidade em Ilhéus, a Leika Rocha, pela amizade e apoio, a Uliana Esteves pela colaboração na fase de pesquisa, a Silvia Brasil, pela arte final e as professoras Violeta Marques e Undira Fratel pela colaboração referente à revisão final da dissertação.

ELIANE PINHEIRO NAVARRO SAMPAIO

VENTURA:DOS DIAMANTES AO ECOTURISMO?

Estudo de Caso do Potencial Ecoturístico do Distrito de Ventura, Morro do Chapéu, Chapada Diamantina, Bahia.

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Cultura e Turismo ao Colegiado de Curso de Mestrado em Cultura e Turismo.

Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC/
Universidade Federal da Bahia - UFBA.

Linha de Pesquisa: Políticas e Planejamento de Produtos e Serviços Turísticos.

Orientador: Prof. Phd. Salvador Dal Pozzo Trevizan

Co-Orientadora : Prof^a. Dr^a. Maria Hilda Baqueiro Paraíso

Aprovada

Ilhéus, 20 de abril de 2002

BANCA EXAMINADORA

Dr. Salvador Dal Pozzo Trevizan (Orientador)
PHD em Sociologia- University of Wisconsin – Madison, E.U.A
Professor do Mestrado em Cultura e Turismo – UESC.

Dr^a. Maria Hilda Baqueiro Paraíso (Co-Orientadora)
Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo – USP
Professora do Curso de Pós-Graduação em História – UFBA
Professora do curso de Mestrado em Cultura e Turismo – UESC.

Dr. Carlos Alberto Etchevarne (Examinador)
Doutor em Arqueologia pelo Museum de Historie Naturelle de Paris – França
Professor do Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFBA.

SUMÁRIO

Lista dos Anexos

Lista das Figuras

Resumo

Resume

Pág.

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	OBJETIVOS	20
1.2	METODOLOGIA	21
2	CULTURA, MEMÓRIA, ECOTURISMO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: REVISÃO DE LITERATURA	30
2.1	CULTURA E MEMÓRIA.....	30
2.2	CULTURA E TURISMO.....	37
2.2.1	Ecoturismo e desenvolvimento sustentável	44
2.2.2	Planejamento participativo e ecoturismo.....	52
3	O ECOTURISMO NA CHAPADA DIAMANTINA: PATRIMÔNIO CULTURAL E NATURAL	57
3.1	O PARQUE NACIONAL E O CIRCUITO TURÍSTICO DOS DIAMANTES.....	60
3.1.1	Lençóis: a capital do turismo na Chapada	64
3.2	A PERSPECTIVA DE DESENVOLVIMENTO ECOTURÍSTICO NA CHAPADA NORTE	66
3.2.1	Morro do Chapéu: aspectos da infra-estrutura para o ecoturismo	68
3.3	VENTURA - PATRIMÔNIO CULTURAL E NATURAL DA CHAPADA: DOS DIAMANTES AO ECOTURISMO?.....	73

3.3.1	Condições atuais, projetos e perspectivas.	75
4.	A MEMÓRIA DA “VILA DOS DIAMANTES” NO CONTEXTO DA CHAPADA DIAMANTINA	78
4.1	MEMÓRIAS DA CHAPADA DIAMANTINA E DA VILA DE VENTURA: DE TERRITÓRIO DOS JÊS A TERRA DE GARIMPEIROS E CORONÉIS	79
4.1.1	Ventura: a descoberta dos diamantes.....	86
4.1.2	Ventura: registros do período de apogeu	89
4.2	O CORONELISMO DA CHAPADA DIAMANTINA	96
4.2.1	Ventura, a vila rica e a perspectiva de emancipação	100
4.3	CRISE ECONÔMICA NA CHAPADA: A DIÁSPORA DO SERTANEJO	107
4.3.1	A seca de 1932: “Adeus, oh! Terra do Ventura”.....	109
4.3	O DESVIO DAS ESTRADAS: A POLÍTICA DE ISOLAMENTO.....	110
4.4.1	Movimentos de resistência no processo de decadência do local	112
4.5	ASPECTOS DE NOSTALGIA E TOPOFILIA E A MEMÓRIA DO LUGAR	116
5	O PATRIMÔNIO CULTURAL E NATURAL DE VENTURA E ENTORNO NA PERSPECTIVA DO ECOTURISMO	122
5.1	A COMUNIDADE DE VENTURA E O “CENÁRIO” DA ANTIGA VILA E ENTORNO.....	122
5.1.1	O cenário de Ventura, a “vila dos diamantes”	131
5.1.2	As pinturas rupestres e a importância de estudos arqueológicos	140
5.2	O PATRIMÔNIO NATURAL E CULTURAL DAS TRILHAS E OS ATRATIVOS PARA O ECOTURISMO	144
5.2.1	Estudo das trilhas atuais	149
	CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES	172
	REFERÊNCIAS	183

ANEXOS APÊNDICE

Lista dos Anexos

ANEXO A - Atividades realizadas na área de turismo – Prefeitura Municipal de Morro do Chapéu - 1995/2002

ANEXO B - Tabela de Frete da Associação dos Taxistas de Morro do Chapéu, 2002.

ANEXO C - Cópia do Convênio de Lençóis.

ANEXO D - Roteiro de entrevista para a Secretária Municipal de Cultura, Turismo, Meio Ambiente e Desporto (SNCTMAD).

ANEXO E - Roteiro de entrevista para o Conselho Municipal de Turismo.

ANEXO F - Roteiro de entrevista para a Associação dos Taxistas de Morro do Chapéu.

ANEXO G - Roteiro de entrevista para Associação dos Guias Locais

ANEXO H - Roteiro de entrevista para os antigos moradores de Ventura

ANEXO I - Roteiro de entrevista para a comunidade residente do povoado de Ventura.

ANEXO J - Relação de Entrevistas/ Depoimentos/Relatos.

Lista das Figuras

FIGURA 01 - Mapa do Estado da Bahia focalizando a Chapada Diamantina e a área de Ventura e Entorno.....	23
FIGURA 02 - Festividade Cívica em Ventura em 1919. Arquivo Particular da Profª Violeta Marques.....	120
FIGURA 03 - Festividade em Ventura, início do século XX. Foto: Arquivo Particular de Carlos Navarro.....	121
FIGURA 04-Coleção de diamantes coloridos da Chapada semelhantes aos encontrados em Ventura. Foto: Arquivo Particular da Família Sales.....	121
FIGURA 05 - Visão lateral da Igreja antes da reforma, 1999. Foto: Eliane Sampaio.....	133
FIGURA 06 - Visão da igreja após reforma. Foto: Eliane Sampaio.....	134
FIGURA 07 - Ruínas do casario. Foto: Eliane Sampaio.....	134
FIGURA 08 - Foto do casario. Foto José Dourado.....	136
FIGURA 09 - Vista aérea parcial do povoado de Ventura. Foto: Leonardo Viana.....	137
FIGURA 10 - Aspecto do casario e arruamento de pedra. Foto: José Dourado.....	138
FIGURA 11 - Aspecto do casario. Foto: José Dourado	138
FIGURA 12 - Aspecto do casario. Foto: José Dourado	139
FIGURA 13 - Pintura Rupestre com motivo antropomorfo típico da Tradição Nordeste. Foto: Eliane Sampaio	142
FIGURA 14 - Pintura Rupestre com motivo zoomorfo. Foto: Eliane Sampaio.....	142
FIGURA 15 - Pintura Rupestre Motivo geométrico. Foto: Eliane Sampaio.....	143
FIGURA 16 - Visão parcial da trilha “Becos das Figuras”. Foto: Eliane Sampaio.....	147

FIGURA 17 – Uma das casas da antiga Fazenda Reunião.Foto: Eliane Sampaio.....	150
FIGURA 18 - Visão parcial do vale de Ventura. Foto: Eliane Sampaio	150
FIGURA 19 - Mapa dos Principais Atrativos Ecoturísticos de Ventura.....	151
FIGURA 20 - Ruínas do primeiro cemitério de Ventura. Foto: Eliane Sampaio.....	152
FIGURA 21 - Visão parcial do segundo cemitério. Foto: Eliane Sampaio.....	152
FIGURA 22 - Segundo cemitério. Foto: Eliane Sampaio.....	153
FIGURA 23 - Proteção da nascente d'água. Foto: Eliane Sampaio	154
FIGURA 24 - Visão parcial do antigo reservatório d'água. Foto: Eliane Sampaio.....	154
FIGURA 25 - Suspiro para saída de água/antigo reservatório. Foto: Eliane Sampaio	155
FIGURA 26 - Trecho do rio Ferro Doido. Foto Arquivo: Anatálio Bacelar	157
FIGURA 27 - Desenho do Projeto do Monumento Natural Cachoeira do Ferro Doido.....	158
FIGURA 28 - Vista parcial da Cachoeira do Ferro Doido.....	159
FIGURA 29 - Visão parcial do poço da Cachoeira com visitante. Foto: Eliane Sampaio	161
FIGURA 30 - Trecho da trilha da Cachoeira das Boiadas. Foto: Eliane Sampaio.....	162
FIGURA 31 - Trecho da antiga estrada Ventura –Morro do Chapéu. Foto: Luigi Luini	163
FIGURA 32 - Aspecto do atrativo paisagístico da “Serra Igrejinha”. Foto: Eliane Sampaio.....	163
FIGURA 33 - Flora típica de vegetação de Tabuleiro. Foto: Eliane Sampaio.....	164
FIGURA 34 - Aspecto do atrativo paisagístico da “Serra da Igrejinha”. Foto: Eliane Sampaio	165
FIGURA 35 - Aspecto do atrativo paisagístico da “Serra da Igrejinha”. Foto: José Souza.....	166
FIGURA 36 - Aspecto da vegetação da “Igrejinha”. Foto: Eliane Sampaio	166
FIGURA 37 - Pintura Rupestre, “Igrejinha”. Foto: Eliane Sampaio.....	167

FIGURA 38 - Aspectos do atrativo paisagístico da “Serra Igrejinha”.	
Foto: Eliane Sampaio.....	167
FIGURA 39 - Visão paisagística da “Igrejinha”. Foto: Eliane Sampaio.....	168
FIGURA 40 - Vegetação de entorno da Cachoeira do Romoaldo.	
Foto: Eliane Sampaio.....	169
FIGURA 41 - Vestígios de garimpo, trilha do Romoaldo. Foto: Eliane Sampaio.....	170
FIGURA 42 - Vista parcial do Vale de Ventura. Foto: Eliane Sampaio.....	170

VENTURA: DOS DIAMANTES AO ECOTURISMO?

Estudo de Caso do Potencial Ecoturístico do Distrito de Ventura, Morro do Chapéu, Chapada Diamantina, Bahia.

Autora: Eliane Pinheiro Navarro Sampaio

Orientador: Dr. Salvador Dal Pozzo Trevizan

Co-Orientadora: Dr^a. Maria Hilda Baqueiro Paraíso

Resumo

Esta dissertação desenvolve um estudo sobre o Patrimônio Cultural e Natural que constitui o potencial para o desenvolvimento ecoturístico de Ventura. Focaliza-se a área da sede distrital, o povoado de Ventura e seu entorno, localizado no município de Morro do Chapéu, Bahia, como um local de potencial ecoturístico pela existência de diversos sítios com pinturas rupestres no ambiente natural das serras e pela beleza cênica das cachoeiras, dos rios e do vale como também, pelo histórico e “cenário” da antiga vila do século XIX. A revisão de literatura foi utilizada como base conceitual para tratar da temática “Cultura e Memória, Ecoturismo e Desenvolvimento Sustentável”. Os principais recursos metodológicos utilizados foram: entrevistas semi-estruturadas, caderno de campo e fotografia. Os resultados da pesquisa foram apresentados em três capítulos: estudo sobre o ecoturismo na Chapada Diamantina, destacando os projetos e perspectivas de desenvolvimento dessa atividade em Ventura; resgate da memória de Ventura, a “vila dos diamantes”, no contexto de Chapada Diamantina destacando o apogeu e o processo de crise econômica e abandono do local; por fim, o estudo do povoado de Ventura na perspectiva de desenvolvimento ecoturístico apresentando a visão da comunidade local sobre essa atividade. Apresenta-se como contribuição, além da pesquisa documental para resgate da memória, um Mapa dos principais atrativos ecoturísticos de Ventura e a descrição das trilhas, acompanhada de fotos ilustrativas. Nas considerações finais enfatiza-se que existe um patrimônio significativo para o ecoturismo constando como sugestões que a atividade ecoturística em Ventura seja construída através de um processo de Planejamento Participativo, sugerindo roteiros de trilhas e a interpretação do patrimônio, na perspectiva do desenvolvimento local sustentável.

Palavras chaves: Potencial Ecoturístico, Ventura, Chapada Diamantina

“VENTURA” DES DIAMANTS À L’ECOTOURISME?

L’étude de Cas du Potencial Écotouristique du District du “Ventura”, Morro do Chapéu, Chapada Diamantina, Bahia.

Auteur: Eliane Pinheiro Navarro Sampaio

Oriéntadeur: Salvador Del Pozzo Trevizan

Co-Oriéntadeur: Maria Hilda Baqueiro Paraíso

Résumé

Cette dissertation développe une étude du Patrimoine Cultural et Naturel qui a constitué le potentiel pour le développement de l'écotourisme de Ventura. Elle concerne le territoire du siège du district, le village de Ventura et ses alentours, localisé dans le munícipe de Morro do Chapéu, Bahia, comme lieu de potentiel écotouristique par l'existence de divers sites aux peintures rupestres dans un environnement naturel de montagnes et par la beauté scénique des cascades, des rivières et de la vallée ainsi que par l'histoire et le "scénario" de l'ancienne ville du siècle XIX. La relecture de la littérature utilisé comme base conceituelle référant à la thématique Culture et Mémoire, Ecotourisme et Développement de Subsistanse. Les divers recours méthodologiques pour cette 'étude': interviews semi-structurés, carnet de terrains et photographies. Les résultats de cette étude ont été presentes em tríos chaptires: étude de l'écotourisme dans la Chapada Dimantina, détachant lês projets et perspectives de développement de cette activité dans le Ventura; préservation de la mémoire de Ventura, le "village des diamants", dans le context de la Chapada Diamantina, détachant l'apogée et le processus de crisee économique et d'abandon du local; pour finir, l'étude de Ventura dans la perspective de développement écotouristique présentant le point de vue de la communauté localé sur cette activité. On a présenté comme contribution, en plus de l'étude de documents pour la preservation de la mémoire, une Carte pour l'Écotourisme dans le Ventura avec la description des randonnées accompagnée de photos illustratives. Lors des considérations finales, on a souligné qu'il existe un patrimoine significatif pour l'écotourisme, suggérant que l'activité écotouristique de Ventura soit construite à travers un processus de Planification Participative, sugérant la description chemin utilisant l'interprétation de patrimoine, dans la perspective du développemente de subsistanse local.

Mosts clés: Potencialité Écotouristique, Ventura, Chapada Diamantina.

1. INTRODUÇÃO

Esta dissertação desenvolve um estudo sobre o patrimônio cultural e natural que constitui o potencial ecoturístico de Ventura, localizado no município de Morro do Chapéu, região norte da Chapada Diamantina, uma das principais zonas turísticas do estado da Bahia.

O Ventura constituía, no final do século XIX, um próspero arraial, cuja principal atividade econômica era a exploração diamantífera. Em 1906, o local foi transformado em vila, sede de distrito homônimo (SAMPAIO, 1999).

Atualmente, o Ventura é um pequeno povoado que vem gradativamente reduzindo o seu contingente populacional, desde a década de 1930, como consequência de um processo de crise econômica, questões políticas e falta de infra-estrutura de serviços.

Considera-se que, a partir do final da década de 1980, vem ocorrendo um processo de revitalização sócio-econômica na Chapada Diamantina a partir do desenvolvimento da atividade ecoturística. Assim, esse projeto de pesquisa, foi elaborado no sentido de apresentar elementos que possam contribuir para o processo de revitalização de Ventura, através do ecoturismo, como vem ocorrendo em diversas localidades e municípios da Chapada.

O estudo do patrimônio cultural e natural do distrito de Ventura revela inúmeros aspectos culturais, naturais e paisagísticos de potencial para o ecoturismo. Acrescenta-se ainda, como justificativa para essa pesquisa, que as características do povoado de Ventura, no presente, revelam aspectos favoráveis ao desencadeamento de um processo de desenvolvimento sustentável local.

Considera-se que a validade da implementação de um projeto ecoturístico está na inclusão e geração de benefícios para a comunidade local. Dessa forma, propõe-se que a partir deste estudo seja iniciado um processo de planejamento participativo.

Vale ressaltar que na área de entorno de Ventura, existem diversos recursos naturais de beleza cênica como serras, cachoeiras, rios e biodiversidade da vegetação. No âmbito do patrimônio cultural, destaca-se a existência de sítios com pinturas rupestres e aspectos relacionados ao histórico de formação e apogeu da antiga vila no período da exploração diamantífera (ECOPLAN, 1997; MURITIBA, et al, 1997; SAMPAIO,1999).

O distrito de Ventura atingiu seu apogeu econômico social com a exploração diamantífera e com a exportação de carbonados¹ para o mercado europeu na década de 1920. A partir de 1930, houve uma queda no preço dos diamantes e carbonados na Chapada, causada, dentre outros motivos, pelo reflexo da crise da bolsa de New York em 1929. A crise econômica na região da Chapada Diamantina foi significativamente agravada diante da seca de 1932.

Na vila de Ventura e adjacências, ocorreu um abandono em massa da população residente e, a partir de então, o local entrou em processo de decadência ocasionado por fatores econômicos e políticos.

Observa-se, atualmente, o desabamento de algumas das últimas casas, que expressavam parte do patrimônio arquitetônico e histórico da antiga vila. Assim, o Ventura vai se perdendo da memória da coletividade, as gerações mais novas, via de regra, desconhecem sua história e, quando muito, se referem ao local como uma “cidade fantasma”.

Vale ressaltar que, até então, não se efetivaram ações de apoio à preservação do patrimônio cultural do local, como também não são realizadas obras públicas que tragam benefícios aos poucos moradores que vivem no local da antiga vila, exceto a recente obra de recuperação da pequena igreja de Ventura realizada pela prefeitura municipal.

¹ Carbonado é uma forma rara de diamante microcristalizado que resulta em uma pedra negra, sem brilho, mas com dureza até maior que a do próprio diamante. Era um produto de exportação usado na indústria européia no final do século XIX e início do século XX, as crises no preço do carbonado começaram a acontecer no início do século quando o produto encontrou a concorrência da produção das minas da África do Sul. Na região da Chapada o carbonado é conhecido popularmente como carbonato (FUNCH, 1997, p.177).

Porém, o Ventura começa a despertar significativo interesse no âmbito da pesquisa acadêmica como também, desperta atenção de entidades e organizações não governamentais e da mídia nacional. Nesse sentido, destaca-se o Projeto “Ventura com Ternura” da Casa Baiana para Integração Cultural Latino Americana – CABINCLA. Registra-se que tal projeto é voltado para a restauração do local visando a recuperação do que resta do patrimônio artístico e arquitetônico da antiga Vila (CORREIO DO SERTÃO, 15 de fev. de 2002).

Na esfera da pesquisa acadêmica existe um estudo que faz referência ao patrimônio arqueológico do local, consta também a proposta de revitalização de Ventura através da exploração da sua potencialidade ecoturística, como se afirma na imprensa regional. Tais estudos podem vir a contribuir no sentido de revitalização do local (MORALES; CUNHA, 2002; SAMPAIO, 1999, p.43; CORREIO DA BAHIA, 04 de nov. de 1989).

Identificando elementos para tal revitalização, acrescenta-se a presença de recentes referências ao Ventura na mídia nacional. A reportagem sobre a “cidade dos barões dos diamantes”, exibida em 22 de set. de 2000 pelo Globo Repórter, programa da rede Globo de Televisão. Também o filme “Abril Despedaçado”, ambientado na Chapada Diamantina apresentando um cenário de época (1910), parte do filme refere-se ao Ventura durante os festejos da semana santa². O referido filme foi vencedor do Prêmio Público Jovem (Leocino d’ Oro) do 58º Festival Internacional de Cinema de Veneza em 2001.

Por fim, esta dissertação contribui no sentido de apresentar os resultados de um estudo focalizando o patrimônio cultural e natural da antiga vila de Ventura e seu entorno, na perspectiva de análise sobre a alternativa de desenvolvimento da atividade ecoturística. Ressalta-se, dentre outros fatores, que o planejamento participativo e a concepção do

² “Abril Despedaçado” foi dirigido por Walter Salles e exibido em 2001, consta nos agradecimentos referentes à localidade de Ventura o nome do Sr. Carlos Navarro, um dos antigos moradores que ainda possui propriedades no local, e do Sr. Delmar Lopes, ex-secretário de Cultura e Turismo do município de Morro do Chapéu.

desenvolvimento sustentável local devem servir de base para uma possível implementação da atividade ecoturística em Ventura, seguindo a tendência do que vem acontecendo com outras localidades da Chapada Diamantina.

A problemática desta pesquisa, apresentada no título da dissertação, - “Ventura, dos diamantes ao ecoturismo?” - motivou o estudo do patrimônio cultural e natural por entender que este é o primeiro passo para responder se o Ventura pode vir a ser um local indicado para o desenvolvimento da atividade ecoturística.

Ressalte-se que o significativo patrimônio cultural e natural de Ventura, na perspectiva de desenvolvimento do ecoturismo, está sendo estudado de forma exploratória³. Assim, por exemplo, apesar da significativa importância do estudo da biodiversidade, optou-se por não explorar este aspecto considerando-se a necessidade de estudos científicos aprimorados sobre a temática em questão.

Com relação à seqüência de apresentação dos resultados da presente pesquisa trata-se, inicialmente, de uma revisão de literatura enfocando aspectos conceituais básicos para a compreensão da proposta de estudo sobre o patrimônio cultural e natural de Ventura e a possibilidade deste patrimônio poder trazer benefícios no sentido de revitalizar o local através da atividade ecoturística.

Os principais conceitos apresentados foram: cultura, patrimônio cultural, memória, topofilia, turismo, ecoturismo, desenvolvimento sustentável, planejamento participativo, entre outros.

Entendendo-se a cultura como “produtos do sentir, do pensar e do agir humanos” (PELLEGRINI 1997, p.90), ressalte-se que se deve considerar como cultural o espaço natural que sofreu algum nível de alteração a partir das ações humanas. Assim, o espaço natural

³ Logo, diante da limitação de objetivos definidos para esta pesquisa, diversos aspectos relevantes para a formação de uma proposta de desenvolvimento ecoturístico no local não serão mencionados. Sugere-se, para continuidade desse estudo, uma abordagem mais ampla sobre comunidade local, educação ambiental, organização comunitária, planejamento e ação pública e privada, referente ao ecoturismo, ao meio ambiente, entre outros aspectos.

constitui uma forma de expressão cultural, isto é, a preservação ou níveis diferenciados de alterações antrópicas no ambiente natural é resultado da organização sócio-econômica e cultural. Ressalta-se que o ambiente natural também influencia na percepção do indivíduo sobre a realidade.

Com relação desenvolvimento da pesquisa, apresenta-se a Chapada Diamantina, definindo-a segundo a perspectiva histórica e conforme o critério adotado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), utilizado pela Empresa Baiana de Turismo (BAHIATURSA).

Descrevem-se, então, alguns aspectos da experiência da atividade ecoturística na região da Chapada Meridional, destacando a criação do Parque Nacional da Chapada e o Circuito Turístico dos Diamantes. Apresenta-se, ainda, a perspectiva de desenvolvimento ecoturístico dos municípios da Chapada Norte, grupo de municípios de potencial turístico da Chapada Setentrional e Piemonte da Chapada, entre outros aspectos. .

Na seqüência do trabalho trata-se da memória da vila de Ventura, descrevendo aspectos da trajetória de ascensão e decadência da antiga vila, inserindo-a no contexto regional da Chapada Diamantina. Assim, no resgate histórico dos períodos de apogeu, crise econômica e abandono do local, focaliza-se a luta pela emancipação política do distrito de Ventura.

Cabe ressaltar que, segundo Laraia (1992), “O ser humano vê o mundo através das lentes da cultura”. Admite-se, então, que os depoimentos e entrevistas que embasaram a elaboração do capítulo referente à memória devam ser compreendidos como uma interpretação da realidade, resultado da visão de mundo de cada indivíduo, significativamente particularizada devido aos componentes psicológicos e história de vida de cada um.

A partir do estudo sobre a topofilia, afirma-se a existência de um verdadeiro elo entre o indivíduo e o lugar (TUAN, 1980, p.86), especialmente quando o ‘lugar’ é a própria terra natal da maioria dos entrevistados. Finaliza-se o estudo sobre o resgate da memória de

Ventura, revelando aspectos de uma relação de topofilia, no qual o sentimento de saudade e nostalgia é expresso por uma linguagem poética.

Na finalização da pesquisa, desenvolve-se uma abordagem sobre o patrimônio cultural-natural de Ventura inserindo os resultados mais significativos da fase da pesquisa *in loco* sobre o estudo do patrimônio de Ventura.

Apresenta-se a caracterização da comunidade de Ventura, os registros sobre aspectos arqueológicos da memória do local relacionados ao “cenário” da vila dos diamantes e as pinturas rupestres, a caracterização ambiental, descrição das trilhas e estudo do patrimônio cultural e natural dos percursos e, por fim, a apresentação do Mapa Ecoturístico da área da antiga vila e entorno.

As considerações finais estão relacionadas aos objetivos específicos da pesquisa e, em última instância, ao desenvolvimento do objetivo central desse estudo sobre o patrimônio cultural e natural de Ventura na perspectiva do desenvolvimento ecoturístico.

Destacam-se algumas observações sobre a necessidade de estudos de especialistas em arqueologia pré-histórica no sentido de apresentarem recomendações específicas para preservação do patrimônio arqueológico dos sítios de pintura rupestre de Ventura, no caso desses virem a ser atrativo para visitação turística.

Em caráter conclusivo apresentam-se recomendações voltadas para a preservação do patrimônio cultural e natural e revitalização de Ventura, sugerindo, para tal, a adoção do planejamento participativo. Ressaltam-se como propostas sugeridas para viabilizar o início da atividade ecoturística: a criação da Casa da Cultura e Memorial da Vila de Ventura; a oferta de curso de Capacitação de Monitores de Atrativos Naturais para pessoas residentes no povoado; a efetivação do Projeto Ventura com Ternura para conservação do “Cenário” da antiga vila, entre outros aspectos.

Objetivo Geral

Identificar o potencial ecoturístico da antiga vila de Ventura e entorno através do estudo do seu Patrimônio Cultural e Natural.

Objetivos específicos

- Situar o distrito de Ventura e o recorte da área de abrangência desta pesquisa no contexto de desenvolvimento do ecoturismo na Chapada Diamantina, apresentando a subdivisão regional definida pelo IBGE e adotada pela Bahiatursa.
- Caracterizar aspectos básicos da infra-estrutura turística de Morro do Chapéu, com relação à rede de alojamento, acesso ao município – transporte local e comunicação, serviços de orientação turística e monitoria ambiental indicando esta infra-estrutura como suporte inicial para a proposta de desenvolvimento do potencial ecoturístico de Ventura.
- Resgatar a memória do distrito de Ventura apresentando o ciclo de surgimento e apogeu (1860 – 1932), e o processo de decadência econômica e abandono do local (1932-2004) no contexto regional da Chapada Diamantina.
- Analisar o histórico do distrito na perspectiva da organização política de Ventura e apresentar uma análise sobre o abandono da antiga vila, identificando aspectos de nostalgia e topofilia a partir da ótica poética dos antigos moradores.
- Identificar o patrimônio cultural e natural do local, descrever o perfil sócio-econômico dos moradores e analisar a visão da comunidade de Ventura com relação à perspectiva de desenvolvimento da atividade ecoturística.

- Caracterizar o “cenário” da antiga vila e entorno apresentando recomendações voltadas para preservação do patrimônio arqueológico, especialmente das pinturas rupestres.
- Elaborar um Mapa Ecoturístico de Ventura e apresentar um estudo descritivo das principais trilhas e atrativos naturais e culturais.

1.2 METODOLOGIA

Trata-se inicialmente da delimitação da Localização e Área de Abrangência da pesquisa. O distrito de Ventura pertence ao município de Morro do Chapéu que está localizado na mesoregião da Chapada Diamantina Setentrional (Chapada Norte), correspondendo à área central do estado da Bahia.

O turista ou excursionista que deseje conhecer o Ventura tem como principal opção de acesso no sentido Salvador – Morro do Chapéu, a rodovia BA-052, conhecida como Estrada do Feijão, sendo o percurso de 372 km. Existe também, no município, um campo de pouso.

O Ventura localiza-se, aproximadamente, no km 350 da rodovia BA-052, onde há um desvio à direita. Encontra-se aí o açude do Angelim e através de uma estrada implantada (estrada de cascalho não pavimentada), com percurso de 8 km encontra-se o pequeno povoado da antiga vila de Ventura. Partindo-se da cidade de Morro do Chapéu dista 33 km, sendo que 25 destes são de estrada asfaltada (BA-052) e os 8 km referidos de estrada implantada.

Vale mencionar que o Distrito de Ventura possui os seguintes limites: ao norte o rio Jacuípe; ao sul o Distrito de Duas Barras; ao leste (nascente) município de Itapiramutá e Piritiba; ao oeste (ponte), limita-se com a sede do município. Porém, o presente estudo focaliza apenas a área da antiga vila de Ventura, sede distrital, considerando como entorno as trilhas e locais que possuem atrativos culturais e naturais até 6 Km do povoado de Ventura, incluindo parte da área da Unidade de Conservação UC – Monumento Natural Cachoeira do Ferro Doido.

Explica-se que foi necessária a delimitação de um recorte de área dentro do distrito de Ventura para possibilitar a viabilidade da pesquisa de campo realizada para esta dissertação. Apesar de saber que o estudo completo da área correspondente ao distrito enriqueceria em muito a pesquisa sobre o patrimônio natural e cultural, foi selecionada a área considerada como aquela de maior concentração de recursos naturais e paisagísticos, local com presença de sítios com pintura rupestres e área central para o resgate da memória do histórico do distrito de Ventura.

Segue abaixo a Figura I que apresenta o Mapa da Bahia focalizando a Chapada Diamantina e área de Ventura e Entorno.

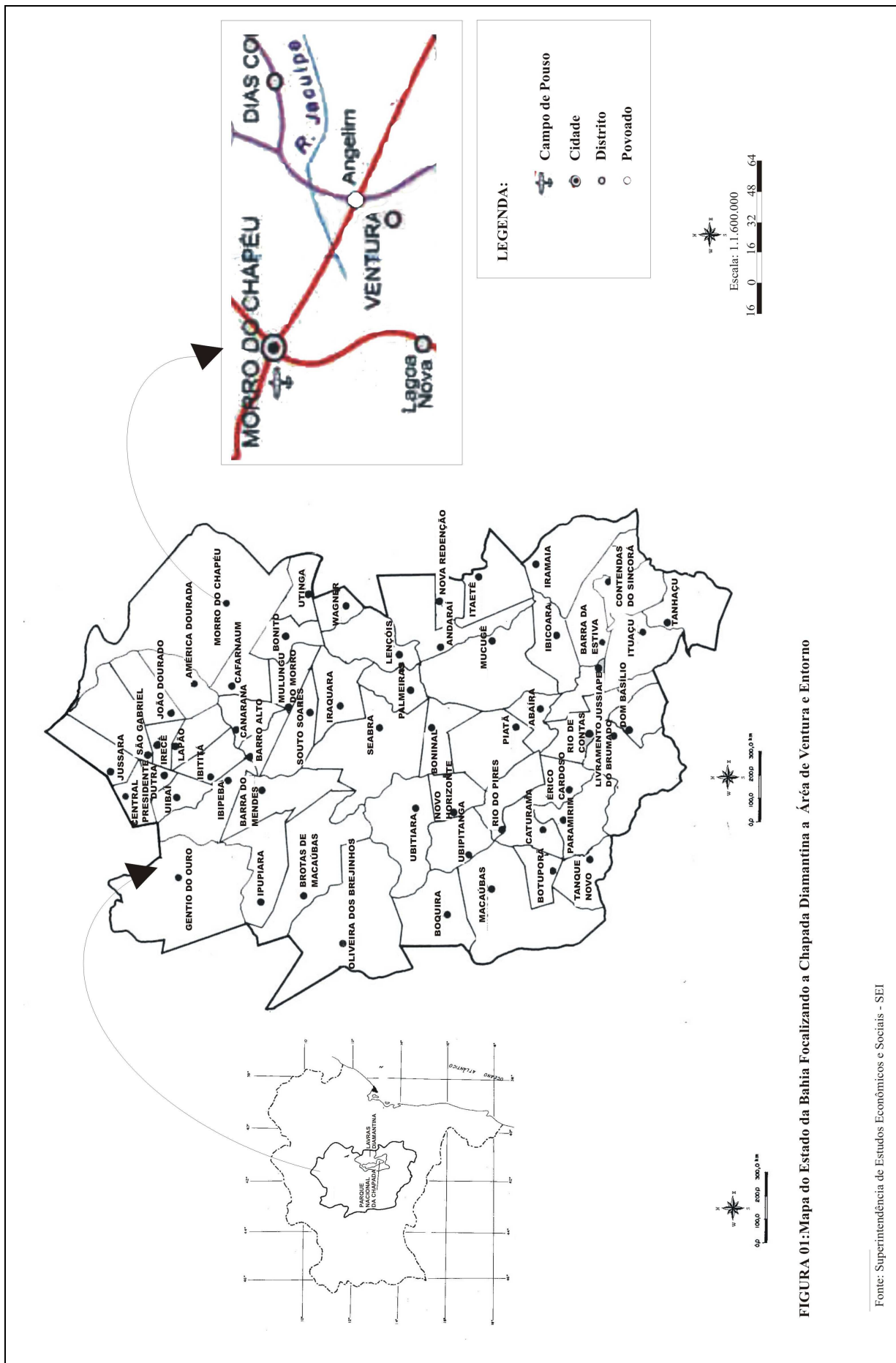


FIGURA 01: Mapa do Estado da Bahia Focalizando a Chapada Diamantina a Área de Ventura e Entorno

Fonte: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais - SEI

Metodologia de Pesquisa

Para atingir os objetivos propostos, foram utilizados, no período de desenvolvimento da pesquisa (2002/2003), suportes teórico-metodológicos de ampla utilização nas ciências sociais destacando-se as entrevistas, a fotografia, a pesquisa documental, dentre outros recursos.

O estudo sobre o Ventura, segundo área de abrangência mencionada, permitiu uma abordagem exploratória, descritiva e analítica que contribuiu para compreensão do universo complexo no qual múltiplos elementos devem ser investigados para apreensão mais ampla possível da realidade social e estudo do potencial ecoturístico.

Vale mencionar que a utilização do “estudo de caso” de um local, tomado como uma unidade social, com objetivo de observação e análise, é um recurso das ciências sociais usual nas pesquisas relacionadas ao turismo (LAGE; MILONE, 1998).

A recuperação da memória, estudo da comunidade e sua relação com o patrimônio natural e cultural do lugar contou com suportes metodológicos da pesquisa qualitativa mencionados na descrição sobre o procedimento metodológico da pesquisa. Tal abordagem busca construir um modelo de investigação com utilização de técnicas e ferramentas que possibilitam tanto respostas claras e precisas no que se refere aos fatos estudados, quanto atendem a questionamentos no âmbito da subjetividade, do imaginário individual e coletivo. São sem dúvida, aspectos preciosos para análise de temáticas relacionadas à memória, às tradições, percepções e comportamento social, enfim à cultura no contexto atual e na dimensão histórica.

Justifica-se a necessidade de recuperação da memória, que tomou como suporte a história oral temática, corrente de investigação historiográfica no final do século XX, de fundamental importância para análise e contextualização histórica referente ao patrimônio cultural.

Igualmente significativa foi a pesquisa documental obtida em arquivos públicos e particulares, sendo os últimos pertencentes a pessoas que vivenciaram os fatos e a história de apogeu e abandono de Ventura, documentos conclusivos para o resgate da memória.

Para atender à problemática central da investigação, foram utilizadas propostas de investigação baseadas na pesquisa documental, na história oral e na descrição das trilhas, dos atrativos culturais e naturais, assim como, de alguns aspectos característicos da comunidade de Ventura. Assim, a reflexão sobre o desenvolvimento local sustentável vai ser construída tendo como base a proposta de desenvolvimento do potencial ecoturístico, quando se faz a análise do turismo como um fenômeno social de conseqüências positivas e negativas para a sustentabilidade econômica, social, cultural, ecológica e espacial (SHACS, 1986).

Os objetivos específicos, especialmente aqueles referentes ao patrimônio das trilhas e atrativos naturais, foram desenvolvidos fundamentalmente através da pesquisa de campo. Para caracterização do patrimônio cultural e natural do local utilizaram-se como recursos: a fotografia, medição de diâmetro do poço de uma das cachoeiras, alturas, largura, desenhos e observação dos diversos atrativos naturais. Tais recursos também foram utilizados para descrição de algumas construções e restos da cultura material da antiga vila de Ventura, na perspectiva arqueológica de estudo da cultura material.

Em se tratando da história de uma vila destruída por uma crise econômica e abandonada, os restos materiais da cultura sob a leitura da arqueologia, da história oral e da pesquisa documental são os elementos básicos do “quebra-cabeça” que deu base à investigação sobre a memória da antiga vila (KUNH, 2001).

Vale ressaltar que, abrangendo a dimensão do presente e do passado histórico, realizou-se o estudo sobre a comunidade local, buscando, principalmente, apreender a percepção da mesma sobre o ecoturismo e as possibilidades de desenvolvimento desta atividade no local. Foram observados, também, alguns aspectos referentes ao universo

material e simbólico, os traços culturais e a relação indivíduo/coletividade com o ambiente físico local.

Atendendo ao objetivo específico de identificação do desenvolvimento ecoturístico na Chapada Diamantina, especialmente no que diz respeito aos municípios referidos pela Bahiatursa como Chapada Norte, foram apresentados alguns aspectos referentes à infra-estrutura para o ecoturismo no município de Morro do Chapéu.

Para desenvolvimento da pesquisa voltada para o resgate da memória e estudo relacionado à perspectiva de desenvolvimento do ecoturismo foram realizadas entrevistas, especialmente no que diz respeito à recuperação da história oral temática de Ventura, de modo a permitir o máximo de espontaneidade e liberdade de expressão do(s) entrevistado(s). Assim, as entrevistas realizadas tomaram como base roteiros semi-estruturados nos quais foram especificadas apenas as temáticas mais significativas para a investigação.

Justifica-se a utilização do caderno de campo como suporte complementar para pesquisa realizada *in loco* por possibilitar maior riqueza nos registros oriundos da observação. Por se tratar de um agrupamento rural, foram registrados algumas informações referentes à produção material, ao universo simbólico, religioso e místico, às relações políticas, as interações com o meio ambiente físico (natural), e práticas do cotidiano do povoado visando a uma melhor compreensão sobre a comunidade de Ventura.

O Procedimento Metodológico desta pesquisa foi constituído por três fases. Em cada etapa investigativa, tomou-se como base as perspectivas metodológicas já mencionadas fazendo-se uso de técnicas e recursos de investigação, dentre os quais destacam-se: a fotografia, o caderno de campo e as entrevistas, além dos dados obtidos em trabalhos acadêmicos, publicações de periódicos, relatórios técnicos e fontes cartográficas:

A Pesquisa de Campo foi orientada para desenvolvimento do Estudo de Caso, com diversas técnicas e abordagens da pesquisa qualitativa, como:

- visita e observação de campo a Lençóis, Palmeiras, Andaraí e Itaetê para coleta de dados sobre a atividade ecoturística desenvolvida no “Circuito dos Diamantes” na Chapada Diamantina Meridional;
- entrevistas e conversas informais para descrição da infra-estrutura turística de Morro do Chapéu (roteiros semi-estruturados): (01) Secretaria Municipal de Cultura, Meio Ambiente, Turismo e Desporto, (01) Conselho Municipal de Turismo, (01) Associação de Taxistas de Morro do Chapéu e (01) Associação de Guias de Morro do Chapéu;
- entrevistas semi-estruturadas com os ex-moradores da vila de Ventura (história oral temática) sete entrevistados;
- pesquisa documental, feita através de acervo público e privado, livros, fotografias, cartas, panfletos e material de campanha política, estatutos, regimentos de organizações da sociedade civil, etc.;
- entrevistas semiestruturadas (e/ou conversas informais) com três proprietários rurais em Ventura, na área delimitada para abrangência da pesquisa;
- entrevistas com roteiros semiestruturados com os residentes da comunidade de Ventura maiores de 7 anos de idade (19 pessoas);
- caderno de campo no qual foram registrados aspectos do cotidiano da comunidade;
- realização de trilhas para os atrativos naturais e culturais de Ventura (pré-indicados pela comunidade) e observação e descrição das referidas trilhas;
- descrição dos atrativos culturais e naturais da antiga vila de Ventura e entorno;
- registro fotográfico atual.

A Sistematização e Análise dos Dados foi realizada após a seqüência das etapas da pesquisa de campo acima mencionadas incluindo a análise do material resultante de fontes secundárias e informações das diversas fontes primárias consultadas.

As lembranças referentes ao Ventura foram relatadas de uma forma abrangente através de entrevistas semi-estruturadas com três dos seus antigos moradores, inclusive uma anciã entrevistada em 2002 e 2003 aos 103 e 104 anos respectivamente. As fases de resistência política e de abandono foram relatadas por ex-moradores e um pesquisador da história do município, contando-se então com mais sete entrevistas e um depoimento.

Foram selecionadas, prioritariamente, as informações referentes à “vida política” da localidade, no sentido de buscar a compreensão sobre o histórico de apogeu e abandono, e o sentimento e percepção dos antigos moradores sobre o referido processo de destruição da vila Ventura .

No processo da pesquisa de campo o jornal Correio do Sertão, referido anteriormente, constituiu uma importante fonte para recuperação da memória de Ventura. Realizou-se, então, pesquisa documental referente à fase de apogeu da localidade, de 1921 a 1927, selecionando-se notícias referentes a aspectos econômicos, políticos, e sociais, é a fase de resistência e reorganização política, iniciada com a criação do subdiretório político de Ventura em 1936, atingindo o ápice no ano de 1950, quando foi escolhido um político nascido em Ventura como candidato a Prefeito, reestruturando uma oposição política no âmbito municipal.

Por fim, para representar a fase de abandono, conforme a mesma fonte referida (o Jornal Correio do Sertão), foi realizada uma pesquisa do período de 1982 a 1989, selecionando-se algumas poesias que fazem referência ao Ventura, publicações relacionadas às lembranças de antigos moradores que revelam saudade, nostalgia e topofilia, enriquecendo a pesquisa também através de uma visão poética.

Vale mencionar que a elaboração desta dissertação foi dividida em cinco blocos temáticos. A divisão abaixo enumerada corresponde à ordem de apresentação dos capítulos desta dissertação:

- (i) Introdução abordando aspectos referentes à justificativa, localização e área de abrangência, objetivos e metodologia da pesquisa, tratados no presente capítulo;
- (ii) apresentação de uma revisão de literatura que deu base à estruturação do estudo de caso de Ventura, a reflexão teórica desenvolvida está relacionada ao objeto de estudo e aos objetivos da pesquisa;
- (iii) descrição de aspectos atuais relacionados ao desenvolvimento da atividade ecoturística na Chapada Diamantina;
- (iv) resgate da memória de Ventura no contexto da Chapada Diamantina;
- (v) estudo das condições atuais do patrimônio cultural e natural de Ventura tendo em vista a perspectiva de desenvolvimento do ecoturismo no local.

2. CULTURA, MEMÓRIA, ECOTURISMO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: MARCO TEÓRICO

Desenvolve-se neste capítulo uma revisão de literatura, relacionada ao enfoque referente à cultura e à memória, cuja abordagem foi direcionada, no primeiro item, no sentido de apresentar bases para a pesquisa sobre o potencial ecoturístico de Ventura, destacando-se os conceitos de patrimônio cultural e natural, toponímia, entre outros.

No segundo item, indica-se algumas das relações existentes entre Cultura e Turismo, ressaltando impactos positivos e negativos da atividade turística, compreendida como um fenômeno social. Tal abordagem tem como desdobramento a apresentação de uma reflexão teórica sobre Ecoturismo e Desenvolvimento Sustentável e Planejamento Participativo.

2.1 CULTURA E MEMÓRIA

A cultura, manifestação da existência humana e que diferencia o ser humano das demais espécies animais, objeto do estudo da antropologia, tem sido definida de diversas formas. O trabalho de Kroeber e Kluckhohn classifica mais de quatrocentas definições do termo cultura (Apud GARRETA, 2000, p.29). A palavra cultura tem origem latina, *cultis* que significa cultivo (cultivo agrícola). Inicialmente, para os romanos, o termo cultura significava todo fazer humano voltado para garantir a sua própria subsistência e continuidade da espécie,

englobando o conhecimento do ciclo anual de produção, a organização do trabalho e as crenças que davam sentido ao conjunto de atividades e relações sociais (Ibid, p. 28).

Os mesmos romanos, na antiguidade, modificaram o significado do termo. A palavra passou a assumir a conotação de refinamento pessoal, refinamento este relacionado com amplos conhecimentos proporcionados por uma educação elaborada, com domínio da língua escrita, o acesso ao saber científico, artístico e religioso, possível somente para um reduzido segmento social, a elite da classe dominante. Surge então a acepção de cultura erudita. Posteriormente, cultura vai ser concebida como mais que o refinamento do saber - o classicismo da cultura erudita - para considerar também as diversas manifestações artísticas (eruditas ou populares), os meios de comunicação de massa, a gastronomia, a indumentária, os idiomas e diversos elementos do universo cultural (SANTOS, 1994, p.20)

Ainda assim, a concepção de cultura só vai assumir, de fato, uma reflexão proporcional a sua amplitude e importância, quando recebe contribuições teóricas das ciências sociais, especialmente do materialismo histórico, da sociologia compreensiva weberiana e da antropologia, a partir da segunda metade do século XIX.

No sentido antropológico, a cultura abarca simultaneamente a totalidade das formas de organização da existência humana, cabendo aí as características particulares de cada grupo social.

Para Garreta, a compreensão sobre a cultura deve partir do reconhecimento de três dimensões: universalidade, pois todas as pessoas possuem cultura; coerência e organização estrutural particular, dadas pelas instituições e costumes de cada grupo; capacidade criadora e caráter dinâmico, ou seja, a capacidade de renovação que a reafirma como um produto do trabalho criativo e como resultado dos sentimentos e esforços para a materialização dos valores do grupo, da tribo, da comunidade, etnia, região ou nação (GARRETA, 2000, p.29).

Partindo da sociologia weberiana, considera-se que a cultura é construída a partir de sentidos, significados e valores inseridos no circuito da vida social, englobando aspectos materiais e imateriais e constitui elemento de produção e reprodução das organizações sociais particularizadas a partir das escolhas individuais e orientações coletivas que se padronizam e cristalizam a partir da aceitação social das mesmas (MENEZES, 1996, p.36; COHN, 1979).

Carruti, et al vêem a cultura como um produto das relações que existem entre os indivíduos e o espaço natural, o meio pelo qual se organizam as relações de trabalho, as relações dos indivíduos de uma comunidade como resultado das organizações que estabelecem e mantêm entre si, as quais envolvem formas de participação social, de festividade e poder, além das relações que a pessoa humana estabelece consigo mesma, com seu corpo, seus desejos e sua subjetividade. No âmbito cultural estão incluídas também as relações entre comunidades, às relações com o sobrenatural e as relações com o que se considera como sagrado, na perspectiva de dar continuidade e sentido à existência humana (Apud GARRETA, 2000).

Para fins deste estudo adota-se, com base em uma visão antropológica, o conceito de cultura compreendida como “produtos do sentir, do pensar e do agir humanos” com abrangência inclusive em se considerar como cultural o espaço natural que sofreu alterações de ações humanas (PELEGRINI, 1997, p.90).

Compreendida a cultura dessa forma, é necessário observar particularmente as instituições, costumes, idéias, valores, linguagem e imaginário de um local, destacando as inter-relações desses elementos com os componentes geográficos, as principais atividades produtivas, os instrumentos de trabalho, entre outros fatores. No caso em estudo, todos os elementos que marcam a cultura material e imaterial da organização sócio-econômica diamantífera na Chapada Diamantina.

A cultura humana permite a constituição de legados transmitidos através das gerações, dos séculos, dos milênios, à espécie humana que foi dominando gradativamente a natureza,

acumulando saberes, fazendo uso da memória. Segundo Pierre Nora, historiador francês, a memória deve ser compreendida como uma reconstrução do passado no presente, tal fato se dá pela existência de uma relação afetiva entre o passado e quem rememora (Apud SANTOS, 1994, p.19).

Duas grandes conquistas representam saltos qualitativos para a humanidade: o saber cultivar (*cultus*) desenvolvimento da agricultura e a domesticação dos animais. Se o ser humano acumula saberes, produz-se cultura, logo, outro salto qualitativo: a necessidade de representação simbólica do conhecimento que dá início a uma forma de comunicação através dos grafismos e das pinturas rupestres – objeto de estudo da arqueologia pré-histórica.

A reflexão sobre cultura construída, como marco teórico para esta pesquisa sobre o patrimônio cultural e natural de Ventura, remete à necessidade de inclusão de um suporte teórico da arqueologia voltada para estudos da pré-história, visto que além do “cenário” da antiga vila existem sítios de pintura rupestre na área de estudo.

Assim, a arqueologia baseia seus estudos e pesquisas na cultura material e, a partir desta, procura estudar o comportamento humano (YACCOBACCIO apud BELLELLI, 2000, p.65). Com o desenvolvimento das pesquisas arqueológicas vão surgir bases teóricas diferenciadas e o objeto de estudo da arqueologia passa a ser concebido como estudo da sociedade humana através da cultura material do passado e do presente.

Para uma melhor compreensão sobre a cultura material, objeto de estudo da arqueologia, apresenta-se a ótica de Carandini. Para o autor, no estudo da cultura material busca-se, através de uma gama de artefatos, compreender o universo dos seres humanos e a relação que se estabelece entre eles (CARANDINI apud BALLART, 2000). Surge, assim, a arqueologia histórica (FUNNARI, 1988).

Retomando a reflexão sobre o patrimônio cultural de Ventura, é válido ressaltar a possibilidade de identificar a “alma de um lugar” pela sua cultura - material e imaterial. É essa cultura que produz o patrimônio construído através da arquitetura, escultura, pintura,

artesanato, mobiliário, utensílios, enfim, todos os artefatos criados para atender as necessidades cotidianas e simbólicas de uma dada organização social, tais como: manifestações populares e míticas, às crenças, rituais, tradições, manifestações, costumes, valores e normas.

Nesse contexto é válido resgatar o significado da palavra de origem romana *patrimonium* “bem ou herança que é transmitido dos pais para os filhos por força da lei. Como um desdobramento da concepção de patrimônio, surgiu, dentro de uma concepção elitista, a noção de patrimônio histórico, referente a monumentos, propriedades luxuosas, edificações oficiais do Estado, capelas, igrejas, conventos, catedrais (PELLEGRINO, 2003).

Somente na segunda metade do século XX, observa-se a expansão do conceito de patrimônio histórico, incorporando elementos da cultura imaterial, esta construída por crenças, símbolos e subjetividade, oferecendo elementos para a transição de patrimônio histórico, para a noção de patrimônio cultural (PELLEGRINO, 2003, p.1). Surge também o conceito de patrimônio natural (ou ecológico) definido como “as formações físicas, biológicas, geológicas e fisiográficas, zonas de habitat animal e vegetal de excepcional valor do ponto de vista estético e científico” (CONAC, 1992).

O patrimônio cultural, nas suas diferentes formas de expressão, possui a característica de atuar sobre a memória. Ao retratar o passado ele pode contribuir para a formação da identidade cultural das gerações presentes. O patrimônio cultural funciona como um elo, ligando no presente o passado ao futuro.

Todo vilarejo, vila, cidade é um espaço da cultura, do patrimônio cultural e da memória. Conforme Santos (1994), do ponto de vista da pesquisa historiográfica, a memória de um lugar abrange, além das edificações, a produção da imprensa, das artes plásticas, da música, da literatura, da produção estética, enfim os diversos elementos que documentam a cultura local.

A reflexão sobre memória remete ao universo dos bens patrimoniais imateriais que compreendem as manifestações culturais populares e eruditas, festejos tradicionais, rituais, o conhecimento sobre a organização social da produção, técnicas produtivas e relações sociais de produção além dos cantos, contos, lendas, crenças e hábitos do cotidiano de uma sociedade (PELLEGRINO, 2003).

A memória, enquanto transmissora da cultura, através das gerações, possui um caráter individual, ao incorporar fatos e vivências que foram marcantes para a experiência de vida do depoente. A partir da afirmativa de Santos (1994) “a memória instala o passado nos altares”, isto é, uma pessoa, ao rememorar o passado, tende a projetá-lo no campo do sagrado.

A antropologia e a arqueologia indicam a importância do estudo das formas de construção e configuração dos espaços residenciais. No caso de Ventura, destaca-se que as últimas casas da antiga vila possuem eiras e beiras⁴ nas fachadas, elementos utilizados na arquitetura para simbolizar o status do proprietário.

Segundo Pelegrini (1997, p.91), os mais variados objetos, até aqueles aparentemente simples, possuem “valor para o conhecimento de uma região, de uma época, de um estilo de vida”. Assim, encontrar as bateias de garimpagem artesanal, as louças chinesa e inglesa e a panela de barro, o candeeiro decorado e o fifó revelam a riqueza e a simplicidade, os opostos da segmentação econômica existentes numa sociedade.

Relembrando a visão sobre classes sociais de Karl Marx (1989) identifica-se na área em apreço, por um lado, uma estrutura fundiária baseada na doação de sesmarias com formação de uma elite composta pela oligarquia rural e por prósperos comerciantes e suas respectivas famílias; por outro lado, a classe trabalhadora composta por pessoas que sobreviviam fundamentalmente do trabalho: garimpeiros, pequenos agricultores, mulheres

⁴ Elementos de decoração utilizados nas fachadas das construções residenciais. Vale ressaltar que a expressão “sem eira nem beira” está relacionada com este elemento, uma vez que ao decorar as fachadas das casas acabava por constituir um diferencial de *status* do proprietário.

que trabalhavam como donas-de-casa, amas de leite, costureiras e bordadeiras e “mulheres-dama”, como eram chamadas as prostitutas.

Apresenta-se, então, um universo rico na recomposição da história de Ventura, composto por bens materiais, móveis e imóveis, e pela cultura imaterial presente nas lendas e crenças, na religiosidade, nos costumes que são representativos para a compreensão do patrimônio cultural.

Segundo Pelegrini (Ibid, p.94), qualquer artefato representativo de uma coletividade carrega em si componentes simbólicos, de um espaço e tempo específico, facilitando a compreensão da memória de um lugar.

É extremamente válido o estudo da cultura regional diamantífera que se desenvolveu na Chapada Diamantina, especialmente quanto ao fenômeno coronelismo. Torna-se claro que a história política da região assume características e dimensões particulares com uma projeção de poder que chega a pleitear que Lençóis “a capital dos diamantes”, se transformasse em capital do Estado (MORAES, 1991; MACHADO NETO, 1972; GUEDES, 1973).

Acredita-se que, quanto maior a proximidade do universo cultural estudado, a possibilidade de compreendê-lo na sua totalidade será ampliada. A partir desta visão, utilizaram-se técnicas de investigação que favoreceram a maior aproximação possível do universo de pesquisa.

Interessa a memória da Vila Ventura com suas especificidades históricas, como parte do universo cultural da sociedade das Lavras Diamantinas da Bahia.

Por fim, para ampliar a compreensão do patrimônio cultural, apresenta-se como o conceito de topofilia definida como o estudo sobre a percepção, as atitudes e os valores envolvidos nas relações das pessoas com o meio ambiente, destacando que existe reciprocidade nesta relação. O espaço natural que quase sempre sofre alterações culturais, também influencia na percepção do indivíduo sobre a realidade. Assim, pode-se afirmar que a topofilia é um verdadeiro elo entre o indivíduo e o lugar (TUAN, 1980, p.86).

Acreditando na existência desse ‘elo’, especialmente quando o ‘lugar’ é a própria terra natal da maioria dos entrevistados, focaliza-se, na história da vila de Ventura, expressões de amor à terra, vínculos com a cultura, o espaço e a paisagem através da ótica dos atuais e dos antigos moradores. A presença do “elo” de topofilia entre os antigos moradores e o local é um indicador da possibilidade de se desencadear um processo de desenvolvimento sustentável de Ventura.

Enfim, pensar em patrimônio cultural como um elemento de atratividade para o ecoturismo requer o estudo das relações existentes entre cultura e memória, história e preservação. Esta é uma das propostas para o estudo de caso do distrito de Ventura.

2.2 CULTURA E TURISMO

Na seqüência, busca-se apresentar o embasamento teórico apropriado para estudo do potencial ecoturístico de Ventura, destacando a definição de turismo, os conceitos de ecoturismo e planejamento participativo e a concepção de desenvolvimento sustentável.

Conforme visto no item anterior, existem inúmeros conceitos de cultura. Partindo da concepção da cultura como “produtos do sentir, do pensar e do agir humanos” (PELEGRINI, 1997) compreende-se que as origens da atividade turística estão intrinsecamente relacionadas ao comportamento humano e à cultura de diversos povos.

As culturas e as organizações sociais são dinâmicas por estarem em um processo dialético de construção. Assim, toda estrutura social possui em si contradições internas que constituem o próprio “germe” da mudança social, conforme a visão marxista da história (MARX, 1989).

Segundo a concepção apresentada com relação à mudança social, afirma-se que influências externas sobre organizações sociais também podem acelerar ou retardar o processo

de mudança social, gerando transformações e, até mesmo, hibridização cultural. As mudanças sociais tendem a ocorrer quando o turismo é implantado em núcleo receptor.

O turismo é um dos elementos que exerce significativa influência sobre a cultura e, via de regra, favorece a ocorrência de processo de transformação social nos núcleos receptores.

As primeiras sociedades humanas não eram, a princípio, fixas à terra de origem. Sabe-se que era comum o nomadismo. Tais viagens de povos nômades, dentre outras conseqüências, possibilitavam o intercâmbio cultural. Nas sociedades complexas, ditas “civilizações”, as viagens já vão assumir uma nova motivação, a busca do prazer (podendo ser lido como lazer). A civilização romana é um exemplo, através da formação de “ilhas” de veraneio (THEOBALD, 2001).

O turismo contemporâneo se construiu com características peculiares no século XX, e ganha uma significativa importância com o desenvolvimento do transporte aéreo em meados do século passado, por facilitar as viagens internacionais. A partir destes e de outros fatores, como, por exemplo, o desenvolvimento do modelo capitalista/fordista que criou uma classe trabalhadora com poder aquisitivo e em busca de *status*, a atividade cresce de tal forma que começa a surgir, na década de 1960, impactos negativos devido a determinados núcleos receptores estarem recebendo uma demanda turística além de capacidade de suporte do local, mesmo em se tratando de centros urbanos. Tal fenômeno começou a ser chamado de “turismo de massa”.

Assim, o turismo, como uma atividade altamente lucrativa do setor terciário da economia, passou a ser objeto de interesse de vários governos por viabilizar o ganho de divisas na balança comercial.

Começa a ser importante conceituar o turismo e definir o turista, tarefa para especialistas da área e técnicos de organizações oficiais do turismo internacional. É necessário então fazer uso de uma nomenclatura que seja aceita como padrão mundial. O conceito deve ser útil estabelecendo não só um instrumento de coleta de dados uniforme, mas, sobretudo,

criando possibilidade de análise dos impactos econômicos do turismo e da grandeza e importância econômica da atividade para as regiões e países receptores. Daí a importância da definição diferenciadora de “turista”, “excursionista” e “visitante”, já que esta vai facilitar não só o planejamento da atividade, mas também a análise dos dados.

Adentra-se numa área conceitual não uniforme, como já referido. As viagens estão presentes em toda a história. Assim, cada povo, civilização ou país pode compreender a associação entre viagem e turismo de forma diferenciada (seria alongada a exposição das diversas definições). Adota-se uma definição de caráter internacional e ampla aceitação.

Para uma maior clareza, apresenta-se uma das definições de turismo mais recentes:

O turismo é um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem do seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural (DE LA TORRE apud BARRETO, Margarita. 1998, p. 13).

Em 1993, a Organização das Nações Unidas (ONU) e a Organização Mundial do Turismo (OMT) aceitaram as definições da Classificação Padronizada Internacional das Atividades de Turismo (CIPIAT) para turista e visitante e excursionista (OMT, 2001):

Turista – Aquela pessoa que em viagem, hospeda-se por, no mínimo, uma noite no local visitado, não necessariamente em uma acomodação paga;

Visitante – Categoria ampla que inclui qualquer pessoa fora do seu local de residência, podendo permanecer no local visitado por até 12 meses, desde que a finalidade da viagem não seja o exercício de uma atividade remunerada no local visitado ou que assuma o caráter de migração. O visitante faz sua viagem por motivos tais como: lazer, negócio, peregrinação e saúde. Exclui-se da definição:

tripulação, pessoas que viajam para casas de fins de semana ou local de estudo e viajantes comerciais;

Excursionista – (Visitante por um dia) Aquele que em viagem diurna faz visitação, mas não pernoita no local, sendo exemplos: o comprador de fronteira, o visitante a bordo de navio de cruzeiro;

Tais definições são relevantes para análise econômica do fenômeno turístico. O turista, via de regra, hospeda-se e realiza gastos com alimentação, transporte, além do lazer. No caso do excursionista, os ganhos para o núcleo receptor são reduzidos, pois não há utilização da rede de alojamento e apesar de existir consumo com alimentação, compras de *souvenir*, lazer..., esse é bastante reduzido devido à sua curta permanência no local. A definição de visitante, mencionada, permite, através de estabelecimento de critérios diferenciadores, a análise econômica do impacto turístico propriamente dito (LAGE; MILONE, 1998; OMT, 2001).

O turismo, enquanto atividade da área de serviços, possui grande importância para a economia na escala local e regional, assim como no âmbito nacional e internacional. Todavia, a relação dos benefícios do turismo nem sempre é mais ampla ou significativa que a dos custos sociais ou impactos negativos da atividade, podendo-se utilizar tal informação para a reflexão sobre impactos na escala local.

O primeiro benefício do turismo a ser destacado é a geração de receita para as áreas de destino, chegando a ter papel significativo na balança comercial de alguns países, quando o desempenho do turismo receptivo for maior que o do emissivo. Tal desempenho é extremamente benéfico para a receita de um Estado, incentiva-se assim o desenvolvimento do turismo internacional, ou turismo receptivo.

Uma análise que privilegie os benefícios para as comunidades receptoras vai apontar o turismo como gerador de empregos diretos e indiretos. Os empregos diretos são aqueles desempenhados pelos ramos essenciais do turismo, como hotelaria e agenciamento. Como

empregos indiretos, compreende-se uma gama de atividades que dão base e sustentação ao desenvolvimento turístico, a saber: bares, boates, clubes; lojas de *souvenir*, fortalecimento da atividade artesanal e do comércio ligado ao consumo do turista.

Ainda no âmbito econômico, deve ser mencionado o efeito multiplicador do turismo, compreendido positivamente, não só para a atividade turística, mas para a área de destino, a partir da identificação das séries sucessivas de impactos econômicos em diversos setores gerados pelo gasto inicial.

Como é sabido, os investimentos no setor turístico são passíveis do efeito multiplicador, podendo gerar uma potencialização de benefícios econômicos para uma região ou país. Por efeito multiplicador, entende-se o efeito que um investimento inicial pode acarretar em seu ramo/setor econômico e como consequência ser generalizado para toda a economia, pois um empreendimento que gera emprego e/ou renda vai circular em fluxo contínuo, atendendo às diversas necessidades biofísicas e psicossociais dos beneficiados por salário ou renda, e estes, ao consumirem, estarão aquecendo a economia (LAGE; MILONE, 1991).

Ressalte-se, ainda, que o turismo traz benefícios sócio-culturais, com melhoria das condições de vida e poder aquisitivo, oferece maior número de empregos e, também, dependendo da forma de desenvolvimento/planejamento, existindo a possibilidade de fortalecimento da auto-identidade cultural das comunidades receptoras, inclusive com o resgate de tradições, usos, costumes e memória histórica da localidade.

Ainda é possível identificar benefícios para os núcleos receptores e entorno, a partir da construção da infra-estrutura adequada para o transporte - da pavimentação de estradas à construção de aeroportos internacionais; implementação ou melhoria de serviços como iluminação pública, segurança, abastecimento de água, áreas de lazer e recreação, planejamento urbano e o desenvolvimento de uma consciência sócio-ambientalista entre outros aspectos associados ao crescimento turístico.

Todavia existe uma rede de conseqüências econômicas, políticas e sócio-culturais apontadas enquanto impactos negativos do turismo. Relaciona-se a seguir, a partir de Archer & Cooper (2001) e Ruschmann (1997), uma visão crítica sobre os custos sócio-culturais do turismo:

- especulação imobiliária, venda da terra pela população local pela aparente oferta de ganhos à “curto prazo”;
- transferência de residentes dos núcleos receptores para periferias ou outras localidades, em muitos casos com perda da possibilidade de manutenção dos trabalhadores autônomos (pequenos agricultores, pescadores, artesãos...);
- transformação de trabalhadores autônomos em assalariados suscetíveis às flutuações de oferta de emprego devido a sazonalidade, ciclo de vida do empreendimento entre outros aspectos;
- perda ou transfiguração de valores sócio-culturais;
- assimilação de valores e práticas trazidos pelos turistas chegando, em casos extremos, ao chamado “efeito demonstração”;
- desenvolvimento de uma rejeição ao turismo e ao turista quando é “gritante” o contraste entre o luxo oferecido aos turistas e a permanência das condições de penúria e miséria das comunidades receptoras;
- aumento da violência, com possibilidades de crise na organização social especialmente no que se refere a comunidades agrícolas/tradicionais;
- desenvolvimento e/ou potencialização do tripé – tóxicos (consumo, tráfico), prostituição (adulta e infantil) e Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), que são posteriormente disseminadas nas comunidades receptoras, ressalta-se que essas problemáticas são ligadas diretamente, mas não exclusivamente, ao turismo;

- identificação, na esfera ambiental, do aumento do impacto antrópico, exploração indevida e, por vezes, ilegal dos recursos naturais, fragilização de ecossistemas e destruição de recursos naturais;
- o destaque ao desenvolvimento do neocolonialismo, dentre os impactos na esfera política, retirando o poder dos níveis local e regional e favorecendo as companhias multinacionais que negociam diretamente com o governo nacional;
- possibilidade de geração de ressentimento entre povos e nações com efeitos negativos nas relações internacionais.

O equilíbrio entre custo e benefício deve ser pautado em uma construção de um projeto social que envolva comunidade(s) receptora(s), considerando seus diversos interesses, segundo a ótica das lideranças locais, organizações não governamentais, instituições e órgãos da esfera pública e da iniciativa privada.

O turismo deve ser desenvolvido a partir de um planejamento que envolva uma pesquisa ampla de caráter interdisciplinar, inclusive com elaboração de diagnósticos e prognósticos. Nesse ínterim, cabe ressaltar a importância desses recursos para minimização de impactos negativos do turismo em diversas esferas, especialmente a ambiental, que requer estudos da capacidade de carga para áreas protegidas pelas categorias de legislação ambiental, para os ecossistemas frágeis e para as comunidades receptoras.

Cabe salientar ainda que, para o desenvolvimento de qualquer ramo do turismo, inclusive o ecoturismo, é necessário que estejam presentes, ou sejam criados e fomentados, os princípios considerados essenciais para tal atividade, a saber: atratividade, considerado aí o patrimônio do local; acessibilidade ser possível chegar ao local, considera-se aí as estradas e meios de transporte possíveis; e facilidade no que abrange às condições de infra-estrutura para receber turistas.

Tais princípios serão abordados no desenvolvimento do trabalho, porém, cabe ressaltar como reflexão teórica, que o fenômeno turístico tem uma multiplicidade de dimensões a

serem consideradas além dos impactos positivos e negativos da atividade conforme acima referidos. O turismo não deve ser visto como a panacéia que venha a resolver todos os problemas econômicos, mas pode causar impacto positivo para a economia local. Se bem estruturado, envolvendo a participação da comunidade, pode contribuir para a conservação do ambiente natural e cultural do lugar.

É neste contexto que se insere o caso de Ventura. O turismo pode se tornar o veículo que possibilitará evitar que a história e a cultura que se desenvolveu no local caiam no esquecimento. Daí a importância de um trabalho de resgate da história e da cultura que ali se desenvolveu, combinando com aspectos do patrimônio natural existente na região, imprimindo uma feição atual para o turismo local. Trata-se, portanto, de um trabalho de resgate da memória, valorização da cultura e contribuição para melhor compreensão da atividade ecoturística reforçando assim elementos da identidade local.

2.2.1 Ecoturismo e Desenvolvimento Sustentável

A apresentação de marco teórico com relação ao ecoturismo e ao desenvolvimento sustentável é de fundamental importância para reflexão inicial sobre a perspectiva de desenvolvimento ecoturístico em Ventura, identificando potencialidades e problemáticas existentes e aspectos positivos e negativos do possível desenvolvimento da atividade ecoturística.

As concepções de ecoturismo e de desenvolvimento sustentável, elaboradas entre 1970 e 1990, são conseqüência de um longo período de reflexões, críticas, propostas buscando a criação de um modelo econômico-social de equilíbrio e respeito à integridade do meio

ambiente⁵, dos ecossistemas e da vida. Dessa forma, é necessário mencionar conceitos básicos que fazem interface com o ecoturismo.

No contexto referido cabe, inicialmente, a reflexão sobre o meio ambiente, enquanto conjunto composto pelo ser humano e a natureza. O ser humano, enquanto sujeito social, transforma a natureza e cria modelos de sociedade com diferentes formas de relação com o ambiente natural.

As ações humanas, construídas socialmente, são condicionadas histórica e culturalmente por percepções, experiências e conhecimentos acumulados a partir dos modelos sócio-econômicos de interação do homem com a natureza.

As origens da proposta do ecoturismo estão inseridas no contexto de crise e de crítica ao modelo de desenvolvimento econômico capitalista. Em 1973, a proposta do ecodesenvolvimento foi formulada por Maurício Strouge, apresentada e difundida posteriormente no meio acadêmico pelo economista Sachs que focaliza, dentre outros aspectos, a sustentabilidade ecológica, sócio-cultural e econômica (SACHS, 1986).

Com relação ao ecoturismo, vale registrar que a atividade tem sua fundamentação proposta nos anos de 1980 como fator de expressão de uma consciência ambiental e um desdobramento da proposta do ecodesenvolvimento que, segundo Sachs (1986), é resultado de uma releitura crítica do modelo de desenvolvimento econômico do século XX.

A partir da proposta do ecodesenvolvimento, a questão ecológica ganha significativa projeção e o ecoturismo apresenta-se como uma nova concepção. Cria-se uma estratégia de marketing vinculado à questão ambiental e surge um novo segmento da atividade turística.

⁵ Compreendido como o conjunto do componente antrópico e a interação dos sistemas da Atmosfera, Hidrosfera, Litosfera e Biosfera, que integrados e em equilíbrio dinâmico com os Ecossistemas possuem fatores constitutivos da vida. Cada elemento do meio ambiente exerce papel fundamental para o todo, sendo a ação humana preponderante e decisória para a manutenção do equilíbrio do meio ambiente (HIDALGO, 1990).

O ecoturismo, conforme exposto, pode ser compreendido como uma nova concepção turística, reformulação esta indicada como necessária pela visão crítica da sociologia do turismo desde a década de 1970 (KRIPPENDORF, 1989).

Como não há um consenso na literatura quanto ao conceito de ecoturismo, optou-se pela utilização do conceito intrinsecamente vinculado às propostas do ecodesenvolvimento. O ecoturismo, de forma geral, é fundamentado a partir de uma proposta ecológica com objetivo de conservação⁶ e educação ambiental voltada para o próprio ecoturista e também para toda a comunidade envolvida com a atividade ecoturística.

A partir das premissas de desenvolvimento da atividade em áreas de relevante patrimônio natural e reduzido impacto antrópico, conservação ambiental e educação ambiental o modelo do ecoturismo tem se desenvolvido em áreas que têm potencial atrativo devido à beleza cênica dos recursos naturais, biodiversidade da fauna e flora, etc.

A concepção de ecoturismo, segundo a proposta ética referente à integridade cultural e defesa ecológica, consta no Código de Conduta para o Ecoturista da American Society of Travel Agents – ASTA, publicado pela Organização Mundial do Turismo – OMT (ASTA, 1993).

A atividade ecoturística, de forma geral, consolida-se como uma experiência de ruptura com o turismo de alto impacto no ambiente físico e sócio-cultural, propondo que o ecoturismo seja um fator de aproximação, conciliação e integração do visitante com o ambiente – ecossistemas, paisagens e cultura (BRANDOM, 1995).

O ecoturista é definido como uma pessoa que busca nas suas viagens conhecer o patrimônio ecológico e cultural, obter informações e comportar-se dentro de uma conduta baseada na educação ambiental; ele deve cuidar e conservar as áreas visitadas para que não haja danos aos ecossistemas, dentro dos princípios da sustentabilidade ecológica e cultural. O

⁶ Compreende-se conservação ambiental enquanto uma categoria utilizada pela Legislação Ambiental referente às áreas que precisam ser mantidas sem grandes alterações, sendo permitido nas mesmas algumas formas de uso sustentável.

ecoturista, por definição, é aquele que busca experiência pessoal para compreensão do ambiente natural, dos ecossistemas e da identidade e alteridade cultural dos núcleos receptores (SOUZA, 1995; STRADMANN, 1997).

A proposta do ecoturismo encontra dificuldades para concretização e prática, pois existem inúmeras experiências de (eco)turismo, desenvolvidas em áreas que possuem notáveis recursos e atrativos naturais e reduzido impacto antrópico, que não podem ser classificados dentro da concepção ecoturística (SWARBROOKE, 2000).

Para tal, é necessário ressaltar a importância do planejamento amplo e integrado regionalmente que desenvolva programas e projetos viabilizando que as práticas assumidas pelo empresariado, pelo turista e pela comunidade do núcleo receptor estejam orientadas para o referido objetivo da sustentabilidade ambiental (BENI, 2000).

Internacionalmente, o ecoturismo tem-se consolidado como segmento significativo no setor turístico, tendência de mercado há aproximadamente duas décadas, contando no Brasil com incomparável diversidade de recursos e potencialidade ecoturística (PELEGRINI, 1997).

Buscando consolidar a atividade ecoturística, formou-se um grupo interministerial composto pelos Ministérios da Indústria, do Comércio e do Turismo – MICT e Ministério do Meio Ambiente, Recursos Hídricos e da Amazônia Legal – MMA, contando com a Embratur e o Ibama para elaboração das “Diretrizes para uma Política Nacional do Ecoturismo”.

Segundo o referido documento, o ecoturismo deve ser construído de forma participativa, com a comunidade e demais agentes sociais envolvidos, com o objetivo inicial de respeito, conservação e preservação⁷ dos recursos culturais e naturais devendo resultar em benefícios sócio-econômicos e culturais, especialmente no que diz respeito às comunidades

⁷ Nos casos específicos previstos pela Legislação Ambiental do Brasil as Unidades de Conservação - UC são divididas em duas categorias UC de Uso Direto, permitindo a exploração econômica dos recursos de forma sustentável a exemplo das APA's – Área de Proteção Ambiental e as UC de Uso Indireto, ou unidades de preservação, a exemplo, de Reserva Biológica, Reserva Florestal, etc.

receptoras que, dessa forma, possam vivenciar um processo de desenvolvimento local sustentável (BRASIL, 1994, p.12).

Pretende-se que, a partir das diretrizes estabelecidas para o ecoturismo, sejam orientadas ações para o desenvolvimento regional promovendo a implantação de uma Política Nacional de Ecoturismo com objetivo de favorecer a comunidade através da geração de melhores condições de vida e reais benefícios, e ao meio ambiente, como uma ferramenta de valorização dos recursos naturais, entre outros aspectos. Orienta este estudo o conceito de Ecoturismo adotado pela Embratur, considerando-se que o mesmo deva ser sugerido como aquele mais adequado para ser adotado como um referencial para o desenvolvimento da atividade na região em apreço:

“... um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva a sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem estar das populações envolvidas” (BRASIL, 1994, p.19).

Por tanto, considera-se neste estudo o ecoturismo como uma segmentação da atividade turística que contempla práticas de observação, caracterizando-se como uma atividade de reduzido impacto, o também chamado turismo *light*. Dessa forma, considera-se como um segmento diferenciado do “turismo de aventura”⁸ que, apesar de possuir algumas semelhanças com o ecoturismo, como ser praticado em ambientes naturais de beleza cênica, não deve ser considerado como tal visto que não atende ao ideário formulado para a concepção do ecoturismo.

Apresentado o histórico de surgimento, o conceito e a visão crítica sobre o ecoturismo cabe estabelecer o nexos entre este e o desenvolvimento sustentável.

⁸ Considera-se que atividades tais como *rappel*, passeios de bugre e jipe, etc, fazem parte da modalidade Turismo de Aventura.

No contexto de reflexões e críticas dos anos de 1970 surge, conforme já mencionado, a concepção de Ecodesenvolvimento. Tal proposta crítica é baseada na autonomia de escolha de modelos de produção visando garantir comunidades e nações a sustentabilidade econômica, social, cultural, espacial e ecológica (SACHS, *Ibid*).

Assim, a proposta do desenvolvimento sustentável pode ser entendida como um desdobramento simplificado da noção de sustentabilidade, presente na concepção de Ecodesenvolvimento.

A concepção de desenvolvimento sustentável, partindo do seu objetivo central de viabilizar um modelo de desenvolvimento capaz de trazer benefícios para as gerações atuais e garantir a permanência dos recursos para as gerações futuras, conforme o Relatório de Brundtland, resultou no documento *Nosso Futuro Comum* (CMMAD; 1991). Tal concepção foi amplamente aceita e divulgada a partir de sua apresentação na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente (ECO-92), realizada no Rio de Janeiro – Brasil, 1992.

Tal concepção é compreendida como uma busca de estabelecimento de princípios ambientais, econômicos e éticos constituindo uma rede que propicia o desenvolvimento econômico garantindo a qualidade dos recursos naturais e do patrimônio cultural (RUSCHMANN, 1997; SWARBROOKE, 2000).

Assim, o desenvolvimento sustentável, inclui necessariamente uma reflexão sobre impactos da atividade turística. Surge a formulação do turismo sustentável, aplicável para qualquer ramo e modalidade de desenvolvimento turístico.

O turismo sustentável, que deriva do Desenvolvimento Sustentável, tem como um documento de significativa importância o Plano de Ação Comunitária a Favor do Turismo – Conselho da União Europeia – 1992, no qual consta como fatores prioritários “conservar e proteger a qualidade do meio ambiente natural, assim como o patrimônio cultural e respeito à integridade das populações locais” (CONAC, 1992 p. 17).

O turismo sustentável deverá ser desenvolvido em todos os segmentos da atividade turística, respeitando o meio ambiente e a cultura das comunidades envolvidas, entre outras premissas, voltadas para a minimização dos impactos negativos culturais e ambientais.

Segundo a proposta de desenvolvimento regional integrado para a Chapada Diamantina (SEPLANTEC/CAR, 1997), deve-se adotar o planejamento integrado regionalmente, visando à preservação e conservação ambiental, a redução do nível de pobreza e diversificação das atividades produtivas, segundo estudo de viabilidade econômica, associado a um projeto cultural que reforce os laços de auto-identificação da comunidade e do pertencer territorial, através de um processo permanente de apropriação regional das culturas locais (SEPLANTEC/CAR 1997, p. 58).

O desenvolvimento sustentável depende de um projeto de reeducação humana, no sentido de respeito à lógica do meio ambiente e, portanto, à lógica de vida e da existência do planeta que deverá ser mantida para as gerações atuais e futuras tendo, enquanto perspectiva para o futuro, alcance multidimensional, devendo articular, para fins de planejamento, as dimensões: “geoambiental, econômica, social, histórico-cultural, científico-tecnológico e político institucional (SEPLANTEC/ CAR, 1997, p. 58)”.

Na lógica do ecoturismo e da sustentabilidade compreende-se, então, a importância em recusar o turismo, enquanto criação da sociedade de consumo, que transforma tudo em mercadoria.

A proposta do ecoturismo tem, como princípio, inviabilizar as degradações e o uso indisciplinado da natureza, sugerindo alternativas que devem ser construídas, especialmente, na esfera local e regional, para evitar impactos negativos do desenvolvimento ecoturístico.

No contexto desta pesquisa, observa-se que o “brilho dos diamantes” e a “riqueza trazida por esse raro e fascinante produto da natureza” está de volta à Chapada Diamantina através da revitalização promovida pelo ecoturismo. Desde os anos de 1980 a vocação

ecoturística da região transforma-se em uma nova atividade econômica que cresce e, gradativamente, apresenta seu efeito multiplicador na economia.

De novo é a natureza, antes com os diamantes agora com seus monumentos de beleza cênica, com a biodiversidade da vegetação, fauna e flora, o clima entre outros fatores, que exerce fascínio e atrai os segmentos turísticos.

Especialmente o ecoturista, um segmento crescente na região, constituído por visitantes que buscam nas suas viagens não só a apreciação das belezas cênicas e o contato com a natureza, mas, a melhor compreensão sobre os ecossistemas visitados e o conhecimento e respeito à integridade dos recursos naturais e os valores, crenças e costumes da cultura local. O ecoturismo não é apenas mais um modelo turístico e um instrumento de marketing. A proposta do ecoturismo surge de um processo lento de crítica aos efeitos negativos do turismo, como também ao chamado turismo de massa, e encontra na Chapada Diamantina o espaço adequado para desenvolvimento.

Sabe-se que, na atualidade, a práxis tem se desviado das premissas do ecoturismo. Tal realidade leva à reflexão sobre a necessidade de planejamento e ações que efetivamente viabilizem o desenvolvimento do ecoturismo e outras modalidades turísticas afins, como o turismo de aventura, com garantia de sustentabilidade ecológica e cultural na Chapada Diamantina.

A atividade ecoturística na Chapada Diamantina deve ser desenvolvida, garantindo a manutenção da identidade cultural dos núcleos receptores e a preservação dos recursos naturais para que “o prazer e o contato com a natureza seja essencialmente inesgotável” (FUNCH,1997, p.9).

Como a atividade ecoturística apresenta-se como uma fonte alternativa econômica para o desenvolvimento sustentável em diversas localidades da Chapada. Pretende-se com o resultado desta pesquisa refletir sobre a perspectiva de implementação da atividade ecoturística como forma de revitalização sustentável de Ventura.

A partir da identificação das questões relacionadas ao potencial ecoturístico, constituído pelo patrimônio cultural e natural da área de estudo -Distrito de Ventura - cabe destacar a importância da reflexão sobre a aplicabilidade das premissas do ecoturismo e do desenvolvimento sustentável para tal área, ressalta-se o significativo papel do planejamento para otimização de resultados.

2.2.2 Planejamento participativo e ecoturismo

O planejamento deve ser compreendido como um *devir*, um processo dinâmico que atua com múltiplos fatores concomitantes e, muitas vezes, conflitantes, em contextos que envolvem elementos multidimensionais da realidade social. O planejamento é necessário para a atividade ecoturística a ser iniciada ou em desenvolvimento em um determinado local.

Segundo Mário Barreto (1991, p. 13), através do planejamento busca-se coordenar o curso de uma ação com finalidade de alcançar um objetivo futuro, devendo ser lícito a permanente revisão e correção de rumos, por se tratar de realidades dinâmicas.

Pode-se considerar, de forma geral, que o planejamento constitui um sistema circular que, conforme a visão de Ignarra (1999, p. 69), integra “etapas que vão se relacionando de forma dialética e dinâmica”. As etapas mencionadas pelo referido autor formam um ciclo composto pelo diagnóstico, prognóstico, definição de objetos e estratégias, implantação do plano, avaliação dos resultados, revisão do plano e alteração do curso, fechando o ciclo.

O planejamento participativo, como uma nova concepção, toma por base o estabelecimento de cooperação. Dencker (1998, p.229) enfatiza que o planejamento deve ser realizado com e não apenas para as comunidades ou grupos sociais envolvidos.

Essa percepção leva a valorização do planejamento que reconhece a importância das pessoas envolvidas, seja individualmente, enquanto lideranças políticas, sociais, religiosas e carismáticas seja coletivamente, considerando aí a comunidade como um todo. A nova tendência à adoção do planejamento participativo é ressaltada da seguinte forma:

O que efetivamente está mudando é o modelo de planejamento, de modo que o planejamento centralizado está dando lugar ao participativo, que reconhece as capacidades e interesses locais e regionais e as realidades dos grupos humanos e econômicos que atuam nas respectivas áreas (MARQUES; BISSOLI, 2000, p. 54).

A concepção do Planejamento Participativo consta oficialmente como objetivo do ecoturismo, conforme conceito adotado pela Embratur (BRASIL, 1994, p. 19). Acrescenta-se que a Embratur adota no Plano Nacional de Municipalização do Turismo o ZOOP - Planejamento de Projetos Orientado por Objetivos como metodologia a ser utilizada no planejamento participativo (BOLLAY apud DENCKER, 1998, 228).

Vale ressaltar alguns aspectos do método ZOOP, como o de integração das etapas de trabalho, análise do envolvimento da comunidade e participantes, análise dos problemas utilizando a técnica de elaboração do cenário negativo – relativo às problemáticas – e cenário positivo referente aos objetivos com visualização através da construção da “árvore de problemas” e “árvore de objetivos”.

A adoção da seqüência das etapas e ferramentas mencionadas favorece o bom desenvolvimento dos planos, viabilizando a concretização dos objetivos com apoio da equipe multidisciplinar de especialistas, lideranças comunitárias e envolvimento da população diretamente atingida. No caso do planejamento participativo do turismo, o envolvimento da população das comunidades receptoras é fundamental.

A construção do planejamento participativo requer um comportamento ético profissional que muitas vezes exige mudança de atitudes por parte da equipe de especialistas

envolvida, pois é necessário o conhecimento das experiências e potencialidades dos envolvidos no planejamento (DENCKER, 1998).

O planejamento participativo favorece a execução de planos, programas e projetos constituindo uma ferramenta básica para viabilizar a integridade dos ecossistemas, a valorização e conservação dos monumentos naturais como cachoeiras, serras, recursos de beleza cênica e atrativos paisagísticos, como também do patrimônio histórico cultural.

Conforme concepção mencionada, o planejamento participativo é apresentado como fator fundamental para que haja nas diversas comunidades receptoras de (eco)turistas a valorização da identidade cultural e da memória local como elemento chave para minimizar de impactos sócio-culturais negativos no comportamento e nos valores sociais, servindo de instrumento para compreensão de que no ecoturismo existe uma lógica que favorece o intercâmbio cultural, e não um processo meramente de aculturação e assimilação do *modus vivendi* dos visitantes.

No processo de planejamento participativo devem ser propostas ações voltadas para interpretação do patrimônio no sentido de contribuir na formação da identidade cultural que considere aspectos da memória local.

Tal planejamento é compreendido como o modelo mais adequado para estabelecimento de objetivos, realização de metas, envolvimento coletivo, comprometimento comunitário podendo como resultado, favorecer o bom desenvolvimento dos planos, programas e projetos que venham a ser elaborados.

De acordo com a proposta do ecoturismo e a utilização do planejamento participativo, acredita-se ser possível atender as premissas de sustentabilidade, inclusive a integridade dos recursos naturais e o respeito à cultura local, desde quando haja envolvimento comunitário baseado, entre outros fatores, no trabalho voltado para educação ambiental e interpretação ambiental.

Para tal, é necessário salientar a importância da educação ambiental para favorecer o respeito à legislação ambiental, que só será bem aceita na medida em que não seja apenas proibitiva e restritiva. É necessário que se construa através do planejamento participativo proposto viável, sobretudo no âmbito das alternativas econômicas, para as comunidades residentes nas Unidades de Conservação e entorno.

Ressalte-se também a necessidade de planejamento apropriado para o ecoturismo em todas as empresas envolvidas com esta modalidade turística, especialmente as agências que promovem as viagens e visitas locais.

Acrescenta-se que é de fundamental importância a capacitação dos guias para desenvolvimento da atividade ecoturística. Segundo Stradmann (1997, p.58), apenas um reduzido grupo de guias que exercem atividades na Chapada Diamantina atende aos critérios de formação para a prática do ecoturismo, no sentido de educação ambiental, consciência dos limites físicos e dos riscos para os turistas no desenvolvimento das trilhas e capacitação em primeiros socorros, conhecimento dos ecossistemas, conhecimento sobre a história e a cultura da região, especialmente, no que diz respeito aos elementos mais marcantes que despertam interesse ao ecoturista.

Observa-se a importância de, no processo de planejamento participativo para implementação da atividade ecoturística, sejam identificados os limites de capacidade de carga com a comunidade local (RUSCHMANN, 1997).

A capacidade de carga é definida por Cooper (2001, p. 218-219) como “o número máximo de pessoas que pode utilizar um local sem uma alteração inaceitável no ambiente físico e sem um declínio inaceitável na qualidade da experiência dos visitantes”.

Ainda conforme o pensamento do autor, deve ser ressaltado que os limites de saturação (físicos, ambientais, sócio-culturais, econômicos e de recepção de fluxo turístico) não podem ser confundidos com a noção de capacidade de carga, pois nos limites de saturação, está embutida a noção de sustentabilidade e a capacidade de carga “refere-se a

situações nas quais o crescimento do turismo não é mais sustentável” estando propenso a entrar em declínio do seu ciclo de vida (COOPPER, 2001, p.218 e 219).

Acredita-se que o processo de planejamento participativo deva ser realizado em período anterior a efetivação da implantação de um hotel, pousada, etc. permitindo que surja uma melhor compreensão sobre o fenômeno ecoturístico enquanto benefícios e impactos negativos e a reflexão sobre a vocação ecoturística da localidade, entre outros aspectos. Em termos operacionais, indica-se que devem ser formados pequenos grupos, sem hierarquia para que seja estimulada a criatividade (DENCKER, 1998, p. 229).

No sentido de dar base ao processo de transformação do potencial de Ventura em atrativo ecoturístico é necessário dar início a um processo de planejamento participativo, buscando atender as premissas do desenvolvimento sustentável.

Essa pequena explanação sobre ecoturismo e planejamento participativo serve de base teórica para a melhor compreensão sobre a percepção e posicionamento da comunidade de Ventura que será apresentada no desenvolvimento desta dissertação, no sentido de um possível crescimento da atividade ecoturística no local.

Ou seja, a questão do planejamento participativo pressupõe a participação da comunidade na tomada de decisões. Assim, é preciso previamente identificar a visão desta comunidade sobre a importância do local com relação ao seu patrimônio cultural e natural. Para tal, busca-se identificar as noções sobre impactos, positivos e negativos, que podem ser desencadeados com o ecoturismo, a compreensão sobre a relevância dos sítios arqueológicos de pintura rupestre, do conhecimento da fitoterapia, da fauna e flora local e da importância de práticas conservacionistas que evitem impactos ao meio ambiente físico e, especialmente, a compreensão do que resta da antiga vila de Ventura enquanto patrimônio histórico do ciclo de mineração diamantífera da Bahia.

3. ECOTURISMO NA CHAPADA DIAMANTINA: PATRIMÔNIO CULTURAL E NATURAL

A Chapada Diamantina é uma das zonas turísticas da Bahia, localizada na área central do Estado da Bahia, com relevo de planaltos e serras escarpadas sendo divisor de águas das bacias dos rios de Contas, Paraguaçu e São Francisco.

Grande parte da Chapada vem sendo beneficiada direta ou indiretamente pelo incremento econômico surgido na região a partir do desenvolvimento da atividade ecoturística que assume significativa importância em meados da década de 1980.

Todavia, nem sempre o que tem sido chamado de ecoturismo corresponde, de fato, a concepção formulada para a atividade conforme perspectiva crítica indicada por Swarbrooke (2000), mencionada no capítulo anterior.

Neste capítulo, apresenta-se a Chapada Diamantina como o universo histórico de pesquisa, visando compreender a região na perspectiva da cultura e do turismo. Parte-se da

descrição da atividade ecoturística na Chapada Diamantina com o recorte da área do povoado de Ventura e entorno para estudo do patrimônio cultural e natural e do potencial ecoturístico local. Para uma melhor visualização da área de estudo e da região da Chapada Diamantina observar os Mapas apresentados no capítulo anterior (Figura 01).

Com o objetivo de refletir sobre o patrimônio cultural e natural do distrito de Ventura, serão registradas algumas considerações relativas à sustentabilidade dos recursos naturais objeto de exploração do (eco)turismo desenvolvido na Chapada Diamantina⁹. Espera-se que com o planejamento adequado, problemáticas já identificadas em algumas localidades da região não venham acontecer em Ventura, caso a atividade ecoturística ali se desenvolva.

Conforme perspectiva histórica utilizada por Bandeira (1992, p. 11 e 12) a utilização do termo Chapada Diamantina refere-se aos municípios de Andaraí, Barra da Estiva, Brotas de Macaúbas, Ibitiara, Irecê, Itiaçu, Lençóis, Livramento de Brumado, Morro do Chapéu, Mucugê, Oliveira dos Brejinhos, Palmeiras, Piatã, Rio de Contas, Santo Inácio e Seabra e outros¹⁰ (vide Figura 02).

Tal divisão é proveniente da Resolução nº 124 da Assembléia Geral do Conselho Geral de Geografia, de 13 de julho de 1945, que fixava a divisão dos estados federados em Zonas Fisiográficas e estabeleceu a Zona da Chapada Diamantina com os municípios acima mencionados.

Vale ressaltar que a Empresa Baiana de Turismo (BAHIATURSA) adota uma política com ações e marketing diferenciado subdividindo a Chapada Diamantina “histórica”, utilizando como critério a última divisão geográfica do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE “Divisão Regional do Brasil em mesorregiões e microrregiões geográficas” (Resolução PR-51, 31.07.89) que divide a Chapada “Histórica” em duas em mesorregiões: a

⁹ Não é objetivo deste estudo fazer uma análise de custos benefícios do turismo na Chapada Diamantina.

¹⁰ As informações mencionadas sobre a antiga e a nova divisão territorial da Chapada Diamantina foram baseadas na Nota Explicativa de Celeste Moreira - Chefe do Setor de Documentação e Disseminação de Informações do IBGE na Bahia, conforme consta em BANDEIRA (1992, p.11 e 12).

Chapada Diamantina Meridional¹¹ e a Chapada Diamantina Setentrional¹² com área total de 84.360km².

Por ser utilizado pela Bahiatursa, menciona-se neste capítulo o critério de divisão regional do IBGE (1989) para fazer referência ao processo de desenvolvimento ecoturístico da Chapada Diamantina. Foram consideradas como áreas relacionadas ao contexto da pesquisa: a Chapada Diamantina Meridional, a Chapada Diamantina Setentrional, focalizando o distrito de Ventura em Morro do Chapéu, e Piemonte da Chapada¹³, por estarem relacionadas com o histórico da exploração aurífera e diamantífera na Bahia e constituir, atualmente, área de potencial e/ou desenvolvimento ecoturístico (IBGE apud BANDEIRA, 1992).

Vale registrar que, a partir da década de 1990, a Bahiatursa vem desenvolvendo uma política unificada com planejamento, ações e marketing para os municípios da Chapada Setentrional e Piemonte da Chapada, que possuem interesse no desenvolvimento do ecoturismo, referindo-se aos mesmos como Chapada Norte.

Todavia, é importante ressaltar que a força motriz para o ecoturismo de toda a Chapada está na área Meridional associada aos municípios que possuem área incluída no Parque Nacional da Chapada Diamantina, dos quais a cidade de Lençóis é privilegiada na escolha dos turistas.

Além do grande chamariz ecoturístico do Parque Nacional, localizado na Chapada Meridional, também a Chapada Norte possui Unidades de Conservação (UC) Dentre elas citam-se Parques Estaduais, Áreas de Proteção Ambiental (APA's), com destaque para a APA

¹¹ A Chapada Diamantina Meridional composta, quando criada, por trinta e um municípios dentre os quais destaca-se pelo desenvolvimento/potencial turístico: Lençóis, Palmeiras, Mucugê, Andaraí, Rio de Contas.

¹² São municípios que compõem a Chapada Diamantina Setentrional: Morro do Chapéu América Dourada, Barra do Mendes, Barra Alta, Canarana, Cafarnaum, Central Presidente Dutra, Gentio do Ouro, Ibipecta, Ibititá, Irecê, Jussara, Lapão, São Gabriel, Souto Soares, Ubaí;

¹³ A mesorregião do Piemonte da Chapada, na qual está incluído o município de Jacobina, está relacionada ao histórico da mineração e as características naturais da região central da Bahia.

Gruta dos Brejões¹⁴-Vereda Romão Gramacho e o Monumento Natural Cachoeira do Ferro Doído¹⁵.

Com a criação das referidas Unidades de Conservação busca-se preservar os recursos naturais, destacando os monumentos paisagísticos de beleza cênica, a biodiversidade da fauna e flora e outros atrativos para o ecoturismo que os municípios da Chapada Norte procuram desenvolver.

No desenvolvimento do capítulo, apresenta-se um breve histórico da experiência da atividade ecoturística na região da Chapada Meridional, destacando a criação do Parque Nacional da Chapada e o Circuito Turístico dos Diamantes e a proposta de desenvolvimento ecoturístico dos municípios da Chapada Norte e focaliza-se o estudo do impacto da atividade ecoturística e revitalização de Lençóis. Com relação à “Chapada Norte” apresenta-se a descrição de alguns aspectos da infra-estrutura turística de Morro do Chapéu e o potencial ecoturístico de Ventura.

3.1 O PARQUE NACIONAL E O CIRCUITO TURÍSTICO DOS DIAMANTES

O processo de (re)valorização da região, enquanto patrimônio histórico-cultural, tem como marco inicial o tombamento pelo SPHAN (atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN) das cidades históricas de Lençóis, Andaraí, Mucugê e Rio de Contas, nos anos de 1970.

No mesmo período, além do patrimônio cultural, os recursos naturais passam a ser objeto de uma maior atenção da comunidade acadêmica/científica que procura favorecer uma integração com os interesses locais de desenvolvimento do turismo, levantando a bandeira da preservação ambiental do patrimônio da Chapada Diamantina Meridional.

¹⁴ Com área nos municípios de Morro do Chapéu, João Dourado e Gabriel Soares.

¹⁵ A Cachoeira do Ferro Doído está inserida na área de abrangência da pesquisa sobre os recursos naturais do entorno da antiga vila de Ventura, pertencendo ao município de Morro do Chapéu.

Entre outros aspectos, constituem o patrimônio cultural e ambiental da região da Chapada Meridional as características climáticas das serras com altitudes de 1000 a 1400 m; a vegetação exuberante, destacando-se cactos e orquídeas raras; os monumentos naturais de beleza cênica das cachoeiras e serras; as grutas Lapa Doce, Pratinha e Gruta Azul; as diversas cavernas com pinturas rupestres, em Iraquara; a Gruta Santa, em Seabra; o fascínio do Poço Encantado, em Itaeté; a “cidade de pedra” de Xique-Xique (atual Igatu), em Andaraí; além das áreas de interesse da arqueologia e da espeleologia,

Com base na beleza cênica dos inúmeros atrativos naturais e na diversidade da fauna e flora foi desenvolvido um movimento em defesa do meio ambiente e recursos naturais nos anos de 1970/80, resultando na criação do Parque Nacional da Chapada Diamantina, através do Decreto 91.655 de 1984, com 152 mil hectares. Situado na serra do Sincorá, o Parque Nacional possui áreas dos municípios de Lençóis, Andaraí, Mucugê, Palmeiras e Ibicoara.

A criação do referido Parque, aliada ao patrimônio cultural das antigas cidades históricas e à divulgação do espaço pela mídia televisiva nacional, foi a alavanca propulsora do ecoturismo. Lençóis, a cidade melhor estruturada para a atividade, praticamente passou a centralizar o destino do fluxo ecoturístico da região do referido Parque Nacional.

Se a criação do Parque favoreceu o ecoturismo e o meio ambiente, ele fez desativar naquela área o garimpo mecanizado e artesanal que ainda funcionava e se constituía em significativa atividade econômica.

O (eco)turismo na Chapada Diamantina vem sendo benéfico para as diversas comunidades locais? Tal questão levanta uma proposta de reflexão certamente complexa. O município de Andaraí, por exemplo, vivencia ainda o impacto negativo do fechamento dos

garimpos, principal fonte empregadora¹⁶. Sabe-se que não foi priorizado o emprego de mão local para as atividades e serviços turísticos.

Por outro lado, é possível, por exemplo, que as filmagens de “Cascalho”, em Andaraí, no ano de 2003, possam contribuir para o incremento do ecoturismo daquele município¹⁷.

Já que o (eco)turismo não está distribuído de forma a garantir retornos econômicos para todas as comunidades e municípios do entorno do Parque Nacional, há críticas e também denúncias de impactos negativos, o que exige a criação de mecanismos para viabilizar as propostas de conservação ambiental e desenvolvimento ecoturístico sustentável (FUNCH, 1997, p. 112).

Para viabilizar a atividade ecoturística na perspectiva da sustentabilidade, especialmente na área do Parque Nacional, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), o Centro de Recursos Ambientais (CRA) e o Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (IPAC) procuram desenvolver uma articulação com as prefeituras municipais e representações da sociedade civil organizada.

Consta no Plano de Desenvolvimento Regional Sustentável (PDRS) da Chapada Diamantina a necessidade de "estabelecimento de centros regionais de cultura e arte para os municípios de Mucugê, Lençóis, Rio de Contas e Macaúbas" e propostas de valorização do patrimônio natural e cultural e especialmente dos aspectos históricos da região. Destaca-se também a necessidade de conservação das características originais dos estalactites e estaglamitites das grutas, a proteção da fauna e flora e das pinturas rupestres (SEPLANTEC/CAR, 1997, p. 128).

¹⁶ A criação de Hotéis-Fazenda não priorizou o emprego da mão de obra local (...), identifica-se o aumento da miséria, a prostituição, o consumo e tráfico de tóxico associado ao turismo (conforme entrevista de vereador e visitação local Pesquisa de Campo-1998, Curso de Gerenciamento Ambiental- UCSal).

¹⁷ O filme com roteiro baseado no romance homônimo de SALES (1941), romance este que foi inspirado na atividade de garimpo de diamantes tendo como cenário o próprio município de Andaraí nos anos de 1920/1930.

Do ciclo dos diamantes, que efetivamente povoou e construiu a “sociedade das Lavras da Bahia” (MORAES, 1991), a Chapada Diamantina ressurge, tendo, atualmente, o ecoturismo como principal atividade econômica em diversos municípios. Existe, também, a possibilidade de vir a ser explorado na região o turismo cultural, uma outra modalidade ou segmentação do turismo que dá ênfase aos aspectos culturais para o seu desenvolvimento (BARRETO, 1998).

Diante dessa nova vertente econômica, a Secretaria de Desenvolvimento Turístico (SECTUR) e o Programa de Desenvolvimento Turístico (PRODETUR) criam os projetos Circuito Turístico do Ouro e Circuito Turístico dos Diamantes que procuram valorizar o potencial histórico e ecológico dos municípios incluídos nos referidos circuitos objetivando promover e incrementar a atividade turística.

O Circuito do Ouro é composto por municípios de significativa produção aurífera dentre os quais se destaca a cidade de Rio de Contas, que possui 287 prédios tombados pelo Patrimônio Histórico Nacional constituindo-se no segundo pólo turístico da Chapada Diamantina (STRADMANN, 1997, p.27).

O “Circuito dos Diamantes”, que envolve a zona diamantífera dos municípios de Lençóis, Palmeiras, Andaraí e Mucugê e os distritos de Caeté-Açu, Remanso, Igatu e Guiné, foi criado com abrangência da região do entorno do Parque Nacional da Chapada Diamantina. Dessa forma, também inclui áreas dos municípios de Iraquara, Itaetê e Seabra.

Caeté-açu, em Palmeiras, abriga com êxito a experiência do ecoturismo do Vale do Capão a partir do impacto positivo da construção da Pousada- Comunidade de Lothlorem. Conforme entrevista de um dos sócios da referida pousada “no início dos anos de 1980, não havia nem mesmo luz elétrica”. Atualmente, o local possui uma boa infra-estrutura de serviços capaz de viabilizar o ecoturismo desejado pela comunidade. Também pode se inferir o significativo incremento populacional dado pelo crescimento de pousadas cujos

proprietários de Salvador, São Paulo e Rio de Janeiro, contando ainda com a presença de estrangeiros europeus como residentes, sendo um deles proprietário de um restaurante¹⁸.

É significativa a melhoria das condições de vida da comunidade de Caeté-Açu que tem sido beneficiada por atendimento médico gratuito¹⁹ e pelo projeto pedagógico da Escola Comunitária²⁰. Existem também projetos e ações no sentido de recuperação do patrimônio cultural, resgate da memória e revitalização das tradições, além da criação de um grupo de teatro e coral infanto-juvenil.

3.1.1 Lençóis: capital do turismo na Chapada

Com objetivo de exemplificar o impacto do ecoturismo na região, procura-se descrever o processo de revitalização da cidade de Lençóis.

A requintada cidade de Lençóis, e toda a região das Lavras Diamantinas, que teve seu apogeu em meados do século XIX e início do século XX, passou a vivenciar um processo de abandono, desde os anos de 1930, provocado principalmente pela crise na exportação de carbonados e escassez da exploração diamantífera²¹.

Atualmente, a cidade de Lençóis passou da condição da “capital dos diamantes” para a “capital do turismo”. A cidade tem sido objeto de um processo de revitalização do seu patrimônio histórico, desde seu tombamento, na década de 1970. Nos anos oitenta, foi significativo o processo de valorização do patrimônio ambiental, devido aos inúmeros atrativos naturais existentes na região.

¹⁸ Conforme informações das entrevistas realizadas em Caeté-Açu, Vale do Capão, em 24 e 25 de fevereiro de 2002

¹⁹ O médico que faz atendimento gratuito é uma liderança carismática local. Já publicou livros na área de medicina naturalista, é pintor, escritor, autodidata e um dos idealizadores/colaboradores da Pousada-Comunidade de Lothlorem.

²⁰ Na proposta da comunidade de Lothlorem, além da Escola Comunitária, merecem destaque: a biblioteca comunitária; serviço de alimentação vegetariana; meditação; horta orgânica; energia solar; reciclagem do lixo, entre outros aspectos da proposta do ecoturismo realizado com objetivo de viabilizar a sustentabilidade local.

²¹ Além das questões políticas vivenciadas após a morte do seu chefe político Cel. Horácio de Matos.

Lençóis conserva casas e sobrados que datam de meados do século XIX, constituindo uma cidade monumento. Dentre os vários prédios, merece destaque a Casa da Cultura Afrânio Peixoto, inaugurada em 1970, que funciona no antigo sobrado onde nasceu o escritor²².

A primeira obra importante para o ecoturismo foi a inauguração do Hotel de Lençóis, considerada pela comunidade como o ponto de partida para a nova fase sócio-econômica vivenciada pelo município desde os anos de 1980. Conforme pesquisa recente, existem 7 (sete) hotéis e 20 (vinte) pousadas e uma estalagem, além do *camping*, sendo diversificada a qualidade da hospedagem. Somente dois ou três hotéis estão voltados para um público de maior poder aquisitivo (SAPUCAIA, 2000, p. 47).

Com o crescimento da rede hoteleira, a cidade foi tomada por diversos restaurantes, bares, lanchonetes, sorveterias, tratorias e pizzarias. As opções para alimentação são mencionadas em número de vinte e cinco e a cidade conta com uma vida noturna agitada (Ibid, p. 39).

O comércio, que possui um rico artesanato, oferece objetos como os maracás e outros artefatos indígenas, pedras ornamentais e objetos de decoração. Destaca-se no artesanato local as garrafas decoradas com areias coloridas.

Também se encontram em Lençóis serviços oferecidos, especialmente, aos turistas tais como: fitoterapia, cromoterapia, massagem terapêutica e acupuntura.

A projeção do turismo nacional e internacional na Chapada Meridional fez com que fosse inaugurado em Lençóis, no final da década de 1990, o aeroporto Coronel Horácio de Matos, que homenageia o líder político de maior projeção de toda a Chapada Diamantina.

Como grande problemática, consta que os turistas que se hospedam e consomem em Lençóis, muitas vezes, deixam as marcas da degradação ambiental em outros municípios que possuem os atrativos mais visitados, como por exemplo: Morro do Pai Inácio, Cachoeira da

²² Lá estão depositados importantes documentos que ajudam a recuperação da memória e da história do município.

Fumaça, Poço Encantado, Gruta da Pratinha, Gruta da Lapa Doce que pertencem, respectivamente, à Palmeiras, Iraquara, Itaetê, além de outros municípios que expõem seu patrimônio natural aos impactos ambientais e não possuem significativos retornos econômicos da atividade turística (STRADMANN,1997).

Concluindo a reflexão sobre impactos do turismo, segundo a autora acima citada, em pouco mais de uma década de intensa demanda turística para a Chapada, polarizada especialmente na cidade de Lençóis são perceptíveis impactos nos atrativos naturais, alguns desses, inclusive, de caráter irreparável, como a quebra de pedaços de estaglamitites das grutas e outros, passíveis de recuperação, como a erosão e alteração das condições da trilha para o Ribeirão do Meio, um dos pontos turísticos mais visitados (Ibid, p.52).

Resta mencionar que significativa contribuição para a pesquisa, conhecimento e otimização da formação de recursos humanos para trabalhar com o do potencial ecoturístico, e também, com o Turismo Cultural da região pode ser dado pelo Curso de Pós-Graduação em Projetos Turísticos e Ecologia²³ e o Curso de Pós-graduação em Antropologia e Turismo, sediados em Lençóis²⁴.

3.2 A PERSPECTIVA DE DESENVOLVIMENTO ECOTURÍSTICO NA CHAPADA NORTE

Os municípios atualmente referidos como Chapada Norte, para fins de desenvolvimento de projetos e ações turísticas, fazem parte das mesorregiões da Chapada Diamantina Setentrional e Piemonte da Chapada.

A criação deste núcleo de municípios da Chapada na área norte busca, desde a década de 1990, a efetivação de uma política de planejamento turístico e o apoio

²³ Convênio entre a FACTUR – Faculdade de Turismo – Centro de Estudos e Pós-graduação Olga Metting e Secretaria do Turismo de Lençóis.

²⁴ Convênio entre a Prefeitura Municipal, a Secretaria de Educação do Estado e a Universidade de Feira de Santana – UEFS.

governamental por parte da Bahiatursa. Pretende-se, também, obter maior apoio da política destinada para o turismo no âmbito federal para que a potencialidade ecoturística possa ser transformada em produtos ecoturísticos, conforme a concepção do Plano Nacional de Municipalização do Turismo(PNMT), adotado pelo Instituto Brasileiro de Turismo – EMBRATUR (EMBRATUR, 2002).

Em abril de 1998, foi realizado em Jacobina o I Seminário de Turismo da Chapada Norte. Em outubro do mesmo ano, oito municípios participaram com representantes de vários segmentos sociais, inclusive secretários municipais, da Oficina do Plano Nacional de Municipalização do Turismo sendo eles: Bonito, Campo Formoso, Jacobina, Miguel Calmon, Morro do Chapéu, Ouroilândia, Piritiba e Utinga.

Os objetivos da Oficina foram: orientar os participantes para criação dos Conselhos Municipais e dos Fundos Municipais de Turismo e instrumentaliza-los para saber definir produto ecoturístico (BAHIATURSA,1998).

As prefeituras dos municípios de Chapada Norte buscam o desenvolvimento de uma política de marketing, linhas de financiamento, entre outros aspectos, para que o ecoturismo da Chapada não permaneça polarizado na área de Lençóis e entorno do Parque Nacional. Segundo as conclusões da referida Oficina, realizada em 1998, é necessário que os municípios de potencial ecoturístico da Chapada Norte estejam organizados e busquem a criação de uma política de apoio do Estado, além dos recursos privados que possam incentivar a vocação ecoturística da região (Ibid, p. 2).

Assim, compreende-se a união de municípios de potencial ecoturístico da Chapada Diamantina Setentrional e Piemonte da Chapada, numa categoria denominada Chapada Norte como uma tentativa de inserção dos mesmos no circuito do ecoturismo da Chapada já que, segundo o ex-secretário de Cultura, Turismo e Desporto²⁵ de Morro do Chapéu, tal área de

²⁵ Sr. Delmar Lopes Dourado, ex- secretário e liderança municipal, concedeu depoimento sobre o Ventura e a política de Ecoturismo de Morro do Chapéu em fevereiro de 2002.

relevantes atrativos naturais, como exemplos a Gruta dos Brejões e Cachoeira do Ferro Doido, ainda não conseguiu desenvolver sua potencialidade ecoturística.

3.2.1 Morro do Chapéu: aspectos da infra-estrutura para o ecoturismo

Para exemplificar a perspectiva de desenvolvimento ecoturístico na Chapada Norte, focaliza-se Morro do Chapéu, município a 386km de Salvador, com uma população de 32 mil habitantes, divida nos seguintes distritos: Caramirim, Duas Barras, Icó, Morro do Chapéu – Sede, Tamboril e Ventura (IBGE, 2001 apud SMCTMAD, 2001, p. 125).

Registram-se, a seguir, aspectos relacionados com o turismo e meio ambiente e descrevem-se aspectos da infra-estrutura turística municipal. Morro do Chapéu, desde a década de 1970, quando foi criado o Parque Estadual de Morro do Chapéu²⁶ (Decreto Estadual nº23.862/73), foram estabelecendo as bases para o desenvolvimento do ecoturismo, visto possuir um notável potencial para essa atividade. Neste sentido, em 1985 foi criado o Conselho Municipal de Meio Ambiente e em 1997 o Conselho Municipal de Turismo.

Com relação à potencialidade ecoturística do município, além do patrimônio natural e cultural de Ventura²⁷, ainda não explorado, conta-se com a APA Gruta dos Brejões, a Cachoeira do Agreste, o Morrão (monumento paisagístico), o Tareco (estação de águas termais), a diversidade da flora, com destaque para a existência de inúmeras espécies de orquídeas, entre outros atrativos.

Ressalte-se que o município recebeu o selo da Embratur em 1997/1998 e 1998/1999, além de sediar, em 1998, a Oficina do Programa de Municipalização do Turismo promovido pela Bahiatur. Acrescenta-se que Morro do Chapéu no ano de 2000 deixou de receber o selo

²⁶ A área inicialmente prevista para o Parque Estadual incluía diversas comunidades inclusive a cidade de Morro do Chapéu. Assim, após estudo da Empresa de Consultoria e Planejamento Ambiental ECOPLAN (1997) e participação comunitária foi redefinida a área do Parque para a localidade de Lages.

²⁷ O patrimônio cultural e natural de Ventura, objeto de estudo desta pesquisa, será abordado no quarto e quinto capítulos desta dissertação.

da Embratur como município de Potencial Turístico, segundo o entrevistado, por não ter respondido, em 1999, o questionário “Roteiro de Informações Turísticas- RINTUR”, enviado para a Secretária de Turismo. O RINTUR avalia e define os Municípios Turísticos e Municípios de Potencial Turístico do Brasil²⁸ (EMBRATUR,2002).

Para melhor compreensão de Morro do Chapéu como município de potencial ecoturístico, registram-se algumas considerações a respeito da forma de gestão do turismo pelo governo municipal.

A Secretária de Cultura, Meio Ambiente, Turismo e Desporto (SMCTMAD) está instalada no prédio da Biblioteca Municipal, tendo anexa a Casa da Cultura Juidity Alegro. As principais ações da área de turismo realizadas em Morro do Chapéu pela referida Secretaria, a partir do ano de 1997, constam no Inventário Turístico (SMCTMAD, 2002, p.44 a 46), relacionadas no Anexo A.

Conforme depoimento concedido em entrevista²⁹ com funcionário da Secretaria de Cultura e Turismo, Morro do Chapéu foi o “primeiro município na Bahia cumprindo uma Lei Federal e Estadual que determina 10% da área municipal para preservar”. Com o Parque Estadual, o Monumento Natural Cachoeira do Ferro Doido e APA Gruta dos Brejões, o município conta com mais de 10% de área para preservação. Em termos de infra-estrutura para o ecoturismo em Morro do Chapéu destacam-se aspectos referentes aos setores de transporte, comunicação, hospedagem, informações turísticas e contratação de monitores ou guias locais apresentados na seqüência deste item do capítulo.

Com relação aos transportes, considerando Salvador como centro emissor do fluxo turístico no estado da Bahia, conta-se com diversas linhas intermunicipais que, partindo da capital, diariamente em diversos horários, passa por Morro do Chapéu em direção a Irecê,

²⁸ No ano de 2002 na região da Chapada Diamantina receberam o selo e classificação como Municípios Turísticos: Jacobina, Lençóis e Palmeiras e de Potencial Turístico: Bonito, Jussiapê, Miguel Calmon, Mucugê, Ourolândia, Piritiba, Rio de Contas, Taperoá e Wagner.

²⁹ Entrevistas concedidas por Márcio Brito (10 de dez. 2002 e 03 fev. 2003) em Morro do Chapéu.

Xique-Xique, entre outros municípios. Vale mencionar a existência do Posto de Pouso no município, para pequenas aeronaves, e da linha aérea Salvador-Irecê³⁰.

Em entrevista³¹ concedida por um dos dirigentes da Associação dos Taxistas de Morro do Chapéu, constatou-se que o sistema de transporte intramunicipal oferecido aos turistas é precário. Não se conta com locadoras de veículos e nem mesmo agências de viagens que realizem passeios com os roteiros dos pontos turísticos do município. Assim, a visita aos atrativos turísticos deve ser realizada pela mesma agência que organiza a excursão para o município. Caso o turista não esteja em grupo de excursão, ele pode contratar um “táxi”, que funciona pelo sistema de frete com preços pré-estabelecidos e também conforme acordo, pelo sistema de quilometragem. A título de exemplo, o percurso de Morro do Chapéu para a antiga vila de Ventura tem distância de 33 km e o preço cobrado é de R\$60,00.

Conforme entrevista realizada na Associação de Taxistas a falta de recuperação periódica do trecho de apenas 8 Km de estrada de cascalho para o Ventura aumenta o custo do frete, pois pelo sistema de quilometragem³², o preço seria de R\$ 44,00, porém os motoristas associados não têm interesse em trabalhar por esse sistema. Consta como Anexo B a Tabela de Frete de Carros de Passeio de Morro do Chapéu-2002.

Se comparado com Lençóis, o preço/qualidade da oferta de transporte para os atrativos turísticos³³ de Morro do Chapéu, inclusive para o Ventura, pode constituir um entrave ao desenvolvimento do ecoturismo e outras modalidades turísticas para as quais o município possui potencial. Vale a reflexão conjunta do poder público municipal, da sociedade civil e dos integrantes da associação de taxistas sobre a melhoria das estradas de acesso aos atrativos

³⁰ Irecê localiza-se a 84 Km a Oeste de Morro do Chapéu.

³¹ Entrevista realizada em 11/12/2002, Morro do Chapéu.

³² Existe também a opção de locação de Moto Táxi, porém não foi apresentada a tabela de preços.

³³ Observa-se que no mesmo ano (2002) era possível realizar, através de uma agência de turismo de Lençóis, *tour* com roteiros de aproximadamente 8 horas de duração, que variavam em média de 35 a 45 reais por pessoa, em *vans* com ar condicionado, guia local, lanche incluso, com percursos de até 110Km (Poço Azul) e 150 Km (Poço Encantado).

naturais e culturais e da qualidade dos serviços de transporte e também do preço cobrado para visitação aos atrativos turísticos.

Com relação à infra-estrutura de comunicação, observa-se a existência de um posto de telefone, única opção pública para ligações internacionais, e Agência Central de Correios e Telégrafos em Morro do Chapéu. A sede do município é bem servida por telefones públicos, porém não se atende da mesma forma aos diversos pequenos povoados como Angelim, Ventura e Grotão³⁴, locais com potencialidade para o ecoturismo e o turismo cultural. A Vivo é a única empresa de telefonia celular³⁵ do município, porém, devido à topografia com presença de vales, em muitas localidades, o celular fica fora de serviço.

Existem duas micro-empresas que disponibilizam acesso à Internet, funcionando de maneira semelhante aos serviços de *Internet.com* que vêm sendo implantados em cidades turísticas, *shopings*, etc. facilitando ao público, residente ou visitante, acesso a essa forma de comunicação via multimídia, porém o município não conta com provedor de Internet. Todavia, o município conta com o jornal mais antigo do interior do estado da Bahia, Correio do Sertão, veiculado quinzenalmente. Existe também uma transmissora de rádio local, faixa AM, e torre de televisão que possibilita uma boa transmissão.

Segundo o Inventário Turístico de Morro do Chapéu, a estrutura de hospedagem é composta por hotéis e pousadas. O equipamento hoteleiro do município totaliza 10 empreendimentos com capacidade receptiva de 270 leitos, sendo que muitas vezes esse número não é suficiente no período de inverno considerado como alta estação (SMCTMAD,2001). Observou-se que um dos hotéis, inaugurado há menos de cinco anos, conta com estrutura de auditório, piscina e espaço para *shows* e eventos. Com relação à

³⁴Grotão, povoado próximo a Unidade de Conservação Monumento Natural - Cachoeira do Ferro Doido.

³⁵ O sistema de telefonia celular não funciona em Ventura. O posto telefônico mais próximo da antiga “Vila dos Diamantes” é no povoado de Ponta D’água a 7 Km (Estrada de Cascalho).

alimentação, consta a existência de oito restaurantes e pizzarias, diversos bares, lanchonetes e sorveterias (SMCTMAD, 2002, p.7 a10).

Conta-se atualmente com o posto de informações turísticas que funciona todos os dias das 8 às 12 e das 14 às 18 horas e, nos finais de semana e feriado, das 8 às 13 horas. O atendimento é realizado por apenas duas funcionárias municipais, sendo que uma delas é bilíngüe. No posto turístico existem mapas, *folders* e exposição de fotografias de alguns dos principais pontos turísticos do município.

A capacitação de guias locais tem sido desenvolvida com o apoio da Bahiatura que realizou os cursos de Monitor de Recursos Naturais³⁶, Monitor de Atrativos Históricos, Artísticos e Culturais e Guia de Turismo Rural. O corpo de bombeiros de Jacobina ofereceu o curso de Primeiros Socorros.

O curso para Monitores é oferecido pela Bahiatura para capacitar as pessoas que exercem a atividade de guias locais por experiência e conhecimentos práticos. Exige-se, a idade mínima de 18 anos e 1º grau completo. Para adquirir a carteira de habilitação, é necessário ter concluído o curso para monitores de turismo realizado pela Bahiatura, juntamente com as prefeituras municipais (BAHIATURSA, 2001).

Tais cursos, de forma geral, contaram com cerca de 30 a 40 participantes. Após a realização dos referidos cursos³⁷ foi organizada a Associação de Monitores Ambientais de Morro do Chapéu, que agrega 18 monitores aprovados nos cursos promovidos pela Bahiatura, segundo entrevista de um dos participantes.

Consta como proposta do Conselho de Turismo que os referidos cursos sejam repassados para moradores das diversas comunidades que possuem atrativos para o

³⁶ Para exercício da atividade de acompanhamento e informação em grutas, cavernas, trilhas, rios e cachoeiras.

³⁷ Entrevista concedida sobre a Associação de Monitores de Morro do Chapéu, fev. de 2003. O entrevistado é um dos quatro monitores que possui interesse especial pelo patrimônio cultural e natural de Ventura e a proposta de desenvolvimento ecoturístico local. Ele acompanhou uma das fases de realização da pesquisa de campo em Ventura.

ecoturismo criando condições de capacitação para o exercício da atividade de Monitores, conforme depoimento de um dos Monitores de Atrativos Naturais e Guia de Turismo Rural.

O entrevistado, que também participa do Conselho Municipal de Turismo, afirma que a capacitação dos guias locais e monitores nos povoados deve ser realizada anteriormente a política de *marketing* do ecoturismo em Morro do Chapéu. Segundo ele:

“a capacitação de pessoas residentes nas comunidades anfitriãs favorece o bom desenvolvimento da atividade ecoturística minimizando impactos, além de criar oportunidade para que pessoas da comunidade receptora sejam favorecidas por benefícios econômicos” (Márcio Brito).

Morro do Chapéu possui diversas localidades reconhecidas pela Bahiatura que foram apresentadas pela imprensa como de alto potencial para o desenvolvimento do ecoturismo, mas ainda não implementou uma infra-estrutura básica para recepção turística em diversos atrativos ecoturísticos. É o caso do distrito de Ventura, que ainda não conta com a infra-estrutura básica para o desenvolvimento da atividade ecoturística indicada para o local (CORREIO DA BAHIA, 04 de nov. de 1989; SAMPAIO, 1999, p.43).

É nesse contexto que se insere o estudo do patrimônio cultural constituído por sítios arqueológicos e o “cenário” que resta da antiga vila, patrimônio histórico de uma das mais prósperas formações urbanas da Chapada Diamantina, expressão do esplendor da exploração diamantífera na Bahia, nas primeiras décadas do século XX (MURITIBA et al, 1997). Com relação ao patrimônio natural, o entorno do povoado de Ventura é uma área que concentra cachoeiras, rios, formações rochosas formando verdadeiros monumentos paisagísticos, e aspectos relevantes da fauna e flora dentre as quais podem ser citadas as orquídeas raras: Cattleya Tenuis e Rhizanthella Gardneri e outros tipos de orquídeas mais comuns como: Catteya Elongata, Oncidium Crispun, Sobralia Alba, Sobralia Maacrantha, Epiderium Fragans, Epiderium Ibacuense, Epiderium Cinnabarinum

(ECOPLAN, 1997) . É essa a potencialidade ecoturística do distrito de Ventura, localizado em Morro do Chapéu, Chapada Norte.

3.3 VENTURA - PATRIMÔNIO CULTURAL E NATURAL DA CHAPADA: DOS DIAMANTES AO ECOTURISMO?

O Ventura constitui atualmente um pequeno povoado rural, todavia, existem projetos e pesquisas atuais que podem contribuir para a revitalização do local. O potencial ecoturístico de Ventura é mencionado no prospecto turístico da Prefeitura Municipal/Bahiatursa e no Mapa Turístico de Morro do Chapéu, sendo a antiga vila destacada como um dos atrativos culturais do município, conforme afirmado no Inventário Turístico (SMCMATD, 2001).

No início do século XX, período da exploração de diamantes e carbonados, produtos exportados para Europa, a vila de Ventura, no seu apogeu, contava com associação comercial, uma praça destinada apenas ao comércio, algumas escolas particulares, destacando-se ainda a existência de um teatro, duas filarmônicas e a festa religiosa de 8 de dezembro com realização de missa na igreja local (SAMPAIO, 1999, p. 35).

A exploração diamantífera, realizada de forma artesanal, naquele período, entrou em crise e a queda de preços do carbonado (que encontrou concorrência com a produção da África do Sul) indica no final da década de 1920, o início do processo de declínio econômico de Ventura.

No contexto de crise da exploração diamantífera acima mencionado, a grande estiagem de 1932 decreta abandono em massa da população de Ventura que migra em procura de melhores alternativas de vida. Segundo depoimento de um antigo morador que ainda possui imóveis no local, veiculado no Globo Repórter de 22 de setembro de 2000, “no ano de 1932 houve dias em que saíram da vila centenas de pessoas”.

Assim, a vila foi abandonada, como ocorreu de forma geral com um processo de êxodo em todo o sertão da Bahia. Ao longo das décadas, o Ventura foi sofrendo cada vez mais

a redução do seu contingente populacional, revelando-se, na atualidade, numa “cidade morta”³⁸. O pouco que resta da antiga vila resiste apenas pela iniciativa privada dos seus antigos moradores que buscam a conservação do local.

3.3.1 Condições atuais, projetos e perspectivas

Passados mais de setenta anos (1932-2004), o processo de destruição de Ventura segue seu curso, porém, a resistência é mais tênue. Não se efetivaram neste período ações de apoio à preservação do patrimônio histórico e nem mesmo obras no sentido de beneficiar a comunidade local, via de regra, relegadas pela ação municipal.

O Ventura, *pari passu* ao desabamento de algumas das suas últimas casas que expressavam, além do patrimônio arquitetônico, parte da história da antiga vila, pois nelas funcionavam a farmácia, a venda, da fábrica de sabão, etc., vai se perdendo da memória da coletividade municipal.

Tal processo revela a não valorização da memória do município, refletindo-se no desconhecimento da história local, especialmente por parte das gerações mais novas que, quando muito, se referem ao local como uma “cidade fantasma”. Com relação às condições atuais do local, a poesia escrita por um venturense revela o vínculo do indivíduo com a sua terra, ou o sentimento de topofilia - o elo entre o indivíduo e o lugar (TUAN, 1980), e denuncia o abandono de Ventura:

ABANDONADO

Durbem Silva Lima

Outrora fui feliz, cantei, vibrei
Trabalhei, dei fortunas colossais.

³⁸ Monteiro Lobato cria a expressão “cidade morta” dentro de uma visão crítica da construção econômica de modelos cíclicos explicando como localidades que tiveram fases de significativo crescimento, apogeu e opulência, posteriormente sofreram um processo de estagnação econômica e abandono.

Ao município meu sempre ajudei
Estou cansado, já não passo mais.

Agora que o dinheiro me faltou
Minhas ruas então abandonadas
A comuna não sei porque deixou
Que minhas ruas fossem desmanchadas

Fui famoso, tive palco e distração
Biblioteca, livros sempre a mão
Um pouco de saber e de cultura

Minhas ruas vendidas e cercadas
Com arame farpado hoje enfeitadas
Braços cruzados sobre mim.
Ventura

(LIMA apud SAMPAIO, 1999, p.37).

Reverter o processo de abandono e destruição total pode parecer uma história de Dom Quixote lutando contra moinhos de ventos. Porém, segundo o depoimento de um antigo morador³⁹ expressando, conforme Tuan (1980), o sentimento de topofilia, a história da sua terra revela dualidade e força, nas suas palavras: “O Ventura continua, resistindo e morrendo, morrendo e resistindo...”.

Menciona-se abaixo algumas veiculações referentes ao Ventura na mídia que, de alguma forma, contribui para o processo de resistência local acima mencionado:

No ano de 2000 “a cidade dos barões do diamante” foi objeto de reportagem do Globo Repórter, programa da rede Globo, voltado para o ecoturismo na Chapada Diamantina.

Também em 2000 a equipe de direção do filme *Abril Despedaçado*⁴⁰ escolheu o Ventura como o cenário ideal para filmagem. Porém, como eram necessárias obras, para melhoria das condições da estrada não pavimentada, que dá acesso ao local, e não havendo entendimento entre a Prefeitura e a direção do filme, Walter Salles, diretor de renome internacional, optou por realizar a filmagem em outras localidades da Chapada.

O interesse da equipe de produção de *Abril Despedaçado* pelo Ventura, especialmente do diretor de produção, Marcelo Torres, fez com que o filme, ambientado nos anos de 1910,

³⁹ Sr. Antônio Silva Lima, nascido em Ventura estudou na capital formando-se em jornalismo, concedeu entrevista para elaboração do artigo de minha autoria *Histórico do Ventura* (SAMPALIO, 1987).

⁴⁰ Filme nacional, dirigido por Walter Sales, exibido em 2001.

fizesse referência ao Ventura mostrando um cenário que corresponde ao período de apogeu da localidade. Conforme depoimento de Marcelo⁴¹ às pessoas da comunidade, “ele gostaria de que o filme pudesse ajudar à revitalização de Ventura”.

No contexto de destruição, surgem propostas alternativas de valorização do local com pesquisas e projetos sobre (i) o patrimônio arqueológico e (ii) histórico-arquitetônico. A primeira pesquisa, em fase exploratória, com publicação de um estudo que faz referência aos sítios de Ventura (MORALES JR, R; CUNHA, C. 2002). O segundo baseado no Projeto: “Ventura com Ternura” da Casa Baiana para Integração Cultural Latino Americana – CABINCLA, visando à recuperação do que resta da antiga vila (CORREIO DO SERTÃO, 15 de fev. de 2002).

Consta ainda a divulgação feita pela imprensa da programação para 08.12. 2002 para realização da Missa do Centenário da pequena igreja da localidade, noticiada por um jornal de circulação nos estados da Bahia e Sergipe (A TARDE, 06 de dez.2002). Também a nota no jornal do próprio município sobre a reforma da igreja, realizada pela prefeitura, mas que, infelizmente, não pode ser concluída para a data do evento (CORREIO DO SERTÃO, 15 de dez de 2002).

Por fim, apresenta-se a proposta de revitalização de Ventura através da exploração da sua potencialidade ecoturístico e ressalta-se que o local também tem potencial para o turismo cultural. A identificação do patrimônio ecológico e cultural revela uma significativa potencialidade ecoturística, e também para o turismo cultural, apresentando-se como alternativa de desenvolvimento sustentável local, devendo adotar a concepção do planejamento participativo como um elemento fundamental para concretização dos objetivos esperados (SAMPAIO, 1999, p. 43).

⁴¹ Segundo entrevista de Ivanete Bezerra, realizada em Ventura em agosto de 2001, Marcelo Torres e equipe de produção fez declarações sobre a não realização das filmagens de Abril Despedaçado em Ventura aos residentes da comunidade, que inclusive já haviam iniciado a limpeza das ruas, trabalho contratado pela produção do filme.

Assim, entre pesquisas, projetos e propostas relacionadas com o Ventura, busca-se no desenvolvimento desta dissertação dar continuidade ao estudo sobre o patrimônio cultural e natural do local. No terceiro capítulo, apresenta-se a memória da “vila dos diamantes” no contexto da Chapada, consciente de que ao resgatar a memória de uma vila abandonada e apresentar a “história dos vencidos”, aqueles que lutaram pela emancipação política do distrito, trabalha-se na perspectiva da contra história (FERRO, 1989), ainda assim, acredita-se poder contribuir de forma significativa para a recuperação de uma parte do patrimônio cultural da Chapada Diamantina.

4. A MEMÓRIA DA VILA DOS DIAMANTES NO CONTEXTO DA CHAPADA DIAMANTINA

Este capítulo destina-se à descrição e análise de aspectos que podem contribuir para resgate da memória da vila de Ventura, compreendida no contexto da organização social da Chapada Diamantina.

Aborda-se, no início do Capítulo, o processo de ocupação da região da Chapada Diamantina pelos colonizadores, os conflitos e a resistência dos grupos tribais Jês, e a descoberta de ouro, diamantes, carbonados, entre outros metais e pedras preciosas encontrados na região.

Registram-se, também, aspectos relacionados à organização política e econômica da região da Chapada com o objetivo de reunir elementos para facilitar a compreensão do contexto no qual se insere a história da vila de Ventura.

Conforme mencionado no capítulo anterior, trata-se aqui da Chapada Diamantina como uma só região, conforme o olhar histórico. Entende-se que o resgate da memória de Ventura requer especialmente o estudo de aspectos da história política do coronelismo da Chapada.

Focalizando o histórico de Ventura, descreve-se sua trajetória desde a descoberta de diamantes, apogeu econômico e desenvolvimento social, crise e abandono.

Destaque-se que, após a transformação desta vila, sede de distrito, e sua significativa prosperidade, foram apresentados projetos para sua emancipação política do município de Morro do Chapéu, tais projetos foram inviabilizados, dentre outros fatores, pela política coronelista hegemônica no âmbito municipal e regional.

A proposta de resgate da memória da vila de Ventura está intrinsecamente relacionada com o histórico da própria Chapada Diamantina, com o estabelecimento de garimpos, formação de prósperas vilas e cidades, mandonismos locais e política coronelista. Observam-se também aspectos relacionados às crises provocadas por alterações de preço dos diamantes e carbonatos no mercado europeu, decadência econômica e processo de depopulação advinda da escassez dos diamantes, da grande estiagem de 1932, entre outros fatores.

Para elaboração deste capítulo contou-se com o resgate de diversos documentos, inclusive fontes primárias, realização de entrevistas e coleta de depoimentos que revelaram aspectos significativos do período de apogeu de Ventura e seu processo de resistência política, gradativamente enfraquecido, até a situação atual de abandono e isolamento do local.

Optou-se pela utilização da ótica poética como fonte documental para expressão de elementos tanto do apogeu como da decadência de Ventura, e, finalmente, encerra-se o capítulo pelo prisma nostálgico dos antigos moradores de Ventura apresentado através de depoimentos e poesias.

4.1 MEMÓRIAS DA CHAPADA DIAMANTINA E DA VILA DE VENTURA: DE TERRITÓRIO DOS JÊS A TERRA DE GARIMPEIROS E CORONÉIS.

Resgatar a memória das Lavras da Bahia é falar do ouro, dos diamantes, mas é também descrever a ocupação de uma região, como tantas outras áreas do Brasil, cujo processo de povoamento colonizador "civilizatório" tende a destruir ou transfigurar etnicamente a organização social milenar dos grupos tribais do Brasil pré-colonial.

Para que a expansão pastoril e a "civilização" ocupasse os sertões e serras altas da Bahia povos que habitavam secularmente a região, hoje denominada Chapada Diamantina e Piemonte da Chapada, vivenciaram um processo de dispersão, dizimação, desterritorialização e destribalização. Informações significativas sobre o referido processo podem ser encontradas em Paraíso (1985); Nasser, N. & Nasser, E. (1988); Puntoni (2002); Calmon (1983).

Importante salientar que o território da Chapada Diamantina era ocupado por grupos do tronco lingüístico macro-Jê. Adota-se aqui a definição de nação segundo Urban (1992, p.88 a 92) baseada por critérios de agrupamento lingüístico, com base na filologia. Conforme estudo cartográfico apresentado pelo autor é possível identificar a presença do tronco Kariri⁴² na área próxima à Chapada.

Conforme Paraíso (1998, p.42) "a faixa interiorana estava povoada por diversos grupos Jê", a autora afirma também que:

(...) descrições mais sistemáticas sobre os grupos do interior, classificados genericamente de tapuias, os Jê, só aparecem a partir do momento em que foram contactados, quando o interesse sobre assunto já decrescera e qualidade das informações são menos consistentes. (PARAÍSO, 1998, p. 42).

⁴² O tronco (família lingüística) Kariri inclui, entre outros, os sub grupos tribais dos Maracá, dos Paiaia e dos Kiriri, os últimos com terras demarcadas oficialmente (OTT, 1958; CALMON, 1983, p. 57; CARVALHO, M., 1988).

Os grupos tribais do tronco lingüístico Kariri, nação macro-Jê, eram semi-nômades, pois praticavam uma agricultura de curto ciclo, por exemplo: plantio/colheita de milho com duração de 3-4 meses. Assim, deslocavam-se constantemente dentro de uma área por eles ocupada e significativamente conhecida tendo, via de regra, os rios como demarcadores de território de cada grupo tribal.

Sabe-se que a partir de 1561 “o movimento de expansão da pecuária em direção as cabeceiras do Paraguaçu e dos sertões do norte” gerou conflitos com os Tupinaê, Maracás e Kiriri (Ibid, p.78).

Enfim, na região da Chapada Diamantina diversos grupos tribais, povos da nação Macro-Jê, resistiram à ocupação dos colonizadores que iniciaram as invasões e os conflitos a partir das entradas que datam da última metade do século XVI. Calmon (1983, p. 57) refere-se ao processo com as seguintes palavras: “o gado era uma invasão (...) O tupinambá da costa, o caeté ribeirinho o cariri da caatinga recuavam. Os bois remoendo, sonolentos, progrediam” (CALMON,1983, p. 57).

Consta extensa documentação referente à necessidade de “desbravamento” das serras e dos sertões dos *Tapuias*⁴³ que, em meados do século XVII, começaram a ser perseguidos por inúmeras entradas lideradas por bandeirantes paulistas, contratados inicialmente com o objetivo de caçar índios para escravizá-los, usando a legislação da “Guerra Justa” (PERRONI-MOISÉS, 1992; PUNTONI, 2002).

Os chamados *Tapuias* dificultavam o processo de redução cultural (proposto pela catequese jesuítica) e a aproximação pacífica com contatos iniciais que, via de regra, utilizavam como chamariz a oferta de presentes. As mercadorias que eram inicialmente recebidas como presentes passavam a ser necessárias e/ou desejadas e acabavam por gerar

⁴³ *Tapuia*, palavra que significa “língua travada” (CALMON, 1983), forma como os grupos tribais *Jês* eram chamados pelos *Tupis*, denominação que também foi adotada pelos colonizadores.

uma relação de escambo, relação de troca de mercadorias aparentemente simétrica, mas sempre a curto, médio ou longo prazo prejudicial para os grupos tribais.

O escambo, apesar de constituir meramente uma relação comercial de troca, assume uma dimensão mais complexa se desenvolvido entre grupos sociais de organização econômica, cultural e tecnológica significativamente diferenciadas, pois tende a gerar a dependência de mercadorias que, não podendo ser produzidas por organizações sociais de suporte tecnológico simples, acabam por estabelecer uma relação de troca assimétrica. Tal situação se aplica à relação de escambo entre grupos tribais do Brasil com os colonizadores europeus.

Pode-se concluir, a partir da pesquisa de Paraíso (1985 e 1998), que tal contato, amistoso inicialmente, gerava dependência e conseqüentemente subserviência e incorporação das populações indígenas no sistema produtivo colonial, atingindo assim o objetivo pretendido pelos colonos de obter mão-de-obra, liberar novos territórios para ocupação colonial e ter seus inimigos potenciais sob sua dominação, inclusive para servirem na defesa dos colonos em ataques de outros grupos tribais.

Observa-se que, apesar de um histórico de resistência, não foi possível superar as compulsões ecológicas e bióticas e as coerções sócio-econômicas que o “processo civilizatório” foi impondo aos grupos tribais. (Vide RIBEIRO, 1981, passim 263 a 360).

No século XVII, a efetiva ocupação das terras havia sido iniciada com a atividade da pecuária, desenvolvida pelos proprietários da Casa da Torre (família Dávila), com as sesmarias e partindo do litoral já atingia Jacobina e o rio Itapicuru e do morgado da Casa da Ponte⁴⁴, com a expansão da sesmaria de Antônio Guedes de Brito.

Consta como um dos marcos iniciais do processo de colonização da região da Chapada Diamantina a doação de uma sesmaria, em 1655, contando 160 léguas do Morro do Chapéu

⁴⁴ O morgado da Casa da Ponte (Casa dos Saldanha) de Antônio Guedes de Brito era considerado como rival do poderio da Casa da Torre, estabelecida em Tatuapara (atual Praia do Forte) por Caramuru e Paraguaçu e herdada pelo neto do casal Francisco Dias D'Ávila (CALMON, 1983 p.32).

até a nascente do rio Real, a Antonio Guedes de Brito que também recebeu o título de Mestre de Campo e Regente do São Francisco (ANAIS DO ARQ. PÚBLICO E DO MUSEU DO ESTADO DA BAHIA, 1919, p. 197; PARAISO, 1998, p. 79).

Em processo gradativo a família Guedes de Brito, saindo do litoral e se expandindo ao oeste a ocupou com fazendas de gado os vales dos rios e os planaltos. Neste processo expulsou os grupos tribais, e quiçá, se tais tribos não deixassem seu traço cultural no nome das localidades e dos rios estariam já totalmente esquecidos ou apagadas da memória regional e também dos registros cartográficos atuais.

Em 1701 ou 1702, o processo de ocupação da região da Chapada vai ser acelerado pela descoberta de ouro nas nascentes do rio Itapicuru, município de Pindobaçu e, posteriormente, entre 1718 e 1721, na nascente do rio de Contas (SEPLANTEC/CAR, 1997, p.120).

Existem estudos referentes ao período de 1850 a 1882 que identificam a presença de aldeamentos nos atuais municípios de Morro do Chapéu, onde havia minas de sal, e no município de Jacobina, região na qual havia sido descoberto ouro por bandeirantes (DÓRIA, 1988, p.84; CALMON, 1983).

O aldeamento da Missão de Nossa Senhora das Neves do Sahy existiu na freguesia de Morro do Chapéu até 1861. Na Comarca de Jacobina também existiu um aldeamento criado por uma missão jesuíta e, posteriormente transferido para outras ordens religiosas, esse aldeamento existiu até o ano de 1854. Segundo critérios definidos pela legislação do Diretório dos Índios, a população desses aldeamentos foi classificada como “Civilizada” (integrada), o que não permitiu a Dória (1988, p.84) identificar as etnias ali aldeadas.

Tais aldeamentos, entre outros objetivos, visavam catequizar o “gentio” e liberar suas terras para que o colonizador as ocupasse nos moldes “civilizados”.

Assim, com a anterior destruição dos grupos tribais nas “guerras justas”, redução em aldeamentos, escravização, resistência em pequenos redutos e dispersão pelas matas e

florestas longínquas, os sertões e as serras altas da Bahia estavam, no final do século XVIII, ocupados, sobretudo, por fazendas de gado que adentravam da Casa da Torre e do rio Paraguaçu para oeste encontrando o vale do rio São Francisco e buscando expansão para a região do atual estado do Piauí (CALMON, 1983, p. 88 e 89).

Todavia, foi a descoberta e exploração de minas de ouro que intensificaram o povoamento, fazendo surgir em várias localidades garimpos com a conseqüente ampliação das policulturas agrícolas e atividades voltadas para o abastecimento dos garimpeiros e sertanejos da região. Devido à distância da capital, a cidade de São Salvador da Bahia, localizada no litoral, os circuitos comerciais intra e inter-regionais nas Lavras Diamantinas foram fortalecidos (SEPLANTEC/CAR, 1997).

O garimpo, aliado ao processo de expansão da pecuária e à produção de excedentes das policulturas, criou pontos de troca e feiras que posteriormente se criaram nos primeiros núcleos populacionais, futuras sedes municipais, como Macaúbas, Barra da Estiva, e de distritos e povoados.⁴⁵

Mas, de fato, a mineração diamantífera constituiu o surto dinamizador da economia da Chapada Diamantina. Em meados do século XIX o fluxo migratório para as Lavras da Bahia promoveu significativo crescimento dos povoados da região.

Muitos povoados tiveram vida efêmera, outros persistiram transformando-se em arraiais, vilas e cidades. Entre as mais prósperas destacavam-se: Lençóis, Mucugê, Rio de Contas, Andaraí e as sedes dos distritos⁴⁶ de Ventura (em Morro do Chapéu), Xique-Xique (atual Igatu, em Andaraí) e Caeté-açu (em Palmeiras).

As bases do povoamento colonizador estabelecidas pela pecuária vão assumir novos contornos com a exploração diamantífera transformando a configuração a urbana da região da

⁴⁵ Sincorá; Grotas (em Brotas do Macaúbas); Brejinho (em Oliveira dos Brejinhos); Arraial do Ribeiro (em Paramirim); Caititu (em Botuporã); Bom Sucesso (em Ibitiara); Barro Vermelho (em Ibipitanga); Mamonas (em Ibiajara), Fazenda do Gado (em Jussiape); Santa Isabel (em Mucugê), entre outros (SEPLANTEC/CAR, Ibid).

⁴⁶ Tais distritos sofreram um intenso processo de depopulação, chegando a exemplificar com exatidão a idéia de “cidade morta” construída por Monteiro Lobato.

Chapada Diamantina. Lençóis, a maior de todas as cidades, "a capital dos diamantes", surgiu como povoado e rapidamente se constituiu em foro da comuna, em 1856, pois a exploração dos diamantes foi duradoura, determinando a configuração perfil urbano, comercial e jurídico-institucional.

Conforme Aguiar (1979; *passim*), além de Lençóis, as primeiras vilas do século XIX surgidas por consequência principal da mineração foram: Macaúbas (1832); São João do Paraguaçu (1847); Bom Jesus do Rio de Contas, Brotas de Macaúbas e Santo Antônio do Paramirim (1878) e Andaraí (1884)⁴⁷.

O apogeu das Larvas Diamantinas foi abalado na década de 1870 devido à descoberta de diamantes do Cabo da Boa Esperança, na África do Sul. Houve uma baixa de preço que “quebrou o comércio”, todavia a valorização do carbonado, utilizado para indústria, gera uma nova fase de prosperidade na Chapada Diamantina (Ibid. 137 e 138).

A prosperidade da economia diamantífera deixou sua marca na arquitetura das vilas e cidades. Foram construídas igrejas, solares, sobrados e casarões, observa-se ainda a existência de eiras e beiras das fachadas das casas, símbolos do *status* dos seus proprietários.

Cabe aqui fazer referência a um traço característico da cultura das Lavras Diamantinas: a necessidade de expressar, através de bens e patrimônio, o *status* dos indivíduos e das famílias. Observa-se que a prosperidade de Mucugê era simbolizada até mesmo no cemitério que os poderosos chefes da localidade mandaram construir com estilo singular que constitui, atualmente, uma atração turística (FUNCH, 1997, p. 17).

Lençóis e Mucugê guardam nas igrejas, no casario, nos arruados e nos sobrados as maiores expressões da fase de opulência dos diamantes. Da riqueza de Xique-Xique do Igatu, em Andaraí, restou a parte inicial da vila a "cidade de pedra", construída pelos garimpeiros com pedras por falta de outro material e assim, resistiu ao abandono. Em Ventura, os restos da

⁴⁷ Vale mencionar que a vila de Jacobina foi estabelecida por carta régia em 1720 sendo inaugurada na Missão do Saí em 24 de julho de 1722. Dois anos depois a sede da vila foi transferida para o arraial de Bom Jesus, em 1724 (AGUIAR, 1979, p. 121).

cultura material também revelam a sua fase de apogeu, que pode ser resgatada pela memória dos mais idosos e pelos escritos de vários autores, como Diolino Aragão [S.d], escritor de literatura de cordel, que faz referência ao local.

O ENCONTRO COM A NATUREZA

Diolino Aragão

XIX

“Quero chamar a atenção,
ocupando alguns instantes,
Para falar do Ventura,
“A terra dos Diamantes”
Onde nasceu, com estima,
O Rubem da Silva Lima,
Homem honesto e elegante”

XX

O Ventura foi a Vila,
Mais rica do meu sertão,
Diamante e carbonado,
Se achava pelo chão,
Para quem a conheceu,
Hoje parece museu,
Causando admiração”.

Fonte: O Encontro com a Natureza. Cordel: [S.d].

4.1.1 Ventura: a descoberta dos diamantes

“Os diamantes pareciam brotar da terra, como cachos de uva”, eis que nasce da sorte dos garimpeiros a fortuna, boa e má, que marca o histórico de apogeu e decadência da Vila de Ventura⁴⁸.

⁴⁸ Após a decadência econômica de Ventura surgiu em Morro do Chapéu um líder fanático que dizia haver sonhado que diamantes brotariam da terra como cachos de uva. O movimento culminou no sacrifício de uma

Segundo entrevista de alguns dos ex-moradores mais idosos⁴⁹, possivelmente na década de 1850 três garimpeiros foram procurar abrigo nas terras do Cel. Porfírio Pereira. Dois deles eram foragidos da cidade de Lençóis e o terceiro garimpeiro tinha o sobrenome Ventura. Devido à experiência eles logo identificaram a presença de diamantes no local.

O garimpo de Ventura foi estabelecido nas terras do Cel. Porfírio Pereira, chefe político proprietário da fazenda Reunião⁵⁰. O garimpeiro Ventura encarregava-se de comercializar, em Lençóis, os diamantes de “excelente qualidade” do seu próspero garimpo.

O produto então ficou conhecido em toda as Lavras Diamantinas como proveniente do “Ventura”. Assim, o nome do garimpeiro passou a servir de referência para uma localidade.

Segundo entrevista, a primeira fase de “sorte” e “felicidade” ligada ao garimpo de Ventura desenvolveu-se aproximadamente no período de 1860 – 1880. O local que já apresentava condições prósperas, contando inclusive com uma pequena igreja, entrou em decadência por ocasião da Guerra do Paraguai. Todos os homens, garimpeiros e agricultores, foram recrutados e seguiram forçadamente, com mãos amarradas, na condição de “Voluntários da Pátria”.

Conforme um dos antigos moradores que concedeu entrevista, baseado em informações passadas de geração para geração, ele explica que, por decisão de um chefe político da região, Cel. Quintino Soares da Rocha, utilizou o recurso de convocação para a guerra do Paraguai como uma estratégia de esvaziamento do local que estava se tornando

criança e com a prisão do seu líder. Depoimento Márcio Brito. “Na Carona”, programa de exibição estadual da TV Bahia, 05 out. 2002.

⁴⁹ Dos antigos moradores que possuem lembranças do período de apogeu de Ventura, com idades que variam de 87 a 105 anos, foram entrevistados e/ou concederam depoimentos o Sr. Carlos Navarro, Sra Lia Medrado e Edgard Navarro. As entrevistas e/ou depoimentos de ex-moradores e moradores com idades entre 60 e 76 anos, que vivenciaram o período de crise e decadência do local constituiu um grupo de 6 pessoas: Sr. Flamarion Modesto, Sr^a. Janice Modesto, Sr^a Vanda Oliveira, Sr^a Aurora Muniz Sr. José de Souza, Sr^a Iraci Reis que nos passaram informações do período após 1932 (ANEXO J).

⁵⁰ Em Morro do Chapéu, séc. XVIII, foram estabelecidas diversas fazendas de agricultura e pecuária, a fazenda Reunião abrangia parte significativa das terras nas quais foi criado o “arraial do Ventura” (MURITIBA,1987).

extremamente violento. Informação semelhante referente a “garimpeiros-voluntários” da Guerra do Paraguai é narrada por Sales (1956), ao se referir ao município de Andaraí.

Nas últimas décadas do século XIX os garimpos de diamantes da região das “Lavras Diamantinas”, como era denominada a área dos atuais municípios de Lençóis, Palmeiras, Andaraí, Mucugê, já apresentavam sinais de exaustão. Logo, o Ventura apresentava-se como uma nova opção para os garimpeiros .

Onde houvesse diamantes, lá estariam os garimpeiros. Assim, o Ventura volta a crescer, as terras da fazenda Reunião foram vendidas a diversos fazendeiros, surgiram estabelecimentos comerciais na área do arraial (...) que, em 1906, devido ao seu significativo crescimento populacional e econômico, foi elevado à condição de Distrito de Paz, pertencente à Comarca do Morro de Chapéu (SAMPAIO, 1987).

O Ventura rapidamente apresentou sinais de progresso que, dentre outros fatores, eram revelados pela cultura material. Contava-se com infra-estrutura de calçamento das ruas, reservatório de água com chafariz, iluminação pública a lampiões a gás, comércio e serviços, devendo-se ressaltar a existência de um teatro e uma biblioteca (ESTATUTO, 1908; CORREIO DO SERTÃO, 18 de jun. de 1921).

De povoado de garimpeiros a arraial e a próspera vila define-se a trajetória do local entre a segunda metade do séc XIX até os anos de 1930. O apogeu do local foi vivenciado entre 1900 e 1930 graças à quantidade de diamantes e ao início da exportação de carbonados, comprados pelo mercado francês⁵¹.

4.1.2. Ventura: registros do período de apogeu

⁵¹ Segundo informações de um dos antigos moradores, o Dr. Joaquim Barreto de Araújo, em visita à França, conseguiu demonstrar que os diamantes utilizados para fins industriais poderiam ser substituídos com muito mais resistência pelos carbonados. Na década de vinte, a empresa Barreto de Araújo, além da exportação de diamantes, passou a exportar também carbonados, sendo a França o principal mercado importador do produto (entrevista do Sr. Edgar Navarro, realizada em Salvador em nov. de 2003).

“É grande a concorrência dos garimpeiros,
Que seguem para a exploração futura,
Saindo ao cento e aos milheiros,
Saudades de ti, sigo para o Ventura.”

(ABC do Ventura - João Miranda Neves, 24.01.1906).

Inúmeros elementos são relevantes para a recomposição da memória de Ventura. O estudo desse micro universo contribui também para o resgate de alguns aspectos da história sócio-política e econômica da Chapada Diamantina, favorecendo a compreensão do seu apogeu, crise e declínio.

O Ventura foi mencionado no livro “O sertão que eu conheci”, pelo aspecto de prosperidade da mineração, aliado ao caráter violento das localidades nas quais ficavam situadas os garimpos, fazendo referência, específica, ao garimpo do Gelo, bairro de residência de garimpeiros e agricultores, situado próximo a à área central de Ventura. (QUEIROZ, 1985, p. 18).

A repercussão da prosperidade de Ventura atraía um contingente significativo de garimpeiros. Deve-se levar em conta que já não era tão fácil encontrar diamantes na região das Larvas Diamantinas exploradas intensamente desde a década de 1840.

Consta abaixo trechos do “ABC de Ventura”, forma típica de expressão da cultura popular através da literatura de cordel. Conforme Guedes (1973) o cordel é um aspecto característico da cultura regional nordestina, com presença significativa na região da Chapada.

ABC DO VENTURA

J. M. Neves

Pela estrada seguem gentes

Com sacos de víveres e raspadura

Indo todos alegres e contentes

Trabalharem nos serviços do Ventura

Unindo aos companheiros de viagem

Conduzimos a fé, e detestamos a usura
 Vamos nos despedindo por toda a paragem
 Saudades de ti, vou ao Ventura

Vê-se gente trabalhando nas catas
 E nas estradas, viajantes com brandura
 Até o demônio! Fazia apercartas
 Também para visitar o Ventura”

Fonte: Lampião - Jornal da Chapada, Mar. de 1989.

Conforme entrevistas de antigos moradores, a riqueza do comércio de Ventura era notória, inclusive com produtos importados da Europa, sendo o terno de linho inglês e a seda francesa usual entre as pessoas da “sociedade”.

Atendendo ao critério de urbanização havia no centro principal da vila a Praça Cel. Dias Coelho⁵² que, diferentemente das praças da Vitória e dos Sampaio, destinava-se, apenas, a lojas comerciais. Contava-se inclusive com uma Associação dos Empregados do Comércio, criada para fins educativos e sociais em 1908 (ESTATUTO, 1908; SAMPAIO, 1999, p. 19; DOURADO, 2003).

Na descrição da cidade observava-se a existência de sobrados cujos proprietários eram chefes políticos (João Bilitardo, Otávio Bonfim, Joaquim Modesto de Souza, Cel. Dias Coelho), havia também uma pensão. Alguns dos casarões destacavam-se por possuírem salões, onde aconteciam festas e *soirée*, como a do Major João Navarro e Sr^a Esther Navarro ou por serem residências de pessoas ilustres tais como o Conde, de ascendência francesa,

⁵² Nome dado em homenagem a um Chefe Político do município, Intendente no período de 1904-08, Dias Coelho talvez tenha sido o primeiro e único negro a ocupar um cargo político de Intendente na Bahia no período mencionado. Tal praça encontra-se atualmente com poucos prédios e algumas ruínas.

Adolfo Von Den Bruler, amigo de Dr. Floro Bartolomeu⁵³, o primeiro médico que residiu no Ventura aproximadamente até o ano de 1908 (SAMPAIO, Ibid; DOURADO, 2003).

Havia um teatro (é possível ainda observar sua fundação em ruínas), freqüentado pelos adultos que pertenciam à elite da sociedade, onde assistiam a peças dos grupos que visitavam a vila, e também a Filarmônica de Ventura “25 de Dezembro”, criada através da Associação “Amigos da 25 de Dezembro” (ESTATUTOS, 1907; MURITIBA et al, 1997).

Com relação à educação, no período do apogeu, registra-se a existência de uma Escola Estadual e escolas particulares com professores formados em magistério, Prof^a Tertuliana, chamada carinhosamente como “D. Terta”, Prof^a Raulina e o Prof. e poeta Minervino Porto, ... conforme está registrado nas lembranças de antigos moradores⁵⁴ (CORREIO DO SERTÃO, 18 de jun de 1921 e 26 de nov. de 1922).

Acrescenta-se a existência de uma sub-delegacia, correio, uma biblioteca na Casa da Associação dos Empregados do Comércio, uma infra-estrutura que possibilitava o abastecimento de água através de um grande reservatório (a água chegava por gravidade a um chafariz ao lado da igreja). Destacava-se, ainda, o calçamento de pedra feito com declive e drenagem para escoamento de água das chuvas, rede de telégrafos, três farmácias e doze lojas comerciais, sendo que seis dessas lojas vendiam tecidos. Havia, também, duas padarias e uma fábrica de sabão (CORREIO DO SERTÃO, 18 de fev. de 1921 e 15 de jan. de 1922; MURITIBA et al, 1997 e SAMPAIO, 1999).

Reportando-se à vida econômica do local, sabe-se que o carbonado foi introduzido no mercado europeu pelo Dr. Joaquim Barreto de Araújo, informação que também consta no livro⁵⁵ “As memórias do Dr. Barreto de Araújo”. Neste registro é afirmado que os carbonados

⁵³ Conforme Pinheiro (1979) o Dr. Floro Bartolomeu é um nome de destaque para a historiografia nacional, pois na condição de Coronel, comandou no Estado do Ceará, as tropas “legalistas” que defendiam eleições de Washington Luiz, em 1930. Cf. Menezes, F; Alencar, G (1995).

⁵⁴ Dona Lia Medrado e Sr. Carlos Navarro, entrevistados no período da pesquisa de campo.

⁵⁵ Sr. Edgard Navarro, entrevista já mencionada.

do “tipo Ventura” eram conhecidos no mercado francês como os produtos de melhor qualidade dentre aqueles obtidos nas Lavras Diamantinas da Bahia.

Inegavelmente, o Ventura foi para o município de Morro do Chapéu o distrito mais rentável, e o primeiro a ser citado quanto à arrecadação no livro: “Imposto da Décima Urbana do Município de Morro do Chapéu” 1911 e 1916 . Segundo depoimento do Sr. Antonio S. Lima⁵⁶, tal desempenho econômico proporcionava ao local “uma excelente aura de progresso, levando o Ventura a um desenvolvimento que ofuscava a sede do município” (SAMPAIO, 1999).

Vale registrar que no cenário urbano da região diamantífera, a moradia dos garimpeiros - principais responsáveis pela extração da riqueza da terra - ocupava geralmente áreas periféricas, com habitações que assumiam um caráter improvisado. Os garimpeiros adquiriam poucos objetos para seu conforto. Todavia eram comuns as noitadas na rua do “Afoga Moleque” aonde comemoravam as “bamburras”, que conforme Sales (1939), no vocabulário do garimpo, significava encontrar uma pedra grande, isto é, fazer fortuna. Os garimpeiros, via de regra, gastavam o dinheiro com as “mulheres-dama”, forma como eram chamadas as prostitutas. Segundo um garimpeiro entrevistado era comum colocarem “dentes de ouro” que simbolizavam a riqueza dos garimpos por eles encontrados⁵⁷.

Ressalta-se, a partir da pesquisa no jornal Correio do Sertão que os desentendimentos entre as duas prostitutas mais bonitas da Chapada acabou em um homicídio. Jove, que era considerada como a prostituta mais bonita de Ventura, teve o seu prestígio abalado e passou a receber insultos de Dama de Ouro, prostituta que saiu de Lençóis e veio trabalhar em Ventura,

⁵⁶ Nascido em Ventura, em 1915, veio residir em Salvador na década de 1930, formado em jornalismo o Sr. Antonio Lima concedeu depoimento sobre o histórico do Distrito de Ventura em Alagoinhas - Bahia no ano de 1987.

⁵⁷ Segundo entrevista do Sr. José Lauro dos Santos, 62 anos, natural do município de Campo Formoso, garimpeiro, que no ano de 2002 residiu em Ventura “buscando a sorte em um garimpo”. O entrevistado havia conhecido o local na década de 1950 e ao retornar falou consigo mesmo “Vixe, não é possível que esse lugar seja o Ventura”, ele lembrava do local onde residiam “pessoas muito bem vestidas, elegantes, e que havia uma enorme feira...” (entrevista concedida em Ventura, em 02 de fev. de 2002).

as duas brigaram no meio da rua e Dama de Ouro que estava armada acabou matando Jove (CORREIO DO SERTÃO, 15 de jan. de 1922).

Ainda com relação à diferenciação entre as classes sociais observa-se que o calçamento das ruas com pedras, o abastecimento de água pelo sistema de gravidade, as praças, enfim, os serviços e benefícios sociais eram restritos às áreas centrais das vilas e cidades da Chapada nas quais residiam a oligarquia dos proprietários de terra e os comerciantes que representavam a elite social. Tal elite econômica potencializava seu poder no comando dos cargos públicos e na influência exercida no âmbito do poder político local.

A iluminação pública à luz de lampião, símbolo do turismo em Lençóis, também iluminava as noites sempre preenchidas com muita festividade, destacando-se, por exemplo, a Comemoração do Centenário da Independência (CORREIO DO SERTÃO, 17 de set. de 1922). “Era assim o povo de Ventura, gostava de fazer festas, ...” relembra “Dona Lia”, como é carinhosamente chamada a anciã centenária, neta de índia, que residiu em Ventura entre o período de 1914 a 2001.

A Sr^a Vanda Oliveira⁵⁸, também neta de uma índia casada com um negro, como parte significativa dos antigos moradores de Ventura, relembra os costumes de fazerem festas em Ventura: a festa de Natal, a festa de Nossa Senhora da Conceição, os desfiles da filarmônica, as festas do “Dois de Julho” e “Sete de Setembro”. Ela relembra da cura das doenças e “olhado” com “reza”, das diversas plantas utilizadas como chás para cura de doenças e dos ensinamentos de sua avó para sua mãe (...).

Na entrevista, relembra, também, junto com D. Lia e o Sr. Carlos Navarro, as modinhas referentes ao período do cangaço, que tanto amedrontou o povoado de Ventura. Os homens de Ventura estavam preparados para fazer a defesa caso o local fosse atacado por Lampião, segundo entrevistados. Durante a narrativa uma das entrevistadas começou a cantar

⁵⁸ Entrevista realizada em Ventura, em 7 de dez. de 2002.

uma “modinha”, sendo de pronto acompanhada pelos demais entrevistados, pois, tal modinha, segundo ela, era bastante conhecida naquele período:

“Lá vem Curisco
E Lampião,
Chapéu de couro
Fuzil na mão”.

Depois relataram aspectos referentes a passagem pelas proximidades de Ventura dos “Revoltosos”, como era chamado o grupo da Coluna Prestes na Chapada Diamantina, que também causava medo à população. Segundo os entrevistados como não se podia prever os ataques dos revoltosos a população de Ventura sentindo-se ameaçada escondia-se na Serra da Igrejinha e as famílias, da mesma forma que os garimpeiros, improvisavam moradia nas tocas de pedra da referida serra.

As entrevistadas (D. Lia e Sra. Vanda) relembram que estavam presentes nas festas de Ventura: o Reisado, o Terno de Reis, o Samba de Roda, Cavalhada Mourana, organizada por João Alemão (marceneiro), o Bumba meu Boi, Mulinha de Ouro, Argolinha. Também faziam grandes presépios para a festa de Natal.

Os festejos em Ventura serviam para demonstrar a prosperidade do local também o significativo contingente populacional era um dos fatores para argumentação em favor da emancipação do distrito. Falava-se de 20 mil habitantes em toda a jurisdição do distrito na década de 1920. Existe documentação comprobatória de que em 1914 a população da vila Ventura, na sede distrital, era de aproximadamente 3 mil pessoas. Tal informação é baseada no censo realizado em 1914⁵⁹, porém algumas residências de garimpeiros e o subúrbio de Sambambaia, André Moco e Acaba Saco não foram incluídos pelo fato de a área ser

⁵⁹ Tal recenseamento foi realizado no período em que se buscava a emancipação política de Ventura. O documento original (manuscrito) foi conservado pelo Major João Navarro, constando à descrição de dos moradores de cada residência, relacionando ruas e praças.

considerada como periférica, conforme relação das ruas recenseadas e entrevista de um dos antigos moradores⁶⁰ do local (RECENSEAMENTO, 1914).

Considerando a extensão e intenso povoamento do distrito, toma-se como válida a referência da população distrital de 6 a 7 mil pessoas no ano de 1914. Conforme entrevistas, havia no distrito de Ventura os seguintes povoados: Campinas (localidade com cerca de 1500 a 2000 habitantes no período de apogeu, no local havia uma praça, lojas, escola municipal e cemitério⁶¹), Rio Preto, Gameleira, Grotão, Capão do Pinto, Ponta D'água, Sarabando, Cercadinho e Boiadas, mencionados aqui por ordem de importância. Contava-se, ainda, com a população residente em diversas fazendas, dentre elas, Domingo Lopes, Estácio, Angelim, Montevideu e Bonifácio.

Acredita-se na possibilidade de toda a população do distrito ter chegado a alcançar a faixa superior a quinze mil habitantes caso seja considerada uma estimativa de crescimento da população da vila e todas as demais localidades e povoados do distrito, no período de 1914 até 1929/1930 já que, apesar de algumas oscilações de mercado, havia um bom preço para os diamantes e carbonados exportados para a Europa. Porém, mediante a dificuldade de encontrar dados comprobatórios da referência de habitantes, optou-se por adotar como válida a informação contida no Inventário Turístico de Morro do Chapéu referente a uma população de 15 mil habitantes (SMCTMAD, 2001, p.43).

A “elite” da sociedade venturense era formada por comerciantes e grandes proprietários de terra, destacavam-se alguns nomes ilustres como o do Dr. Affonso Costa⁶² e do Dr. Elísio Sá, irmão de Cezar Sá (filhos de Felisberto Sá, o coronel mais poderoso das Lavras Diamantinas no período anterior a Horácio de Matos), e o próprio Horácio e grande

⁶⁰ Sr. Carlos Navarro que cedeu para fins desta pesquisa os manuscritos do referido recenseamento, tais manuscritos foram guardados pelo seu pai João Navarro.

⁶¹ A última professora da escola municipal de Campinas, Sr^a Aurora Muniz, concedeu entrevista em Morro do Chapéu e descreveu o período que lecionou no local. Entrevista realizada em Ventura, em 7 de dez. de 2002.

⁶² Segundo antigos moradores, Affonso Costa, ao sair de Ventura para o Rio de Janeiro, chegou a ocupar o cargo de Presidente da Academia de Letras do Estado do Rio.

parte da família Matos, que, na primeira década do século, tinha propriedade de terras e garimpos na atual área da fazenda Grotão (MORAES, 1991)

A família de Francisco de Matos, tio de Horácio, residia em Campinas, povoado do distrito de Ventura. Entre os ilustres do local destacam-se os poetas Affonso Costa e Minervino Porto (CORREIO DO SERTÃO, 24 de jul de 1922; DOURADO, 2003).

Conforme entrevista⁶³a partir de 1918 destacavam-se como chefes políticos Laurentino Samuel do Bonfim Louro – vulgo “Louro Barão” – João Bilitardo Sobrinho e Major João Navarro (DOURADO, Ibid).

É válida, para recuperação da memória local, a informação de que “as pessoas ilustres e os chefes políticos do local” faziam assinaturas de jornais: Correio do Sertão (Morro do Chapéu), Pequeno Jornal (Morro do Chapéu); O Sertão (Lençóis), Jornal da Bahia; Diário de Notícias e O Imparcial (Salvador) e revistas como “Careta e Malho”, posteriormente da revista “Cruzeiro” que chegavam ao local, através do correio, constituindo a principal fonte de informação da época, conforme entrevista de um dos antigos moradores e observação de revistas e jornais guardados em arquivos no local (SAMPAIO, 1999, p. 25).

Com relação à presença de pessoas ilustres, cientistas e políticos na vila destaca-se a visita do cientista natural Padre Camilo Torrend (CORREIO DO SERTÃO, 15 de jan. 1922) e do político Juracy Magalhães, quando candidato ao governo do Estado da Bahia, em 1950. Para melhor compreensão do histórico do distrito de Ventura, é necessário apresentar uma caracterização geral sobre o “cenário político” do período de apogeu econômico-político da Chapada Diamantina.

4.2 O CORONELISMO DA CHAPADA DIAMANTINA

⁶³ Sr. Carlos Navarro, entrevistado em Ventura e em Salvador, conforme já mencionado.

Tal qual o poder dos diamantes no plano econômico, o poder dos Coronéis manifestava-se na organização político-social da Chapada. Esse universo polêmico que, metamorfoseado, ainda perdura na atualidade não será aqui execrado. Para tal seria necessária uma análise política, mas também não será cultuado, acompanhando a construção de mitos regionais.

O estudo aqui apresentado limita-se apenas a reconhecer o coronelismo como o traço mais característico da política nas Lavras Diamantinas, predominante no período de apogeu da economia diamantífera, ainda existente na região sob novos contornos e formas.

A análise da política das Lavras Diamantinas revela um complexo universo de construção política de uma hegemonia civil que se fazia referendar através do recebimento da patente militar para participar da Guarda Nacional, criada no Brasil Império (LEAL, 1975).

A partir da renda de 100 mil-réis, declarada pelo voto censitário, indivíduos que possuíam significativo poder econômico compravam patentes, sendo nomeados pelo Ministro da Justiça, sob recomendação dos Presidentes de Província. Coronel era o maior posto desta hierarquia.

Na Chapada Diamantina, região por onde circulavam intensivamente garimpeiros, caracterizava-se pelos constantes episódios de violência. Pode-se afirmar que o quadro era representativo de um sistema oligárquico no qual os senhores precisavam de soldados para sua defesa ou ataque aos opositores para assim e manterem sua projeção social e política. Assim, os líderes locais, cercavam-se de um verdadeiro exército que lhes prestava serviços não pelo soldo, mas pela gratidão, fidelidade inclusive, estendida aos familiares. Eram compromissos de honra (...) (MORAES, 1991).

A efervescência da política coronelista nas Lavras Diamantinas ganha contornos particulares, pois o processo de adesão dos jagunços em defesa dos chefes não obedecia somente à regra de benefício pelo "perdão de um crime", ou seja, da proteção do chefe

político que abrigava em sua fazenda, e sob sua proteção, um indivíduo que havia cometido um delito ou crime, geralmente de homicídio (Ibidem, 1991).

Essa era a forma mais comum de constituição do exército de jagunços dos coronéis, "homens de posses" e títulos, que buscavam poder com participação direta na esfera pública ou indiretamente através da indicação dos nomes para ocupação dos cargos na política local. O contorno particular do coronelismo na Chapada diz respeito à amplitude regional/estadual que o fenômeno atingiu.

Entre os mais importantes coronéis destaca-se Horácio de Matos com poder inicialmente localizado em Lençóis e, posteriormente, estendido a toda as Lavras (MACHADO NETO, 1972, p.10). Inúmeros conflitos marcaram a história política da Chapada, o poder de Horácio tornava-se hegemônico e poucos tiveram a audácia de desafiar seu "exército" de jagunços (os registros referem-se de 2 a 4 mil homens) (QUEIROZ, 1985).

Outras chefias coronelistas aliaram-se a Horácio de Matos, criando nos sertões a aliança Horacista, composta pelos coronéis Galdino de Moraes em Jacobina, Doca Medrado de Mucugê, Aurélio Goudin em Andaraí; Manoel Quirino de Ibititá e Souza Benta em Morro do Chapéu. (MACHADO NETO, Ibidem, p.11 e 12; depoimento do Sr. Carlos Navarro)⁶⁴.

O Cel. César Sá, liderança política de Lençóis, foi vencido por Horácio de Matos. Esse coronel possuía uma rede política de alianças, destacando-se os coronéis Manoel Fabrício, em Campestre, e Militão Coelho, em Barra do Mendes. Este último enfrentou Horácio em um combate sangrento no início da década de 1920, Horácio saiu vitorioso (MENDONÇA, 1980).

A denominada "civilização dos diamantes", na década de 1920, buscava autonomia por acreditarem os chefes políticos da aliança horacista dever ser anulada as eleições para o

⁶⁴ O depoimento citado foi realizado em várias etapas como parte da pesquisa de campo desta dissertação (em Salvador e em Ventura-2002) e refere-se ao conjunto de lideranças coronelistas da Chapada e a inserção do Morro do Chapéu e de Ventura no contexto político das Lavras e do Estado da Bahia.

governo estadual⁶⁵ na qual foi eleito J. J. Seabra (MORAES, Ibid; CÉZAR,2000). Para entender os motivos dessa acirrada oposição a J.J. Seabra explica-se que ele ganhou “inimigos políticos” pelo fato de, no seu primeiro mandato de governador do Estado da Bahia (1912-1916), ter estabelecido, através da Reforma Administrativa (1915), que os intendentess municipais deveriam ser indicados pelo executivo (MELLO, 1989, p. 167).

Tal medida eliminava a influência direta dos Coronéis na escolha dos governantes locais, criando um desconforto generalizado, especialmente entre aqueles que não participavam da corrente política governista, reforçando o grupo de oposição de Horácio de Matos que possuía hegemonia em toda região das Lavras Diamantinas (MELLO, Ibid, p. 167).

Compreende-se que o coronelismo que se desenvolveu com o ciclo do diamante na Bahia acabou por estruturar-se como expressão do poder local autônomo através do “Acordo de Lençóis”, reconhecendo o comando de Horácio sobre a região. Esse foi o fato político mais marcante em toda a história do coronelismo na Bahia (CÉZAR, 2000).

Esse fenômeno político também envolveu a região do Baixo-Médio São Francisco, tendo sido criada uma junta revolucionária em Remanso, o que nos permite dizer que era uma autêntica revolta sertaneja, assumindo um caráter excepcional no cenário político brasileiro por desafiar o governo estadual, pretendendo a criação de um “Estado autônomo” dentro do Estado Federado da Bahia (CÉZAR, Idem; MELLO, Idem).

Os especialistas da área chamam de “Tratado de Paz” os documentos denominados Acordo de Lençóis (Anexo C) e Acordo de Remanso. Houve uma negociação e pacto de mútuas vantagens. Assim, o governo federal interveio dando posse a Seabra, porém ampliou o poder dos Coronéis nos sertões (MELLO, Ibid, p. 68).

⁶⁵ Executa-se nesse contexto o movimento "marcha dos sertões sobre a capital" ao qual Ruy Barbosa refere-se da seguinte forma: "Foi então que esmagados, ultrajados, ludibriados, os sertões baianos tomaram sua resolução heróica" publicada como artigo do jornal O Imparcial, 1920. a “marcha” referida pretendia ocupar Salvador e fez parte de um amplo movimento político de oposição que culmina no referido Acordo de Lençóis.

Quando os coronéis se apossavam do controle administrativo local e assumiam o *status* de chefe político, era comum, inclusive na Chapada, práticas tais como: a realização de eleições “bico-de-pena” caracterizadas pela prática de falsificação das atas eleitorais pelos chefes políticos que possuíam hegemonia política. Deve-se levar em consideração que existiam disputas coronelistas entre as quais pode ser citada, como exemplo, a duradoura luta entre os Sá e os Matos, que teve repercussão em toda a Chapada (MORAES, 1991).

O coronelismo, além do controle local, também garantia a eleição para cargos do legislativo e executivo estadual e federal. Além do prestígio social, cooptador de votos da população, especialmente daqueles que dependiam dos “favores” dos coronéis, o que geravam dívidas de gratidão e, em muitos casos, lealdade garantida, até mesmo, com a própria vida.

Na análise de LEAL (1975), a Guarda Nacional deixou de ter a função de segurança e transformou-se em instrumento político eleitoral, transformando o Coronel em chefe político de projeção nacional. O coronelismo, mais do que um fenômeno de controle político, passou a pertencer às culturas regionais.

No contexto da Chapada Diamantina, com o governo de Vargas, Horácio de Matos é preso em Salvador e seus jagunços são forçados a entregarem as armas. Posteriormente, em liberdade, já em Lençóis, Horácio foi assassinado. O poder do coronelismo na Chapada enfraquece. Por fim, a crise na exploração diamantífera e outras problemáticas econômicas enfrentadas pela região vão, gradativamente, minando essa forma particular de construção do poder local.

Enfim, sem pretender fazer nenhuma forma de ode ou culto à personalidade, o conhecimento e a compreensão sobre a história política da Chapada Diamantina passa, inegavelmente, pelo fenômeno do coronelismo e pelo nome de Horácio de Matos.

4.2.1 Ventura, a vila rica e a perspectiva de emancipação

Interesses distintos entre as lideranças políticas do Município do Morro do Chapéu apresentaram-se diante da organização em prol da emancipação política de Ventura, liderada por Afonso Costa e Elisio Sá, em 1914. O Município tinha como Intendente o Cel. Dias Coelho, que não aceitou a proposta emancipatória, visto que o “Ventura deixava excelentes cifras aos cofres Municipais” no período do apogeu econômico. (SAMPAIO, 1999; IMPOSTO, 1911).

Afonso Costa sai de Ventura por estar em desacordo com a política hegemônica no município e Elisio Sá permanece enquanto oposição até o final do ano de 1914, quando, em função da primeira guerra, há reflexos negativos na exportação de diamantes. Nesse período, retira-se de Ventura a família Barreto de Araújo devido aos conflitos políticos do coronelismo nas Lavras.

Visando esclarecer os propósitos da emancipação política do distrito, projeto encarado pelo Cel. Dias Coelho como uma traição política, a comissão escolhida para apresentar e solicitar apoio do referido coronel, chefe político do município, fez publicar uma nota no Jornal de Notícias (31 de agosto de 1914). Um dos trechos da publicação descreve o Ventura:

“O comércio tem 20 a 30 casas de negócio todas bem desenvolvidas; Algumas pessoas que negociam em diamantes e carbonatos - o principal ramo daquele comércio -, (...) tem uma população, dentro do perímetro urbano, de nunca menos de 3000 almas (...) uma escola mista estadual (...) um hospício de órfãos, com efetividade de 37 alunos, e duas escolas particulares, a do sexo feminino, com 17 alunas, e a do sexo masculino, com 50 alunos”. (Jornal de Notícias, 31 de agosto de 1914).

O Coronel Dias Coelho resolve emancipar o distrito de Wagner (Ponte Nova) alegando a proximidade deste ao município de Lençóis. Após o fracasso da primeira tentativa de emancipação, houve um breve período de paz e consenso entre lideranças políticas de

Ventura e demais lideranças municipais que apoiavam a Campanha Civilista de Ruy Barbosa à Presidência da República. Até então, tudo acontecia na maior perfeita ordem, quando Horácio de Matos começou a ganhar projeção nas Lavras. Conforme Mendonça (1980), a política de força do horacismo revela-se nos conflitos com o Cel. Militão Coelho – Intendente do recém constituído Município de Barra do Mendes, emancipado de Brotas de Macaúbas.

No “Convênio de Lençóis” (ANEXO C), uma das cláusulas para o restabelecimento da paz com as forças revolucionárias era que fosse revogado o processo de emancipação política de Barra do Mendes. Devido à projeção do Cel. Horácio de Matos em toda Chapada Diamantina ele conquistou aliados e construiu uma hegemonia política na Chapada o que fica evidenciado pelo estabelecimento do Convênio conhecido como “Acordo de Lençóis” em 1922 (MORAES, 1991).

A literatura de cordel e a presença de poetas cantadores, aspectos significativo para a recuperação da memória da região nordeste, segundo análise de Guedes (1973), retrata a história do conflito entre Horácio de Matos e Militão Coelho descrita nos versos abaixo mencionados:

“Eu vou contá u’ a história

De causá assombração:
É a história de Horácio
Nas lutas com Militão
O cerco de Barra do Mendes
A fogueira no sertão.
A jagunçada caindo
Qui nem mangaba no chão... ”.

Fonte: Cancioneiro Popular das Lavras Diamantinas da Bahia (MORAES, 1991, p.71).

Tal conflito foi marcado por mortes e destruição política, destacando-se como pacificador o Cel. Antônio de Souza Benta – Presidente do Conselho Municipal do Morro do Chapéu (MENDONÇA, 1980).

Quanto à análise do apogeu econômico de Ventura, é relevante observar que a contribuição de Impostos do Distrito era significativamente superior ao montante arrecadado pela sede municipal. Segundo levantamento realizado a partir dos dados publicados no Jornal Correio do Sertão (CORREIO DO SERTÃO, 26 de mar. 1922; 09 de abr.1922; 23 de abr. 1922; 27 de ago. 1922.), o somatório do Lançamento Municipal do Imposto de Indústria e Profissão do exercício de 1922, arrecadado pelo Distrito de Ventura, foi de 2.422\$000 (mil réis) e o total de arrecadação da sede municipal, cidade de Morro do Chapéu, foi de 1.302\$750 (mil réis).

O montante da arrecadação do distrito sede, Morro do Chapéu, correspondeu a pouco mais da metade, apenas 53,34%, do montante arrecadado pelo Distrito de Ventura. Com base nos dados acima mencionados e nos depoimentos de antigos moradores, considera-se que o desenvolvimento econômico significativamente superior do distrito de Ventura, se comparado com o da sede municipal, era notório desde o início do século, sendo esta a principal motivação da luta pela emancipação política.⁶⁶

É importante ressaltar que a influência Horacista tem reflexos em Ventura por ocasião das eleições Estaduais para Governador (1923 / 24) quando se estabelece consonância no que se refere a apoiar nome de Góes Calmon, candidato de conciliação das forças governistas do ex. Gov. J. J. Seabra e do Presidente Arthur Bernardes, e do grupo de oposição de Ruy Barbosa, Otávio Mangabeira e Simões Filho.

Parecia que uma só política iria unir as Lavras quando o Presidente Artur Bernardes nomeia para ministro Francisco Sá. Tal político, de influência no Rio de Janeiro, era tio de

⁶⁶ Sr. Carlos Navarro e Sr. Antonio Silva Lima, conforme entrevistas e depoimentos já mencionados.

Elisio Sá (já citado como liderança que procurou emancipar o Ventura), e tio do antigo chefe político de Lençóis, Ex. Senador, Cel. César Sá. Tal nomeação influenciou a política baiana repercutindo numa cisão entre Góes Calmon (Governador do Estado) e Horácio de Matos (MORAES, 1991).

Tem início, então, lutas políticas em Lençóis: Horacistas contra o Governo Estadual, política esta que, de alguma forma, se refletiu em Morro do Chapéu e em Ventura, pois algumas lideranças da família Navarro e da família Dourado mantiveram apoio a Góes Calmon.

Organizou-se, então, uma oposição em Morro do Chapéu, que venceu as eleições, em 1923, contra o grupo de hegemonia política tradicional no município, liderado pelo Cel. Souza Benta, chefe político Horacista. Tal aliança oposicionista representou a segunda tentativa de formar um cenário político de apoio à emancipação de Ventura.

Com a vitória da oposição no município, foi eleito como Intendente Prof. Faustiniiano Lopes, apoiado pelo Cel. Dourado. Tal Coronel havia feito um acordo com as lideranças de Ventura para viabilizar a emancipação do local, justificada pelo o crescimento populacional e pela riqueza do distrito. Foi então que os chefes políticos municipais, liderados pelo Cel. Souza Benta e que atuavam em consonância com o poder Horacista, não aceitaram a derrota.

A oposição ao comando do Cel. Teotônio Dourado e ao Intendente eleito, Faustiniiano Lopes, contestou o resultado das eleições, que, no entanto, obteve deferimento de recurso no Senado Federal. O Cel. Souza Benta entregou os cargos do poder executivo se retirando da cidade para organizar uma resistência (PEQUENO JORNAL, 10 de jul. de 1924; SAMPAIO, 1999).

Os dois anos do mandato de Faustiniiano Lopes (1924- 1926) foram marcados por intensos conflitos políticos. A resistência do grupo que apoiava o Cel. Souza Benta acabou por gerar um conflito armado em Ventura. Questionava-se a legitimidade do exercício do poder do Intendente e das nomeações por ele realizadas para os cargos, no caso específico, de

escrivão de paz e de sub-delegado de Ventura (CORREIO DO SERTÃO, 09.09. 1923; 07.09.1924).

Em 30 de agosto de 1924, dia sangrento em Ventura, jagunços fizeram um ataque armado à parte da vila, transformando-a numa trincheira de resistência, atingindo especialmente a sub-delegacia e a casa do Major João Navarro⁶⁷. O Sr. Carlos Navarro, que naquele momento tinha apenas oito anos de idade, relembra com clareza o cenário de luta.

A nota “As barulhadas do Ventura”, veiculada no Jornal Correio do Sertão, refere-se ao episódio. Todavia, como o proprietário do referido jornal apoiava o Cel. Souza Benta, fala-se da vinda de 100 praças (soldados do governo estadual) para apoiar o grupo político de Ventura, para restabelecer a ordem local. Porém, não dá detalhes que esclareçam melhor a dimensão exata do conflito. Interessante observar que no mesmo número do referido jornal consta na nota “Não temos festa” a informação sobre a suspensão das comemorações de 07 de setembro devido aos conflitos que aconteceram em Ventura (CORREIO DO SERTÃO, 07 de set. de 1924).

Existem, ainda, na parede lateral da casa marcas de tiros deste episódio, quando João Navarro, que não tinha comando sob jagunços, contou com o apoio da população que fez trincheiras no centro da vila, (...). Naquele mesmo dia, em apoio à resistência em Ventura, os Srs. Altino Lima e proprietário da fazenda Rio Preto, Policarpo Muniz⁶⁸, enviaram seus jagunços ao local de conflito (SAMPAIO, 1999).

Também vieram os jagunços liderados por José Mesquita, a serviço do chefe político do município de Mundo Novo, Deputado Eusébio Santos Cardoso. A mando do Governador Góes Calmon vieram o Tenente Macedo e posteriormente, o Capitão Antoniel, ambos acompanhados por agrupamentos de soldados com o objetivo de estabelecer a pacificação no

⁶⁷ Conforme a política da época, os cargos de importância eram nomeados pelo Intendente. Assim, Major João Navarro, vice Presidente do Conselho Municipal, ficou responsável pela nomeação do sub-delegado, escrivão e fiscal em Ventura.

⁶⁸ Conforme depoimento da Sr^a Jeni Muniz, neta do fazendeiro Policarpo Muniz, entrevistada em Morro do Chapéu em janeiro de 1999 (Sampaio, 1999).

local, temendo que houvesse mais ataques dos grupos de jagunços Horacistas, liderados por Paulino e José Pé de Serra, que se supunha virem em apoio às lideranças do Morro do Chapéu, contrárias ao reconhecimento da vitória das eleições pelo grupo oposicionista.

No entanto, tal grupo de jagunços, chefiado por José “Pé de Serra”, o mais importante jagunço de Horácio de Matos, não chegou à Vila graças à intervenção amistosa de Francisco Barreiros de Brito. Como não havia inimizade pessoal (era apenas política) entre as lideranças de Ventura e o Cel. Souza Benta, este resolveu mandar recuar o ataque na tentativa de evitar maior derramamento de sangue, mas sabendo estar protegido por Horácio, entregou os cargos em Ventura, mas não reconheceu a vitória dos seus adversários no município (SAMPAIO, 1999).

Havia, então, a possibilidade de ser efetivada a emancipação política do distrito quando a influência da política Horacista se refletiu diretamente na história de Ventura, por ocasião da passagem de Coluna Prestes pela Bahia, em 1926. O governo Góes Calmon entra em acordo com Horácio para obter seu apoio contra os “revoltosos”, estabelecendo a referida aliança com o governo do estado e, portanto, voltando a ter projeção no município de Morro do Chapéu o Cel. Souza Benta (MORAES, 1991; CORREIO DO SERTÃO, 16 de maio de 1926).

Para garantir a paz e a ordem em Morro do Chapéu, a solução foi o afastamento da principal liderança oposicionista: optou-se pelo desmembramento e emancipação do distrito de Caraybas, que veio a se chamar Irecê, local de maior influência da família Dourado. O chefe político, Cel. Theotônio Dourado, foi indicado como Intendente do novo município (PEQUENO JORNAL, 06 de jun. 1927).

Ainda conforme o depoimento de uma liderança de Morro do Chapéu⁶⁹, a oposição de Ventura, “encabeçada” pelo Major João Navarro, ficou isolada depois de resistir à política hegemônica municipal, chefiada pelo Cel. Souza Benta.

Assim, o local continuaria sendo a “galinha dos ovos de ouro” (ou, de diamantes) para os cofres municipais. O jornal o Correio do Sertão (29 de jun. de 1927) publicou, então, uma matéria de primeira página intitulada “A primeira excursão do Sr. Intendente Municipal ao distrito de Brejinho e Ventura”. O novo Intendente retomou o poder no município na qualidade de representante do grupo do chefe político de Morro do Chapéu, Cel. Souza Benta, favorecido pelo contexto político de aliança do governo estadual com Horácio de Matos.

Segundo Sampaio (1999), fracassado o projeto de emancipação, rivalidades do plano político inviabilizaram qualquer benefício à vila, sede do distrito de Ventura. Em poucos anos, a política de perseguição política coincide com o início do processo de declínio econômico devido a uma brusca queda de preço do carbonado no mercado internacional. Tal queda de preço causou uma crise econômica significativa acentuada pela seca de 1932, iniciando-se, então, o processo de decadência do local (SAMPAIO, 1999; CORREIO DO SERTÃO, 02 de fev. de 1936).

4.3 CRISE ECONÔMICA NA CHAPADA: A DIÁSPORA DE SERTANEJO

Identificar o quanto já foi perdido do patrimônio histórico da Chapada Diamantina durante o processo de crise, abandono e destruição das vilas e cidades requer um estudo compreensivo da cultura regional, em seus elementos característicos, integrando as peças que

⁶⁹ O autodidata Lauro Adolfo concedeu depoimento em Morro do Chapéu em 11 de dez. de 2003.

compõem o conjunto do patrimônio cultural das “cidades vivas” na sua dinâmica de funcionamento (PELEGRINI, 1997).

O povoamento relacionado à atividade de mineração pode ser caracterizado pela instabilidade de fixação de residência. Assim, não há nada de novo em falar da vida efêmera de algumas localidades que nem mesmo chegaram a constituir arraiais e vilas.

O que merece destaque é a amplitude que o processo migratório assumiu a partir de 1932 levando a um decréscimo populacional significativo em cidades com padrão de desenvolvimento avançado para a época e para a região. A seca, fenômeno que ainda hoje marca a vida do nordestino sertanejo, foi narrada com maestria por Graciliano Ramos no romance “Vidas Secas” que retrata justamente a estiagem de 1932.

Identificam-se duas ordens de fatores que causaram impactos na estrutura econômica e social da Chapada Diamantina: o declínio da produção diamantífera aliada à queda no preço do carbonado no início da década de 1930 e as estiagens sucessivas.

Enfim, a Chapada Diamantina, dependente da comercialização do carbonado, vive seu drama devido à concorrência da produção da África do Sul. Posteriormente, quando a indústria passou a fabricar a vídia, tal produto passou a ser utilizado para fins de corte, polimento nas indústrias que antes utilizavam diamante e carbonatos para essa mesma finalidade⁷⁰.

O processo de crise e decadência econômica da região assumiu significativas proporções e, por isso, cidades que chegaram a possuir entre vinte e quarenta mil habitantes apresentaram, no início dos anos sessenta, drástica redução demográfica. Cita-se como exemplo aquelas que foram as maiores sedes municipais: Lençóis, que teve a sua população reduzida de 30 mil para aproximadamente 2.500 habitantes e Mucugê que, na década de 1960, possuía apenas 723 habitantes (MORAES, 1991, p.182; MURITIBA et al, 1997; SAPUCAIA, 2000, p.26).

⁷⁰ Informações baseadas no depoimento do Sr. Flamarion Modesto, fevereiro de 2003, Morro do Chapéu.

Os distritos que, apesar de prósperos não conseguiram emancipação política, transformaram-se em 'cidades-fantasma', após terem sido abandonadas pela população local.

O mesmo processo de crise econômica e migração da população, tanto dos garimpeiros quanto dos segmentos sociais de elite, marca a história de toda a região o que fez com que arraiais e vilas de distritos passassem à condição de “cidades abandonadas” como o caso de Xique-Xique, conhecida atualmente como Igatu, em Andaraí, onde restou praticamente apenas a "cidade de pedras", em ruínas que resistiram ao tempo; e Ventura em Morro de Chapéu, que teve sua população reduzida a cerca de 70 pessoas, em meados da década de 1970. Ambos distritos foram famosos na região pelo desenvolvimento e prosperidade local.

Com referência ao processo de migração, identifica-se pela ótica poética o sentimento de topofilia, o elo entre o indivíduo e o ambiente, descrito por Tuan (1980) que também pode ser observado no seguinte texto de Walfrido Moraes. O autor utiliza uma metáfora para explicar seu sentimento:

“Para traz, como uma saudade, ficou a Chapada baiana, imensa, quase deserta. Ficou a Chapada escaldada de sol, mas sem calor humano. Ficou a Chapada com as entranhas vermelhas das piçarras erodidas dos garimpos, expostas ao céu como a querer mostrar o coração geológico, sangrando” (MORAES, 1991, p.182).

4.3.1. A seca de 1932: “Adeus, oh terra do Ventura”

O poema apresentado a seguir é letra e música de autoria de Affonso Costa que saiu de Ventura para o Rio de Janeiro, em 1914. A música foi transformada em uma espécie de “Hino” para todos aqueles que, por diversos motivos, saíram da vila.

“ADEUS, OH! TERRA DO VENTURA

Affonso Costa

Adeus oh! Terra do Ventura
Adeus Campinas, rios e Flores
Eu vou sofrendo mil torturas

Transpondo os seus horizontes
Talvez, que nunca mais regresse
Talvez, que nunca mais te possa ver
Jamais de ti nunca se esquece
A quem tu viste nascer

Coração, não terás consolação
Pois infeliz já serás
Que na terra da tua alma
Longe estais”.

(COSTA apud SAMPAIO, 1999, p.29).

Conforme mencionado, o processo de destruição da vila de Ventura teve início na década de 1930, provocado pela queda do preço do carbonado, produto exportado para a Europa, o que causou uma crise econômica não só em Ventura, mas, também em Lençóis e diversas localidades da Chapada. Tal crise foi agravada pelos sinais de exaustão da exploração de diamantes pelo processo de garimpagem artesanal.

Efetivamente, o Ventura passou a ser abandonado pela sua população com a seca de 1932 entrando em processo de decadência a partir desse período. Para compreensão do abandono, isolamento e destruição de Ventura é necessário fazer uma leitura a partir de elementos econômicos e políticos, especialmente no âmbito municipal⁷¹.

4.4 O DESVIO DAS ESTRADAS: A POLÍTICA DE ISOLAMENTO

Depoimentos dos ex-moradores que relatam a estrutura de poder do município e da região da Chapada, com os vestígios remanescentes do coronelismo, explicam o como e o porquê do processo de abandono. Este chegou a conseqüências tão abrangentes, fazendo com

⁷¹ Aspectos relacionados ao histórico de apogeu e decadência do Distrito de Ventura são encontrados em Muritiba, et al (1997); Queiroz (1985); Sampaio (1987 e 1999).

que a “próspera vila” chegasse a condição de uma cidade destruída ou “cidade fantasma”. Pela ótica poética dos antigos moradores, através de publicações no Jornal Correio do Sertão, a crítica ao poder público municipal foi significativamente evidenciada na década de 1980.

Esclarece, ainda, a situação de abandono local o desvio do projeto original da rodovia BA 052, conhecida como “Estrada do Feijão”. Segundo entrevista de um dos atuais residentes⁷² de Ventura, após a derrota política da oposição, ainda na década de 1950, o projeto da rodovia foi desviado de Ventura. O novo projeto da rodovia, naquele período, beneficiava, apenas, a cidade de Morro do Chapéu. Com o novo projeto, a estrada daria acesso direto à praça matriz da cidade. Todavia a alteração do trajeto Ventura – Morro do Chapéu fez com que a estrada passasse por fazendas sem qualquer aglomerado humano representativo tanto no período da sua implantação quanto atualmente.

Porém, quando na década de 1960 foi projetado um ramal da estrada para atender às localidades de Ponta D’água, Ventura, Campinas, que seriam ligadas à sede do município por uma estrada asfaltada, “a mágoa do povo venturense levou a intransigência da comunidade em não aceitar que o ramal da estrada ligasse o Ventura ao Morro do Chapéu”. Ainda segundo o referido entrevistado, a população gostaria que a estrada desse acesso a Cafarnaum (...) tal fato levou a destruição total da vila de Ventura.

Conforme o depoimento do entrevistado, “o líder político do local não estava em Ventura”. A ausência de uma liderança política para receber o engenheiro, técnico do governo do estado, e esclarecer questões políticas do âmbito municipal, acabou por favorecer o isolamento do local.

Sabe-se que o referido engenheiro, após ser recebido pelas lideranças políticas da cidade de Morro do Chapéu, resolveu indicar como inviável e desnecessário a construção do ramal da estrada Ventura - Morro do Chapéu, alegando como justificativa, a situação de decadência econômica do distrito. Assim contribuiu para o isolamento não só da vila, sede do

⁷² O referido entrevistado é o Sr. José que passou maior parte dos seus 60 anos de vida morando no local.

distrito de Ventura, mas, também, de outros povoados que seriam beneficiados pela construção da estrada.

Um dos antigos moradores do local, lembra que após alguns anos da indicação da inviabilidade do ramal Ventura-Morro do Chapéu manteve um diálogo com o engenheiro responsável:

“– Não adiantava a estrada para o Ventura, sua cidade parecia uma ‘cidade’ bombardeada (ironizando o fato de que já havia muitas casas em ruínas).
- De fato, minha cidade parecia uma cidade bombardeada, mas ainda existe e a sua não existe mais, agora está debaixo d’água (ironizando por que o engenheiro nasceu na cidade de Remanso, submersa para construção da barragem de Paulo Afonso)”.

Conforme afirma em sua entrevista o Sr. Antônio Silva Lima “(...) o Ventura era, depois de Lençóis, o lugar mais próspero da Chapada”. Ainda há, no pouco que resta da antiga vila Ventura, elementos que indicam essa fase de prosperidade (SAMPAIO, 1999).

Apesar de a rodovia ter sido afastada apenas 8 km de Ventura, a simples notícia da alteração do projeto causou um decréscimo da população local, na década de 1960. A partir de então, muitas famílias mudaram residência para sede de Morro de Chapéu e para outras localidades, pois não queriam ficar isoladas em Ventura.

A conclusão da “Estrada do Feijão” deu-se em 1978 e, como afirmam os antigos moradores entrevistados em 2003, “os oito quilômetros que afastam o Ventura da rodovia também afastaram o local do progresso”.

4.4.1 Movimentos de resistência no processo de decadência do local

Na década de 1930, com o agravamento da crise econômica, organizou-se um grupo com a finalidade de buscar apoio governamental para que se viabilizasse a diversificação das atividades econômicas por particulares, explorando o potencial agrícola e a pecuária, como

alternativa econômica à atividade de mineração (CORREIO DO SERTÃO, 02 de fev. de 1936).

Com a formação do referido grupo, que agregava a antiga elite econômica de Ventura, foi manifestado apoio ao projeto de emancipação de Ventura e com este ideário a localidade passa por um processo de significativa recuperação populacional.

Segundo entrevista dos Srs. Carlos Navarro e Flamarion Modesto, no período em que se organizava o projeto de emancipação, tendo como liderança o Sr. Joaquim Modesto, a vila volta a possuir cerca de 5 mil habitantes, porém com o falecimento do líder político o movimento se enfraqueceu, pois não havia representação política junto ao governo do Estado, durante a intendência de Juracy Magalhães, capaz de viabilizar o apoio às solicitações de investimento para transformar a agricultura em alternativa econômica para recuperação da localidade.

O processo de isolamento político de Ventura, decadência econômica e migração populacional voltou a ser um contínuo a partir de 1935 até 1950, quando o Sr. Carlos Navarro concorreu ao cargo de Prefeito do Morro do Chapéu.

Segundo entrevista do ex-candidato, o seu projeto inicial previa a construção do Hospital Municipal de Morro do Chapéu e a realização de pequenas obras de infra-estrutura nos diversos distritos. Esperava, também, ser possível organizar o movimento de apoio político pró-criação do município de Ventura firmado entre o então candidato, o deputado estadual Dr. Reinaldo Moreira, e o candidato a governador do Estado Juracy Magalhães.

Ressalte-se que, atualmente, evidencia-se a relação existente entre a falta de autonomia política e a decadência de Ventura. Conforme entrevista do ex-secretário Municipal de Cultura e Turismo, “Caso houvesse a emancipação, o Ventura não teria sido destruído” (SAMPAIO, 1999, p. 36).

Naquele período as eleições eram caracterizadas, além do chamado “voto de cabresto”, pelas fraudes e violência, o que garantiu a hegemonia do PSD. Porém, em Ventura foi

assumido declaradamente um caráter oposicionista, com mais de 62% dos votos para Carlos Navarro (ex-candidato a Prefeito) e Dr. Reinaldo (Deputado Estadual), ambos da UDN, sendo o último ex-prefeito de Morro do Chapéu (CORREIO DO SERTÃO, 15 de out. 1950; 25 de set. de 1950; 10 de out. de 1950).

Como resultado de um trabalho de oposição à Ditadura do Estado Novo de Vargas foi organizada na região dos municípios de Morro do Chapéu e Lapão o partido União Democrática Nacional (UDN) chegou a eleger deputados da região, todavia não conseguiu vencer as chefias políticas dos municípios (CORREIO DO SERTÃO, 27 de jul. de 2002).

O ex-candidato a prefeito, líder da oposição municipal, fez sua campanha para prefeitura em apenas vinte e dois dias, dessa forma, não houve a oportunidade de visitar diversas localidades do município. Ele relembra que conseguiu bons resultados em Ventura e em alguns distritos e localidades do município⁷³ tendo em vista que sua campanha foi marcada por ameaças e violência cometidas por parte do grupo político situacionista. Inclusive, ocorreu um homicídio de um correligionário da família Dourado, morto durante a discussão política com um soldado (CORREIO DO SERTÃO, 25 de out. de 1950; 27 de jul. 2002).

Nesse momento, acentua-se a rivalidade política entre o Ventura e o Morro do Chapéu (Sede), estando o Ventura já em franco processo de decadência econômica. Encerra-se, assim, o último projeto de emancipação do local e tem prosseguimento uma longa história marcada por uma política de abandono.

Conforme informação obtida na pesquisa de campo com antigos moradores, é possível identificar elementos significativos para resgate da memória dos últimos 50 anos. Tais aspectos serão apresentados na seqüência abaixo mencionada.

⁷³ Dos nove distritos e localidades, o referido candidato a prefeito obteve mais da metade dos votos no distrito de Ventura (62%), tendo também vencido nos distritos de Riachão de Utinga (62%), Bonito, (67%) e na localidade de Barro Alto (55%) (CORREIO DO SERTÃO, 25 de out. de 1934).

No final da década de 1950, foi fechado o Posto dos Correios e Telégrafo, por falta de nomeação de funcionário(a). Em 1963 foi o último ano de funcionamento oficial da Escola Estadual. Nos anos de 1970 ainda existiam duas Seções Eleitorais, mesmo já não havendo oposição no âmbito municipal (SAMPAIO, 1999, p. 39).

Na década de 80, devido ao reduzido contingente populacional, foi fechada a zona eleitoral da Vila de Ventura, o local já não passava de um pequeno povoado excluído de qualquer benefício municipal. A título de exemplo, registra-se que a luz elétrica e o serviço de telefonia haviam chegado a Ponta D'água, (uma das localidades do distrito de Ventura que fica a aproximadamente a 7 km de distância da rodovia BA-052) no ano de 1962, quando ainda havia uma significativa população em Ventura (CORREIO DO SERTÃO, 15 de nov. de 1962).

A antiga “vila dos diamantes” mantinha, graças a recursos particulares dos antigos moradores, uma escola em funcionamento. Havia ainda 30 casas, a igreja e um pequeno povoado, quando foi veiculada reportagem pelo jornal Correio da Bahia (04 de nov. de 1989), o local foi apresentado como tendo potencial para o desenvolvimento do Ecoturismo. A referida reportagem escreveu:

“As poucas casas que ainda restam do outrora rico povoado possuem um significado histórico, artístico e cultural. Além do seu estilo, o calçamento original de pedras mantém-se intacto, revelando uma especialidade no trabalho de época, inclusive os passeios laterais. O arruado também permanece entre as ruínas. (...) o Ventura oferece outros atrativos a exemplo de Lençóis, podendo se transformar, junto com Morro do Chapéu, numa atração turística de caráter histórico e ecológico (...)”(CORREIO DO BAHIA, 04 de nov. de 1989).

Naquele período, foi pleiteado ao governo do Estado a chegada da rede de energia elétrica. Vale mencionar que a rede elétrica atendeu a outras localidades do Distrito com

menor número de moradores ficando a 3 km de Ventura, devido à falta de assinatura de um requerimento da Prefeitura ao Governo do Estado.

A observação feita na pesquisa de campo permite afirmar que no âmbito distrital alguns povoados e localidades tais como Estácio, Ponta D'Água, Gameleira de Ventura etc., encontram-se em condições significativamente melhores, em termos de infra-estrutura, do que o Ventura, sede do distrito homônimo. Como exemplo, cita-se as condições precárias da estrada secundária de acesso ao distrito, a ausência de energia elétrica e serviço de telefonia fixa e celular.

Todavia, essas localidades não possuem os restos de um conjunto arquitetônico, o mobiliário e um acervo documental significativo para reconstrução histórica. Enfim, os elementos que constituem o Patrimônio Cultural da época da opulência dos diamantes revelados pela cultura imaterial e pela cultura material da antiga vila.

É possível contar com a contribuição da arqueologia histórica para investigar e interpretar os restos da cultura material sendo possível investigar os limites de ocupação da vila, a forma de organização do espaço urbano e residencial, entre outros aspectos. Estes estudos poderão favorecer a melhor compreensão da estrutura social, *status*, práticas cotidianas existentes na Vila Ventura antes da sua destruição.

Atualmente, algumas lideranças em Morro do Chapéu, reconhecem que a emancipação do distrito de Ventura seria necessária para a própria sobrevivência da localidade, assumindo que a destruição completa da vila foi proveniente não só de uma crise econômica regional, da seca de 1932, mas, também, de um equívoco político, visto que o distrito, na década de 20, chegou a contar com aproximadamente 15 mil moradores. Segundo entrevistas aos senhores Lauro Adolfo e Carlos Navarro, o contingente populacional de Ventura e seu desempenho econômico eram significativamente superiores aos distritos emancipados de Morro do Chapéu no período de 1910 a 1927, como Wagner (antiga Ponte Nova) e Irecê (que era denominada como Caraybas).

Somente na década de 1990 a população de todo o município, com cerca de 32 mil habitantes, volta a ser comparável com o período de apogeu da exploração diamantífera de Ventura, na década de 1920, quando o município, segundo resultado do recenseamento, contava com 36.026 mil habitantes (IBGE apud SMCTMAD, 2000; CORREIO DO SERTÃO, 05 de mar. de 1922;).

Vale ressaltar que o processo de decadência de Ventura, apesar das características específicas em termos políticos, é semelhante ao que ocorrem no mesmo período em toda a Chapada Diamantina, conforme já mencionado.

4.5 ASPECTOS DE NOSTALGIA E TOPOFILIA E A MEMÓRIA DO LUGAR

A partir da pesquisa em jornais, especialmente O Correio do Sertão, publicado na década de 1980, foi possível identificar uma síntese sobre o histórico da Vila de Ventura que, confirma que sua desarticulação se inicia com a crise do preço do carbonado e da escassez dos diamantes. Destaca-se, a partir da ótica poética dos antigos moradores, aspectos de nostalgia e topofilia e uma visão sobre a destruição do local.

VENTURA DESMORONADO

Jariovaldo Miranda

Onde anda a tua gente

Que te fez por vaidade?
 As tuas pedras preciosas
 Os diamantes côr de rosas
 Se transformaram em saudades?

E a bandinha dos festejos
 Das noites de luar?
 Os passageiros fogosos
 E os pedristas orgulhosos
 Que visitavam o lugar?

Onde estão os garimpeiros
 Que viviam a esnoabar?
 Levaram tudo da Terra
 Brigando, fazendo guerra,
 Dando fama ao lugar.

Hoje, Ventura desmoronado
 Numa tétrica solidão.
 São cálidas as suas noites
 Só o vento em açoites
 Causando assombração.

Só o teu nome continua,
 Sem fama, sem habitação...
 Tua margem verdejante
 Num visual deslumbrante,
 Motiva recordação.

Morro do Chapéu-Bahia
 Fonte: CORREIO DO SERTÃO, Ano, LXXI, nº2.447, 30.06.1988, p. 3

A descrição já mencionada sobre a estrutura urbana e o contingente populacional de Ventura é válida, especialmente, para que se leve em conta o que foi o local e a condição atual em que se encontra: poucas casas conservadas, um sobrado, os prédios de uma antiga loja e da segunda Escola Estadual, a Igreja e algumas ruínas das casas, do teatro, etc. Segundo depoimento de um venturense que vivenciara a fase de apogeu da localidade registra-se aqui a história de uma “cidade morta” (SAMPAIO, 1999, p. 38).

Ainda com relação ao sentimento de topofilia e nostalgia destaca-se que na década de 1980, dois dos antigos moradores ao visitarem o Ventura trocaram poesias que acabaram por ser publicadas no Jornal Correio do Sertão:

G. M. CARVALHO

Durbem Silva Lima

Eu tenho mágoa do cupim nas feiras,

Saudades das bateias n'um chiado,
Amo o Ventura, filho das Bandeiras
Abrindo catas para o chão voltado.

Tenho saudade dos meus dias idos,
Em meu berço de afeto e de trabalho,
Esquecido do mundo entre esquecidos,
Atento apenas alavanca ao malho.

Tenho saudade do Ventura ousado,
Ágil, valente, para o chão voltado,
no rodopio heróico de um fuá.

E choro ver meu Ventura morto,
Cercado, troncho, deturpado torto
Sem o canto sem par de um sabiá.

Salvador, 20 de dezembro de 1983.
Fonte: Correio do Sertão, 15 de fev. de 1984.

ESQUEÇAMOS

Ao Durbem

Meu pensamento de noturnas asas
Esvoaça no espelho das poças rosas
Do rio atrás da rua Gameleira
(Esse recordar é a maior asneira)
Ah! Esqueçamos que tudo morreu!
(...)

A bênção mãe-Lua: a voz repetia.
Que há, a brotar, daquela fidalgia.
Lá ... onde a voz do cururu cresceu?

G. M. de Carvalho
Salvador, 20 de fevereiro de 1984

Fonte: Correio do Sertão, 15 de mar. de 1984.

Sem dúvida, o marco fundamental para reflexão sobre o processo de resistência de Ventura é dado pelo sentimento de topofília, a relação entre o indivíduo com a terra ou, em outras palavras, o elo entre o indivíduo e o local. É por essa topofilia que alguns dos antigos moradores preservam o que resta da “vila dos diamantes” e outros que migraram não a perderam da memória, como revela a poesia de um venturense abaixo transcrita:

SINO DO VENTURA

Aurelino Guedes

Velho Cirilo, que tocava o sino
e acendia os lampiões de gás,

Emoções do meu tempo de menino
que o passar dos anos não desfaz!

O largo do teatro, a igreja, o rio
a serra. Guabirabas, muricís;
O canto das cigaras no estio
as arapucas, caçando juritis.

As primeiras aulas de história
ministradas por Mestre Colosinho,
aos castigos, a régua, a palmatória.

Meio século depois, atroz destino...
recordo tudo de mansinho
quando ouço, plangente a voz do sino!

Goiânia, GO.

Fonte: Correio do Sertão. 30 de jan. de 1988.

Relembrando o estudo de Bosi (1994) e sabendo-se que a recordação é como um retorno da vivência ao coração, apresenta-se o poema que se refere apogeu e abandono do local e ao sentimento de nostalgia dos antigos moradores:

VENTURA

Ester Navarro

Tua imagem triste e melancólica
Retrata como é passageiro e volúvel o homem
Das tuas entranhas arrancaram brilhantes
Se fizeram donos do teu rio
Te chamaram de Ventura.

Tua imagem é triste como se carregasses uma queixa,
Uma mágoa de te veres agora, deserta e solitária
Antes, bela e altiva eras
Dando aos seus homens luxo e glória
Quando de ti nada mais tiveram
Te abandonaram à miséria de seres uma “cidade morta”.

Ventura,
Teu hálito puro da terra brota exala e se transforma em lágrimas
Que enternece e molha
A face de um filho que te adora.

(NAVARRO apud SAMPAIO, 1999, p.22)

Finaliza-se essa pesquisa sobre o resgate da memória da “vila dos diamantes” ressaltando o sentimento de topofilia demonstrado através da expectativa de D. Lia Medeiros,

anciã de 104 anos, que nasceu em Mucugê e migrou para o Ventura ainda adolescente vivendo no local até os 102 anos de idade. Há quase dois anos internada em um asilo para idosos de Morro do Chapéu, aguardou com ansiedade e foi ao Ventura na data do centenário da igreja de Nossa Senhora da Conceição, 08 de dezembro 2002 (A TARDE, 07 de dez.2002). Ela afirmou que retornaria e retornou no ano de 2003 para a Missa dos 101 anos da referida igreja e revelou que “ainda gostaria de poder voltar a morar em Ventura”.

Seguem abaixo fotos cedidas de arquivos particulares dos antigos moradores de Ventura, conforme música de um compositor regional, Zequinha Reis, tais retratos guardados abrem “dos tempos os portões, para entrar no passado de Ventura”.



FIGURA 02 – Festividade Cívica em Ventura em 1919. Detalhe da Foto: Estandarte da Sociedade Filarmônica “Amantes da 25 de Dezembro”. Foto: Arquivo Particular da Prof^a Violeta Carvalho.

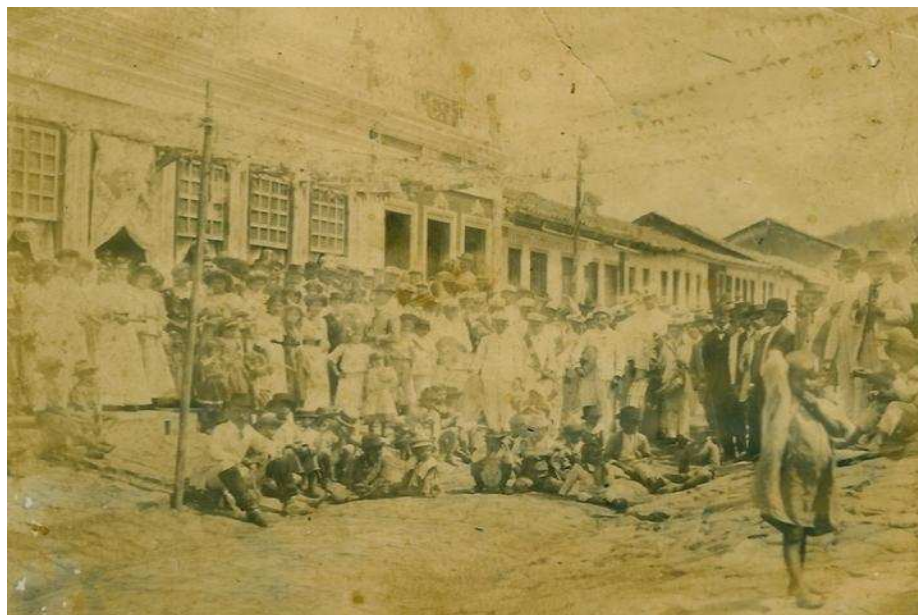


FIGURA 03 –Festividade em Ventura, início do século XX. Observar presença de integrantes da Filarmônica ao centro. Foto: Arquivo Particular de Carlos Navarro.



FIGURA 04 – Coleção de diamantes coloridos da Chapada semelhantes aos encontrados em Ventura. Foto: Arquivo Particular da Família Sales.

5 O PATRIMÔNIO CULTURAL E NATURAL DE VENTURA E ENTORNO NA PERSPECTIVA DO ECOTURISMO

Neste capítulo desenvolve-se uma abordagem sobre o patrimônio cultural-natural de Ventura na perspectiva de início de um processo de desenvolvimento do ecoturismo no local.

O primeiro item do capítulo está subdividido em temáticas que fazem referência à caracterização geral da comunidade de Ventura; aos registros sobre aspectos arqueológicos relacionados à descrição do “cenário” da antiga “vila dos diamantes” e algumas considerações referentes aos sítios de pinturas rupestres existentes no local. Um segundo item do refere-se à caracterização ambiental da área de estudo e a descrição das trilhas fazendo referência aos atrativos relacionados ao patrimônio cultural e natural dos percursos e apresentando como resultado desta pesquisa a elaboração de um Mapa identificando os Principais Atrativos para o Ecoturismo em Ventura.

5.1 A COMUNIDADE DE VENTURA E O “CENÁRIO” DA ANTIGA VILA E ENTORNO

No local da antiga vila, sede do distrito, conservam-se apenas algumas casas, um sobrado, a pequena igreja e o prédio da escola estadual, que funciona como residência, dois cemitérios, duas pequenas pontes sobre passagens do rio, pequenos trechos de calçamento de pedra, da antiga estrada de rodagem Ventura - Morro do Chapéu, o antigo tanque de abastecimento de água, a casa de pedra de distribuição de água e ruínas. Resta apenas uma

pequena parte da cultura material no “cenário” de Ventura, um pouco do patrimônio que resistiu ao tempo graças à iniciativa e interesse de alguns dos seus antigos moradores.

Uma pequena comunidade rural reside⁷⁴ em Ventura, um total de 27 pessoas (no período de realização da pesquisa de campo). Tal povoado pode ser caracterizado como uma comunidade tradicional, uma vez que os residentes possuem ascendência no local há três ou quatro gerações⁷⁵.

Para que se possa estabelecer uma análise mais ampla sobre a comunidade de Ventura, é importante considerar em que medida o conceito de “comunidade” foi utilizado na elaboração deste estudo. Conforme Nisbet (1981), considera-se aqui o conceito de comunidade numa perspectiva mais ampla, pois não se restringe apenas aos residentes da localidade, mas sim, expande-se a todas as formas de relacionamento humano. Ou seja, as relações sociais são legitimadas dentro de uma comunidade.

Em última análise, considera-se neste estudo como comunidade de Ventura as pessoas que de alguma forma estabelecem relações sociais e vínculos com aquele povoado, sendo elas moradoras ou não. Complementa tal raciocínio o conceito de topofilia (TUAN, 1980) já exposto anteriormente.

Para fins deste estudo, foram considerados como integrantes da comunidade o grupo de famílias e pessoas que possuem casas, fazendas e propriedades no local, pessoas que nasceram em Ventura e descendentes das famílias Silva Lima, Modesto, Cruz, Brito, Barreto, Navarro e Grassi, entre outras. Tal agrupamento soma 11 proprietários, e, considerando-se essas respectivas famílias, estima-se que cerca de 25 pessoas têm vínculo com a comunidade,

⁷⁴ Da comunidade residente duas famílias e um ancião possuem casa e posse no povoado, é importante definir que “posse de terra” é uma nomenclatura utilizada pelo Direito e pela Sociologia Rural, fazendo referência à condição de uma terra, geralmente de pequenas dimensões, sem título de compra e escritura. Os ocupantes dessas terras são chamados de “posseiros”.

⁷⁵ Considera-se “Comunidade Tradicional” aquela que reside em um local há duas ou três gerações, segundo critério utilizado pela legislação ambiental para definir quando uma comunidade é vinculada por tradição a um local.

desenvolvem atividades econômicas no local e possuem uma relação de topofilia com a antiga vila.

**TABELA 01: Comunidade Residente em Ventura:
Distribuição por Gênero e Faixa Etária -2003**

CATEGORIAS/ FAIXA ETÁRIA	MASCULINO	FEMININO	SUB TOTAL
Idoso (+ 70)	1	-	1
Adulto (21 ↔ 61)	5	5	10
Adolescente (13 ↔ 18)	4	3	7
Criança (1 ↔ 13)	7	2	9
TOTAL	17	10	27

Fonte: Pesquisa de Campo- 2002/2003

Por se tratar de um pequeno agrupamento, optou-se por apresentar uma descrição sobre ocupação e fonte de renda dos moradores por agrupamento familiar:

A família que reside há mais tempo no local é formada por um casal que tem 5 filhos adolescentes, entre 13 e 18 anos, e uma filha de 10 anos que estudam em escolas do Morro do Chapéu⁷⁶. Três desses jovens estudantes recebem Bolsa Escola, auxílio do governo federal.

Esta família possui uma pequena posse⁷⁷ de terra e casa de pedra construída para funcionamento de uma Escola Estadual⁷⁸. Trabalham em atividades agrícolas de subsistência e são pequenos criadores de gado e animais de montaria. Pai e filhos adolescentes também desenvolvem, eventualmente, atividades como guias locais, o que lhes dá uma renda complementar.

A família mais numerosa tem 11 pessoas, um casal, com quatro filhos de menos de 6 anos (dois gêmeos), sendo que a esposa tem quatro filhos do primeiro casamento: dois meninos de 13 e 9 anos e duas meninas de 12 e 10 anos de idade. A família de “Zé de

⁷⁶ A prefeitura mantém um serviço de transporte para levar crianças e adolescentes das localidades que não possuem escola para os colégios de Morro do Chapéu.

⁷⁷ De forma geral, as posses de terra em Ventura possuem menos de um hectare. Quando entrevistados os moradores respondiam que nunca haviam medido as posses.

⁷⁸ A escola estadual, que não designa professora desde a década de 1960, funciona como residência há aproximadamente 30 anos.

Glória”⁷⁹ foi autorizada pela proprietária da fazenda a utilizar partes das terras para a agricultura e residir no sobrado (Figuras 9 e 10). Ele é vaqueiro, mas atualmente desenvolve atividade como pequeno lavrador e criador de animais de montaria e conta com o auxílio do enteado adolescente no seu trabalho, ela é dona de casa e os filhos mais velhos a ajudam a cuidar dos mais novos e as meninas auxiliam nas tarefas domésticas.

Um jovem casal, sem filhos, ele vaqueiro, trabalhador assalariado de uma das fazendas, e ela é dona de casa. O casal reside em uma casa do proprietário da fazenda denominada “Romoaldo”, o fazendeiro reside em Morro do Chapéu.

Outro casal vive sozinho em Ventura, pois os filhos moram em Morro do Chapéu. Ele é aposentado, como trabalhador rural, ela, dona de casa. Ambos trabalham como lavradores em uma pequena posse e construíram uma casa. Tal casa foi construída há cerca de 17 anos e é a única construção de enchimento de barro (taipa) do local. Todas as demais casas são de tijolo de adube e reboco e o Prédio da Escola Estadual foi todo construído com pedra.

Um casal, com um filho de dois anos de idade, mora com um senhor viúvo em uma casa cedida por um dos antigos moradores de Ventura. Os dois homens trabalham como garimpeiros autônomos e a mulher trabalha nos serviços domésticos.

Por fim, a pessoa mais idosa da comunidade, Sr. Jonas, 78 anos, filho de jagunço, e que na juventude seguiu os passos do pai. Atualmente, aposentado e viúvo, trabalha sozinho na sua posse de terra como pequeno agricultor.

A partir dessas informações é possível refletir que a proposta do ecoturismo, como fator de desenvolvimento local para a comunidade residente, encontrará alguns desafios, pois a princípio caberá a reduzida população buscar conciliar suas tarefas cotidianas com a atividade ecoturística, ainda em processo de implementação. Uma alternativa possível, de

⁷⁹ Sr. José Souza, de 61 anos de idade, que nasceu e viveu quase toda a sua vida em Ventura, mais conhecido como “Zé de Glória” (Gloria é o nome da sua primeira esposa).

acordo com o que vem acontecendo na Chapada, é a de retorno de antigos moradores do local.

Segue abaixo uma descrição sobre a estrutura fundiária da área de pesquisa:

TABELA 2- Descrição da Situação Fundiária do povoado de Ventura e entorno – Morro de Chapéu – 2003

<i>Tipo de Propriedades</i>	<i>Número de propriedades</i>
Casa/fazenda com escritura	6
Casa com escritura	1
Casa e posse	3
Casa (recibo de compra)	4
Posse	1
Total	15

Fonte: Pesquisa de Campo realizada no povoado de Ventura e Morro do Chapéu, 2003.

A estrutura fundiária da área de Ventura e entorno compreende fazendas que variam entre aproximadamente 75 a 500 hectares. Constam, ainda, três pequenas posses com menos de 1 (um) hectare. Atualmente, apenas uma fazenda é usada intensivamente para a pecuária. Nas demais propriedades ocorrem, esporadicamente, uma pequena criação de gado, cavalos e animais de carga e a atividade agrícola com uma pequena produção de tomate, além das chamadas “roças de subsistência”, hortas e quintais com árvores frutíferas.

Essa pequena comunidade guarda traços do passado, entre eles crenças, valores e costumes. O processo de isolamento agravado pelo o fechamento do posto dos Correios e Telégrafos, na década de 1950, e alteração do projeto original da estrada de rodagem de Ventura, conforme mencionado no capítulo anterior, favoreceu a permanência de algumas características tradicionais da organização social que serão mencionadas no desenvolvimento deste estudo sobre a caracterização da comunidade.

O povoado, afastado apenas 8 km do asfalto da rodovia BA-52, não possui benefícios e serviços que favoreçam um sistema de integração e bem estar social da comunidade como de transporte coletivo regular, telefonia fixa e/ou celular, rede de energia elétrica, que favoreceriam o uso da televisão e de equipamentos multimídia, entre outros aspectos. A história de Ventura serve como amostra do processo de apogeu e de crise econômica na Chapada Diamantina.

Em 1998, por iniciativa de dois dos antigos residentes, foram realizadas obras para garantir o abastecimento de água a algumas das antigas casas e ao tanque de utilização comunitária que fica localizado na praça. A canalização da água foi feita a partir da caixa d'água que no passado abastecia a vila pelo mesmo sistema de gravidade.

O descaso da prefeitura em manter esta caixa d'água, construída no início do século XX, resultou no surgimento de fendas e fissuras que favorecem a evasão do pouco volume de água captado (devido à estiagem que vem ocorrendo nos últimos anos). Assim, o povoado não tem sido abastecido por água regularmente.

A comunidade de Ventura denunciou o fato das crianças mais novas não estarem freqüentando a escola, pois não há professores no povoado desde 2000, quando a prefeitura de Morro do Chapéu fez a última designação.

No entanto, há expectativas de retorno da ex-professora que lecionou em Ventura até o ano de 2000 para que seja reiniciado o processo de escolarização das crianças em fase de alfabetização e, também, ministrar aulas para os alunos das primeiras séries do ensino fundamental.

Para caracterizar a comunidade e identificar a percepção dos moradores do povoado sobre a perspectiva de desenvolvimento ecoturístico como forma de viabilizar o desenvolvimento sustentável utilizou-se, além dos roteiros de entrevista (ANEXOS D,E, F, G, H e I) observação na convivência com seus moradores. Os registros do caderno de campo, observações sobre o cotidiano da comunidade, contribuíram para identificar alguns aspectos

considerados relevantes para a compreensão da integração entre as pessoas e o ambiente natural.

Voltando ao estilo de vida da comunidade é possível obter uma melhor compreensão deste pequenino povoado através da observação de aspectos relacionados com as formas de conhecimento popular, crenças, costumes e valores da comunidade.

São valores e hábitos tradicionais identificados na pesquisa: as crianças pequenas ainda pedirem “a benção” aos mais velhos e a reunião dos residentes no passeio das casas, à beira de pequenas fogueiras, no início da noite.

É possível observar a existência de uma rede de solidariedade local, o que se identificou nas declarações e nas entrevistas, quando se referiram ao apoio prestado aos doentes e aos vizinhos nos momentos do plantio e da colheita.

Foram observados aspectos típicos da alimentação do povoado identificando hábitos alimentares característicos da região da Chapada Diamantina. As comidas típicas de Ventura são, basicamente, rapadura, mel de abelha, doce de araçá, doce de leite, carne do sol, cortado de palma, requeijão, coalhada, paçoca de carne e cuscuz.

Em diversas situações vivenciadas durante a pesquisa de campo, foi possível observar que todos da comunidade, incluindo as crianças a partir dos sete anos, já conhecem os nomes populares de algumas plantas e em alguns casos o valor para a medicina fitoterápica.

No cotidiano, a comunidade trata dos seus problemas de saúde com o conhecimento que possui sobre as ervas medicinais. Segundo os entrevistados, os chás são amplamente usados assim como unguentos feitos de folhas. Utilizam-se plantas também para outras finalidades, como a fabricação caseira⁸⁰ de xampu de Juá.

⁸⁰ Sr.^a Isanete Bezerra fabrica para consumo próprio e de sua família o referido xampu, segundo informação de uma das suas filhas houve uma visitante que usou e fez encomenda do referido xampu.

O conhecimento sobre a fauna e a flora varia naturalmente de acordo com a faixa etária. De maneira geral, os residentes de Ventura sabem o nome popular e a possibilidade de usos das plantas, árvores, arbustos e flores; identificam os pássaros pelo seu canto; identificam as alterações climáticas indicativas de chuvas, entre outros aspectos da natureza.

Pode ser constatado que as trilhas que dão acesso às cachoeiras, aos poços de banho e aos locais de beleza cênica mais afastados são conhecidas por crianças e adolescentes que costumam percorrê-las a pé ou a cavalo. Tal fato revela que eles possuem um significativo conhecimento sobre os aspectos do ambiente natural das trilhas que existem no entorno do povoado.

Foi identificada a existência de uma preocupação da comunidade em manter os rios limpos. Parte desta comunidade adquiriu noções de educação ambiental, quando as crianças foram alfabetizadas por uma professora voluntária na escola comunitária que funcionou em Ventura, entre 1994-1996 quando “Chaia”⁸¹ residia no local (SAMPAIO, 1999).

Ainda hoje, observa-se que a maioria dos moradores do povoado tem uma prática influenciada pelo trabalho de educação ambiental com reutilização do lixo orgânico e queima do que não pode ser reaproveitado no fundo dos quintais. Eles reivindicam que haja o serviço de coleta de lixo e limpeza pública, ainda que mensal ou trimestralmente.

Entre as diversas necessidades apontadas pela comunidade de Ventura, consideram como principal a recuperação da caixa d’água. Segundo declara um visitante assíduo do local, tal recuperação deve ser priorizada, pois, além de não ser muito onerosa para a prefeitura, é um elemento essencial para o sucesso de qualquer projeto voltado para o processo de revitalização de Ventura.

Ainda com relação às necessidades básicas apresentadas nas entrevistas e depoimentos, especialmente por parte da comunidade residente, está a implantação do serviço

⁸¹ Sr^a. Lúcia Barreto, conhecida como “Chaia”, formada em biblioteconomia, reside em Morro do Chapéu. Ela é uma das lideranças do movimento espiritualista, também participa de movimentos de valorização do meio ambiente e de apoio a revitalização de Ventura.

de luz elétrica para o local. Foi enfatizado o desejo de poder assistir televisão por parte dos adolescentes. Tão importante quanto à implantação da rede elétrica, é a necessidade de recuperação dos 8 km de estrada de cascalho que dá acesso ao local.

Com relação à implantação da rede elétrica não há nenhum projeto em curso e há muito tempo a manutenção periódica da estrada que dá acesso ao local não vem sendo realizada pela prefeitura. A última obra de recuperação da estrada e fechamento de grandes buracos causados pela enchente do rio foi realizada no ano de 2000, após a visita das equipes de produção do filme Abril Despedaçado e do Globo Repórter, programa da Rede Globo de Televisão, ao local.

Com relação à organização dessa coletividade, destaca-se que, em junho de 2003, foi realizada a primeira reunião com o objetivo de criar a Associação “Amigos do Ventura”⁸² formada por pessoas da comunidade.

A referida Associação busca agregar também os ex-moradores da antiga vila e pessoas de Morro do Chapéu. Conta-se ainda com o interesse de visitantes em participar da mesma, sendo eles residentes em Salvador e em outros municípios do estado da Bahia⁸³.

A organização do grupo para criar a “Associação Amigos do Ventura” conta com o empenho de Chaia, que já morou no Ventura, e conserva sua casa e vínculo de topofilia com o local.

Vale ressaltar que em 07 de dezembro de 2003 foi realizada a missa dos 101 anos da Igreja de Ventura, contando com a presença de cerca de 60 pessoas, entre residentes e ex-moradores acompanhados por familiares que se deslocaram de Salvador e diversas cidades do estado da Bahia para participarem do evento.

⁸² Segundo entrevista de Lúcia Barreto a criação da Associação Amigos do Ventura é uma idéia antiga que agora toma forma com a elaboração de um estatuto.

⁸³ Durante o período da pesquisa de campo (agos. 2002/ fev.2003) foram realizados contatos com o Eng. Florestal, Prof. Feliciano Soares, que declarou ter interesse em elaborar um Projeto para Revitalização de Ventura e buscar recursos junto ao Ministério da Cultura.

Conforme o costume antigo, a missa foi precedida por uma “alvorada” e procissão. Conforme Salles (1956), a alvorada é uma forma de expressão religiosa e popular, havendo queima de fogos na véspera das datas comemorativas dos festejos da Igreja Católica, no alvorecer do dia, quando nasce o sol. Após a missa foram realizados alguns batismos de crianças da comunidade e um dos fazendeiros, organizador do evento, ofereceu um almoço na casa de sua propriedade. Na antiga casa do Sr. João Navarro, um dos seus filhos recebeu varias visitas (CORREIO DO SERTÃO, 15 de dez. 2002).

Na perspectiva da topofilia e do processo de organização da entidade “Amigos do Ventura”, considera-se importante o evento, uma vez que reuniu um número significativo dos antigos moradores do local, a maioria demonstrando interesse em contribuir de alguma forma para um processo de revitalização de Ventura.

A criação da Associação pode vir a favorecer a criação de projetos que busquem captar recursos, por exemplo, do Ministério da Cultura, do IPAC, do IPHAN, e outros instituições, além das organizações não governamentais (ONG's). Espera-se que sejam criados projetos voltados para a revitalização local através do ecoturismo, atendendo às premissas da sustentabilidade.

5.1.1 O cenário de Ventura, a “vila dos diamantes”

Existe a possibilidade de identificar aspectos da memória do local, por intermédio da pesquisa, na perspectiva da arqueologia histórica, compreendida como o estudo dos aspectos materiais em termos “históricos, culturais e sociais concretos, de efeitos do mercantilismo e do capitalismo originário da Europa do século XV e, todavia em ação hoje” (OESER JR, 2000, p.105). Assim, durante a pesquisa de campo, foram observados artefatos e aspectos considerados significativos para esboçar uma leitura da vila Ventura na perspectiva da arqueologia histórica.

“A arqueologia, portanto, oferece instrumentos para compreender certos problemas gerais dos seres humanos independente do tempo em que ocorrem, por exemplo o desenvolvimento urbano, a divisão social do trabalho, ou as relações de parentesco, entre outros. A arqueologia histórica simplesmente permite o estudo destas questões em um passado recente, e os documentos históricos, portanto, são considerados ‘artefatos’ como resultado da ação humana consciente” (OESER JR, Idem, p. 24).

É possível identificar diversos elementos úteis para recuperação do que constituía o cenário da vila dos diamantes através da observação da cultura material que existiu naquele local, e que se constituem em indicadores significativos para compreensão da organização social do antigo Ventura.

Inicialmente, ressalte-se que, encontra-se um local em Ventura, chamado “rua do Rebaixo”, com vestígios de escavações realizadas antes de 1860. Antigos moradores entrevistados afirmam que quando foi formado o primeiro povoado de garimpeiros em Ventura, foi encontrada tal escavação e outros vestígios que demonstravam a existência de garimpos anteriores.

Através dos estudos arqueológicos das ruínas da vila, acredita-se ser possível identificar o século das primeiras escavações no local que os garimpeiros chamaram “rebaixo dos bandeirantes”⁸⁴, ou “rua do Rebaixo”.

A conciliação entre os elementos atrativos do patrimônio histórico de Ventura soma-se ao caráter de abandono, apresentando um cenário característico do início do século XX, infelizmente, em um precário estado de conservação.

Neste cenário, o que resta do casario (Figuras 08, 09, 10, 11 e 12), calçamento de pedra (Figuras 08, 10 e 12), pequena igreja (Figura 05 e 06), prédio escolar, ruínas (Figura 07),

⁸⁴ Fato ou mito, fala-se da passagem de bandeirantes pelo município e antigos moradores conhecem um local, próximo ao poço do “arrecife”, no qual há evidências de que uma pedra foi recortada, como que para esconder algum caixote, os chamados “entaipados”, forma comum dos bandeirantes guardarem ou esconderem algum tesouro.

mobiliário⁸⁵, objetos, estrutura de organização interna das residências (com divisão dos cômodos e funcionalidade dos mesmos) são elementos da cultura material válidos para a compreensão da sociedade dos diamantes que floresceu na Chapada no final do século XIX e início do século XX (AGUIAR, 1979; BANDEIRA, 1992; MORAES, 1991; MURITIBA, 1997; QUEIROZ, 1985).

É interessante ressaltar que a pequena igreja, acima referida, foi construída por iniciativa particular e contou com recursos próprios de um morador que pertencia a uma elite aristocrática⁸⁶, em terreno cedido pela prefeitura (Figura 05 e 06). Segundo informações de antigos moradores, sabe-se que esta foi a segunda igreja construída em Ventura.

É possível identificar uma diferença na forma do calçamento na extremidade lateral do passeio do sobrado. Segundo entrevistas, tal calçamento diferenciado é mais antigo que o do sobrado e corresponde ao local da primeira Igreja que existiu no final do século XIX.



FIGURA 05 – Visão lateral da Igreja antes da reforma, 1999. Foto: Eliane Sampaio.

⁸⁵ Vale mencionar que alguns móveis e objetos foram emprestados por um dos antigos moradores à equipe de produção do filme *Abril Despedaçado* (2001). É possível identifica-los visto que foram devolvidos com adesivos colocados pela equipe de produção do referido filme.

⁸⁶ Antônio Martim Leal e esposa, Cândida de Brito Leal.



FIGURA 06 - Visão da igreja após reforma. Detalhe da foto: trava de um pequeno campo de futebol. Foto: Eliane Sampaio.



FIGURA 07 - Ruínas do casario. Detalhe da foto: criança da comunidade. Foto: Eliane Sampaio.

Na antiga vila, resta pouco do conjunto arquitetônico, porém, através dele é possível identificar a construção de grandes casarões. Ressalte-se que apesar de não ter respaldo técnico, segundo opinião dos antigos moradores entrevistados, o casario possui influência do estilo colonial. Encontram-se ainda eiras e beiras em quatro casas (Figuras 08 e 12) e também outros requintes de decoração. As casas mais antigas possuem fachadas com aproximadamente 7 a 12 metros de comprimento e 4,0 a 4,5 metros de altura.

A observação das residências, enquanto expressão da cultura material, é mais um elemento de comprovação da prosperidade de Ventura. Na parte interna das casas mais antigas a divisão dos cômodos é distribuída da seguinte forma: ante-sala, sala de estar, corredor onde se encontram quartos à direita e à esquerda, sala de jantar próxima à ampla cozinha que possui uma dispensa como cômodo anexo. O banheiro encontra-se entre a cozinha e a sala de jantar e, ao fundo, uma varanda que dá acesso ao quintal e ao jardim interno. Segundo a descrição de antigos moradores, esta era a forma comum de plantas de casas.

Destaca-se entre os objetos antigos observados: os fogões de lenha, o pilão de pedra, as moringas decoradas e os grandes potes de barro, utilizados como depósito para água potável.

Na pesquisa de campo foram tomadas as medidas de duas das casas antigas (figura 08). Tais medidas corresponderam a aproximadamente 175 e 140 metros quadrados de área construída e, se considerando a área total, incluindo escadarias de fundo, jardins e quintais, encontra-se 240m² e 180m², respectivamente.



FIGURA 08 - Foto do casario e calçamento de pedra. Foto José Dourado.

O sobrado, localizado em uma esquina de rua, possui dezesseis janelas (sendo quatro para o jardim interno, seis para a Pça. Cel. Dias Coelho e seis para Rua Ferreira Araújo), duas varandas, garagem lateral, depósito de armas na parte térrea. Tal sobrado foi o último a ser construído no período de apogeu de Ventura, em 1919, e guarda semelhança com alguns dos sobrados de Mucugê.

Como era comum, até a primeira metade do século XX, as construções nas áreas centrais das vilas e cidades possuíam dupla funcionalidade: residencial e comercial. A parte residencial dos sobrados era o primeiro piso, enquanto que no térreo abriam-se as “portas comerciais”. É interessante destacar que a dupla funcionalidade dos sobrados voltou a ser utilizada na cidade de Lençóis e é amplamente utilizada no Pelourinho, em Salvador.

No sobrado funcionavam estabelecimentos comerciais: barbearia, loja de tecidos, alfaiataria e a farmácia “São José”, conforme lembrança dos antigos moradores. No local em que funcionava a farmácia encontra-se mobiliário e também alguns objetos como pequenos frascos de vidro, utilizados como recipientes para os remédios.

Na descrição do “cenário”, a parte alta do que resta de uma das praças de Ventura, encontra-se a pequena igreja, que faz homenagem a Nossa Senhora da Conceição. O nome da praça, Pça. Cel. Dias Coelho, como era de costume, foi dado em homenagem ao chefe político de Morro do Chapéu que possuía uma casa nessa praça.



FIGURA 09 -Vista aérea parcial do povoado de Ventura, em destaque o sobrado acima referido. Foto: Leonardo Viana.

A existência de dois afrescos com motivos paisagísticos documenta o requinte e prosperidade do comércio sendo que um deles retrata as Três Torres da Serra da Igrejinha, local onde se encontram diversas formações de rocha de arenito constituindo-se em um monumento paisagístico, e o outro o Vale do rio Ventura. Tais afrescos foram pintados nas laterais da entrada da farmácia, quando na passagem de um artista plástico⁸⁷ pelo Ventura.

Existem ainda afrescos no corredor de entrada e na sala de estar de uma das casas. Papéis de parede, livros antigos alguns em francês, entre revistas, jornais e documentos do comércio local, da política brasileira e baiana, correspondência entre coronéis, retratos em molduras antigas, busto em gesso, são alguns dos bens materiais e simbólicos da fase áurea de

⁸⁷ O nome do pintor dos afrescos era Jaime, relembra o Sr. Carlos Navarro.

Ventura encontrados no acervo da antiga Loja do Major João Navarro, conforme observado na fase da pesquisa de campo.



FIGURA 10 - Aspectos do casario. Observar o precário estado de conservação de algumas casas e o barro sobre o calçamento. Foto: José Dourado.



FIGURA 11- Aspectos do casario. Destaque da foto o antigo calçamento de pedra. Foto: José Dourado.



FIGURA 12- Aspectos do casario e arruamento de pedra. Detalhe da foto a presença de eira e beira na casa em destaque. Foto: José Dourado.

Pressupõe-se que a conservação e/ ou revitalização do “cenário” da antiga vila possa constituir em chamariz para o desenvolvimento do ecoturismo no local, pois o Ventura sempre despertou significativo interesse aos turistas e excursionistas (SAMPAIO, 1999, 41).

Como resultado das entrevistas e conversas informais que mantivemos com as pessoas da comunidade, foi percebido que não há resistência ao desenvolvimento do ecoturismo “desde que não sejam aquelas pessoas que vem para pichar as paredes e sujar as ruas e o rio”, conforme argumenta um dos adolescentes da comunidade. Por outro lado, a idéia do ecoturismo também foi vista como utopia por um dos adolescentes.

Todavia, de forma geral, jovens e adultos entrevistados consideram como algo positivo o ecoturismo, na medida que apresente possibilidades de obter benefícios, sobretudo econômicos, que constituiriam fontes de renda complementar.

A comunidade, a princípio, sugeriu como formas de obter renda alternativa a venda de produções caseiras como queijo, coalhada, paçoca de carne do sol, doces, ou seja, neste caso específico as mulheres não alterariam de forma substancial o seu cotidiano. Já os adolescentes pensam em fazer cursos que promovam a produção de materiais referentes ao Ventura como:

camisetas estampadas a partir da serigrafia, produção de réplicas em cerâmica das pinturas rupestres de monitor de atrativos culturais e naturais.

Ressalta-se que todas essas alternativas devem ser analisadas no processo de planejamento participativo, considerando as possibilidades de inserção da comunidade em atividades relacionadas, direta ou indiretamente, ao ecoturismo segundo estudo da capacidade de carga, demanda, projeto de marketing do local, entre outros aspectos.

5.1.2 As pinturas rupestres e a importância de estudos arqueológicos

A presença de pinturas rupestres, expressão cultural dos nossos ancestrais, nos roteiros para os atrativos paisagísticos, desperta significativo interesse aos visitantes. Tais pinturas, localizadas em diversas serras de Ventura, constituem um aspecto do patrimônio cultural de significativa importância para a confirmação da potencialidade ecoturística, pois a concepção do ecoturismo engloba a interpretação do ambiente na perspectiva ecológica e cultura.

Os dois painéis de pintura rupestre com mais de 69 metros contínuos na paisagem das serras existentes à margem esquerda e direita do rio Ventura podem constituir-se em atrativos significativos para o desencadeamento do ecoturismo e de uma possível revitalização do local.

Procura-se descrever e registrar alguns aspectos relacionados aos referidos painéis, vale mencionar que Morales Jr.; Cunha (2002), nos seus estudos, citam alguns dos sítios de pintura rupestre de Ventura. Tais estudos, identificou a presença da Tradição Nordeste em alguns sítios arqueológicos de Ventura.

Inicialmente, vale conceituar o vocábulo tradição, segundo a terminologia utilizada pela arqueologia significativamente aceita no Brasil, como referência “as macrodivisões de

registros rupestres” e equivale ao conceito de horizonte cultural. “O conceito de tradição compreende a representação visual de todo um universo simbólico primitivo que pode ser transmitido durante milênios” (MARTIM, 1996, p. 214). Conforme Martim (1996) o conceito de tradição foi utilizado por V. Calderon, na Bahia, em 1970.

Vale mencionar a definição de tradição formulada por Pessis e Guidon:

“... os tipos de figura presentes nos painéis, as proporções relativas que existem entre esses tipos e as relações existentes que se estabelecem entre os diversos grafismos que compõem o painel. Os tipos que compõem uma tradição são estabelecidos através de uma síntese de todas as manifestações gráficas existentes na área arqueológica determinada” (PESSIS; GUIDON apud MARTIM, Idem, p. 214).

Conforme mencionado anteriormente, existe nos sítios de Ventura a presença da Tradição Nordeste, identificada por estudos arqueológicos comparativos que revelam, dentre outros aspectos, temas com motivos antropomorfos e zoomorfos que caracterizam a referida Tradição. Destaca-se, em uma das áreas de relevante beleza cênica, a existência de vários sítios com pinturas rupestres.

Durante a pesquisa de campo foi (re)descoberto um painel de aproximadamente 68 metros contínuos (Figuras 13, 14 e 15), com diversos motivos e temas de pintura rupestre. Tal painel foi encontrado quando se procuravam as pinturas descritas por antigos moradores. Mesmo que tais pinturas tenham sido conhecidas no passado por garimpeiros de Ventura, atualmente, não são do conhecimento do público em geral, nem constam na literatura especializada sobre patrimônio cultural desta natureza. Ressalta-se que, até o momento da pesquisa, nem mesmo os atuais residentes do local tinham conhecimento do referido painel.

Como painel acima mencionado não era o mesmo referido pela comunidade, posteriormente foi identificado em outro local, inserido no conjunto paisagístico da “Igrejinha”, um terceiro grande painel com as pinturas rupestres referidas pelos antigos moradores.

Ressalte-se que a foto da pintura com motivo antropomorfo (Figura 13) guarda semelhanças com os grafismos da *Roccia degli Oranti* N°50 do *Naquane - Parco Nazionale delle Incisioni Rupestri*⁸⁸.



FIGURA 13 - Motivo antropomorfo, típico da tradição Nordeste. Detalhe da foto o conjunto da pintura sugere uma cena de ritual, cada figura possui por volta de 5 a 6 cm de altura. Este painel, como se pode observar na foto, já se encontra bastante danificado. Foto: Eliane Sampaio.



FIGURA 14 - Motivo Zoomorfo. Detalhe: três emas no lado esquerdo da foto, cada figura com aproximadamente 60 cm de altura. Foto: Eliane Sampaio.

⁸⁸ Devido ao interesse despertado pelas pinturas rupestres de Ventura, foi realizada visita ao Parque Nacional de Grafismo Rupestre - Valle Camônica, Itália, em nov. de 2002.



FIGURA 15 - Motivo geométrico também referido como “grafismo puro”. Detalhe da foto: o cordão foi utilizado para medição do painel, a pintura tem cerca de 45 cm de altura por 30 cm de largura. Foto: Eliane Sampaio.

Os painéis da área da Serra da Igrejinha ainda não são objetos de pesquisa arqueológica. Pinturas com motivos antropomorfos, zoomorfos e geométricos, este, também denominado “grafismo puro”.

Conforme as reflexões de Swarbrooke (2000) e Ruschman (1997), para o desenvolvimento do ecoturismo e da sustentabilidade cultural é necessário a adoção de medidas para que não haja impactos negativos no patrimônio cultural dos núcleos receptores. Logo, a princípio, o conjunto arqueológico dos painéis de pinturas rupestres não deve ser proposto como um atrativo para visitação ecoturística de Ventura neste momento. Sabe-se que somente estudos realizados por especialistas devem indicar as condições ideais para que a visitação não venha a prejudicar a integridade deste patrimônio.

Deve ser levado em consideração que a comunidade de Ventura, seja no período de apogeu, seja atualmente, sempre respeitou os sítios com painéis de pintura rupestre⁸⁹ e, caso seja incentivada a visitação sem a devida capacitação de guias locais para acompanhamento de pessoas e/ou grupos, o patrimônio cultural dos referidos sítios pode sofrer um processo de depredação e destruição.

Ressalta-se a necessidade de cursos de formação de guias locais ou monitores do patrimônio arqueológico pré-histórico como o primeiro passo a ser dado no sentido de preservação do patrimônio e base para recomendação do local para visitação ecoturística. No entanto, vale ressaltar que tal curso não está incluído na proposta de capacitação de monitores da Bahiatursa (BAHIATURSA, 2001).

Talvez, seja necessário capacitar guias turísticos e monitores de atrativos culturais com enfoque em Arqueologia Pré-Histórica, tomando como exemplo e trazendo a experiência positiva de São Raimundo Nonato –Piauí (VIAGEM E TURISMO. Nov. de 1998).

5.2 O PATRIMÔNIO NATURAL E CULTURAL DAS TRILHAS E ATRATIVOS PARA O ECOTURISMO

No vale de Ventura e em toda área central do município predomina a vegetação tipo tabuleiros com campos rupestres, caracterizada pela presença de herbáceas/arbustivas, registrando-se a presença de alguns gêneros de orquídeas.

⁸⁹ Outros sítios com pinturas rupestres existentes na Serra de Ventura, à margem da Cachoeira do Ventura, são mencionados no Inventário Turístico (SMCTMAD,2001,p15). Esta informação é reproduzida no site

Encontra-se também a vegetação chamada popularmente como “Carrasco” (Caatinga⁹⁰ e Mata Secundária) constituído por formações vegetais de alta densidade de arbustos e árvores, com altura média de 4-5m. Destaca-se na flora da sub área de Ventura a planta Manoel Ventura (*Piptademia moniliformes*), a Imbrirana de Cambão (*Burseia Leptophloes*), além de outras espécies (ECOPLAN, 1997).

O rio Ventura, que corta a antiga vila homônima, é afluente do rio Jacuípe que deságua na bacia do Paraguaçu. No entanto, ao norte e ao oeste do município há diversas nascentes pertencentes à bacia do São Francisco.

Os rios, apesar de perenes, costumam drenar grande volume de água em apenas uma parte do ano, geralmente entre dezembro e fevereiro. No período de estiagem, as cachoeiras têm seu volume de água drasticamente reduzido, porém contínuo na maioria das quedas d’água. Segundo estudo da Ecoplan (1997, p. 27) a manutenção de uma quantidade razoável de água nos poços que finalizam as cachoeiras, nos períodos de estiagem prolongada, indica a existência de mananciais subterrâneos de água.

Ressalte-se que, para uma compreensão histórica da Chapada Diamantina, foi no leito dos rios que os garimpos proliferaram e construíram a riqueza e a fase áurea da Chapada Diamantina, entre meados do século XIX e início do século XX.

Com relação aos recursos naturais e culturais da área de estudo desta pesquisa, consta no Inventário Turístico de Morro do Chapéu e Prospectos da Bahiatursa apenas as seguintes referências: antiga Vila de Ventura, apresentando um breve histórico da localidade, Cachoeira de Ventura (necessitando que seja retificada a menção referente à queda d’água de 35 para 68 metros de altura⁹¹); Cachoeira do Ferro Doido (transformada em Unidade de Conservação – Monumento Natural - pela Lei 7.412, em 17.08.1998); e Vila de Ventura. (SMCTMAD,2002).

⁹⁰ Tipo de vegetação caracteristicamente xerófila, composta de pequenas árvores, normalmente com ramos espinhosos (MACHADO, 2003).

⁹¹ Medida tomada durante a fase de pesquisa de campo em Ventura.

Na realidade, o patrimônio natural e paisagístico de Ventura ultrapassa as referências feitas naqueles veículos de informação utilizados para a divulgação turística, pois, da relação abaixo mencionada, apenas os dois primeiros itens são referidos como atrativos turísticos de Ventura. Assim, mediante pesquisa de campo, foi possível identificar, um universo bem mais amplo com grande potencialidade de exploração ecoturística na área do povoado de Ventura e entorno:

- Cachoeira do Ferro Doido (Unidade de Conservação Monumento Natural) 98 metros de queda livre;
- Cachoeira de Ventura (também conhecida como Cachoeira André Mocó) 68 metros de queda livre;
- Cachoeira das Boiadas – duas pequenas quedas, com 6 metros cada uma, excelente para banho;
- Cachoeira do Romoaldo – aproximadamente 40 metros de queda livre;
- Serra da Igrejinha – vista de Ventura, a serra parece formar uma igreja⁹². É um conjunto paisagístico de relevante beleza cênica, cabendo destacar a existência de pinturas rupestres no local;
- Serra dos Becos – serras que formam becos, como um labirinto. A trilha deste atrativo, ao leste do rio Ventura, exige grande esforço (Figura 12) e é também conhecida como “Becos das Figuras” pela existência de pinturas rupestres⁹³;

⁹² Conforme depoimento da Sr^a. Iraci Reis, proprietária de uma fazenda, localizada no percurso Ventura - Morro do Chapéu. Entrevista concedida em Morro do Chapéu, 9 de fev. de 2003.

⁹³ Ressalte-se que mediante o esforço de realização das diversas etapas da pesquisa de campo não foi possível para fins deste trabalho fazer a visitação da Serra dos Becos. Como foi feita um visita anterior à realização desta pesquisa, é possível informar que a trilha para este atrativo é de médio a grande esforço, que parte da subida da serra pode ser feita a cavalo e que o percurso dessa trilha é de aproximadamente 4 km.



FIGURA 16 - visão parcial da trilha para os Becos das Figuras, ao fundo o conjunto paisagístico da serra da Igrejinha.
Foto: Eliane Sampaio.

Soma-se aos referidos recursos naturais à bela paisagem do vale e das serras, a biodiversidade da flora, a existência de espécies raras na fauna e o clima frio, especialmente nas noites de inverno. Segundo alguns moradores do povoado, a temperatura já atingiu menos de 12°C no período junino.

Afirma-se o potencial ecoturístico da antiga vila de Ventura e entorno, com abrangência da UC monumento Natural Cachoeira do Ferro Doido, pelo reduzido impacto antrópico e pela notável beleza dos monumentos naturais.

Existe uma expectativa de que, quando implantada a infra-estrutura desta unidade de conservação, a partir de um planejamento e marketing adequado, o local constitua um novo chamariz ecoturístico na Chapada Diamantina. Considerando o curto percurso de trilha da referida Cachoeira para o Ventura, acredita-se na possibilidade de um significativo número de

visitantes da UC terem interesse em fazer a trilha de descida para o vale do Ventura para conhecerem além dos diversos atrativos naturais já mencionados aspectos históricos da cultura diamantífera e o patrimônio arqueológico das pinturas rupestres.

Adverte-se a divulgação do local e uma política de marketing do potencial ecoturístico devem ser precedidos do desenvolvimento de um projeto baseado no planejamento participativo. Todavia, urge a implementação de um projeto de revitalização local, no qual sugere-se que seja explorado o marketing tipo divulgação local “Ventura: dos diamantes ao Ecoturismo”, ou tipo resgate da memória “Ventura: diamantes, política e poética”, é possível ainda criar um marketing, usando como chamariz os atrativos naturais e paisagísticos, ou ainda baseado no patrimônio arqueológico das pinturas rupestres.

O interessante é que o local da antiga vila e seu entorno conjuga todos esses elementos no seu patrimônio natural e cultural. Assim, espera-se que esse estudo possa contribuir como um primeiro passo para o processo de revitalização de Ventura, não apenas com restauração e recuperação do cenário da antiga vila, mas, sobretudo, na perspectiva de criar benefícios de ordem econômica e sócio-cultural para a comunidade residente e também favorecer o processo de aumento do contingente populacional local, seja pelo retorno de algumas famílias de origens na antiga vila que hoje se encontram nas adjacências do povoado ou na cidade de Morro do Chapéu, seja pela possibilidade de vinda de algumas pessoas/famílias novas para o local conforme vem acontecendo em diversas localidades da Chapada.

O importante é que, reconhecida a relevância do patrimônio cultural e natural da área da antiga vila e seu entorno, sejam construídas, através do planejamento participativo, alternativas para que se efetive o desenvolvimento da atividade ecoturística com benefícios para atual comunidade residente e para os antigos moradores que se interessam em retornar para o local.

Em termos de reflexão, quanto à questão fundiária, vale ressaltar que existe ainda uma área considerada como perímetro urbano. Tal perímetro urbano, atualmente, só corresponde à

área central da antiga vila, ainda assim é suficiente para a reconstrução de diversas casas, implantação de pousada(s), camping ou hotel.

Estima-se que na área pertencente aos antigos proprietários das casas que foram totalmente destruídas possam ser reconstruídas residências ou empreendimentos ecoturísticos para receber um contingente entre 50 a 100 famílias. O número de empreendedores não deve ser estimado aprioristicamente, para tal é necessário que se efetive a atividade ecoturística no local, haja um estudo de demanda e de viabilidade econômica de cada empreendimento projetado.

A parte final desta pesquisa sobre o patrimônio cultural e natural da antiga vila de Ventura e entorno, apresenta um estudo preliminar das principais trilhas na perspectiva de contribuição para uma proposta que conjugue ecoturismo com desenvolvimento sustentável.

5.2.1 Estudo das trilhas atuais

Durante a pesquisa de campo foram tomadas as coordenadas geográficas dos pontos atrativos das trilhas de Ventura⁹⁴. Dessa forma, foi possível elaborar um mapa para a realização da atividade ecoturística no local. No Mapa dos Principais Atrativos Ecoturísticos de Ventura (Figura 19) constam diversos atrativos relacionados ao patrimônio cultural e natural do local. Antes de apresentá-lo vale ressaltar a presença de duas fotografias ilustrativas do percurso da localidade de Angelim para o povoado de Ventura (Figuras 17 e 18) a primeira representando um aspecto cultural de Ventura e a segunda mostrando um aspecto paisagístico da descida para o vale de Ventura.

⁹⁴ As coordenadas foram tomadas através de aparelho GPS – *Geographic Position Satelit* durante uma das fases da pesquisa de campo.



FIGURA 17 – Uma das casas da antiga fazenda “Reunião” que pertenceu ao Cel. Porfírio Pereira, construída em 1825. Detalhe do poste de iluminação pública há três quilômetros do povoado. Foto: Eliane Sampaio.



FIGURA 18 - Visão parcial do vale de Ventura. Detalhe da foto, trecho da estrada de 8 km que dá acesso ao povoado. Foto: Eliane Sampaio.

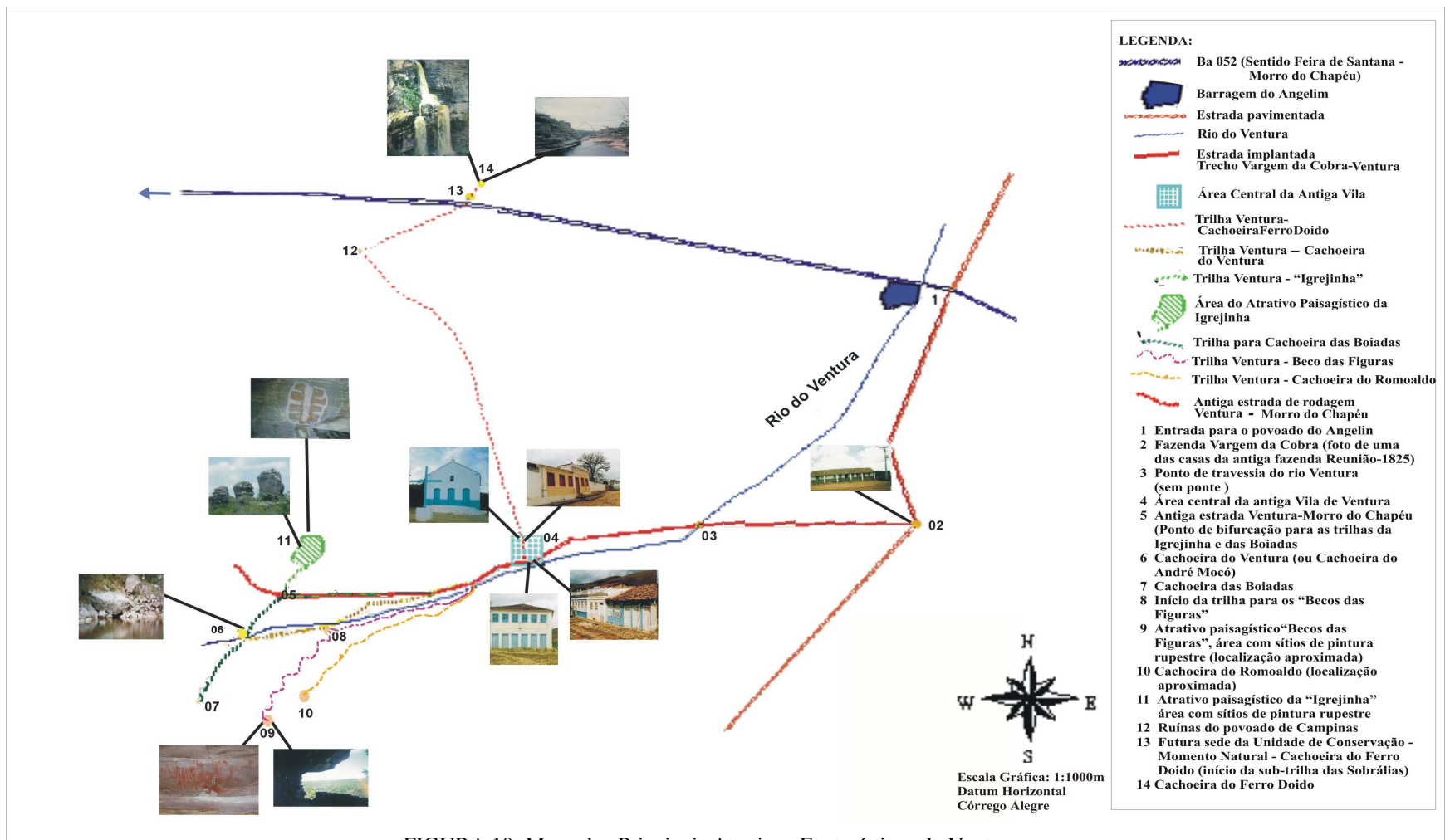


FIGURA 19: Mapa dos Principais Atrativos Ecoturísticos de Ventura

Fonte: Pesquisa de campo, com utilização do GPS, realizada em dezembro/2002 e fevereiro/2003.

* Os pontos dos atrativos 09 (Beco das Figuras) e 10 (Cachoeira do Romoaldo) pela falta do equipamento GPS na pesquisa de campo, foram identificados através de estudo cartográfico.

**Fotos: Eliane Sampaio; José Antônio Dourado; Arquivo Particular de Anatólio Bacelar.

Trilha Ventura – Cachoeira do Ferro Doido “a trilha dos diamantes”

A trilha Ventura – Cachoeira do Ferro Doido é feita subindo a serra, identifica-se na mesma um trecho com pavimentação de pedra e a parte mais íngreme do percurso é feita pela antiga trilha que ligava o Ventura ao povoado de Campinas.

A trilha parte do povoado de Ventura a pé ou a cavalo, passa pela pequena Igreja. O primeiro aspecto a ser destacado é que no fundo da referida igreja encontram-se vestígios do primeiro cemitério (Figura 20), e, caso se faça um desvio à esquerda, encontra-se o segundo cemitério (Figura 21e 22).



FIGURA 20 - Início da trilha, ruínas do primeiro cemitério. Observa-se, ao fundo a Igreja. Foto - Eliane Sampaio.



FIGURA 21 – Visão parcial do segundo cemitério. Os túmulos guardam semelhanças com os cemitérios de Mucugê e Igatu. Foto - Eliane Sampaio.



FIGURA 22 - Segundo cemitério. Detalhe: Lápide com inscrições em latim. Foto: Eliane Sampaio.

Seguindo a serra pelo lado direito, em subida de médio esforço, a cerca 500 metros do povoado (parte central da antiga vila), encontra-se a casa de pedra, antigo chafariz de distribuição de água.

Aproximadamente a 800m do povoado, observa-se vestígios da fase de apogeu de Ventura: o antigo reservatório de água com capacidade para aproximadamente 480 metros cúbicos (Figura 23, 24 e 25). Conforme o registro fotográfico, existe uma construção de pedra que protege a nascente de água do córrego do Rebaixo que deságua no rio Ventura (Figura 23).



FIGURA 23 - Construção da proteção da nascente d'água do córrego do Rebaixo que deságua no Rio Ventura. Observar detalhe de fechamento de entrada para evitar queda de pequenos animais. Foto: Eliane Sampaio.



FIGURA 24 - Visão parcial de uma das laterais do antigo tanque. Devido rachadura no piso estão crescendo árvores e arbustos. Foto: Eliane Sampaio.



FIGURA 25 - Suspiro para a saída de água em caso de transbordamento.
Foto: Eliane Sampaio.

Acima 200 a 300 metros, desviando para o lado direito, encontra-se o “Apertado da Hora”. Conta-se, em Ventura, que, neste local, teria ocorrido um conflito entre Horácio de Matos e um homem que estava sendo levado por ele mesmo, de Campinas para a sub-delegacia de Ventura. Segundo o próprio Horácio, o homem teria tentado atacá-lo ao passo que ele, defendendo-se, acabou por matar o prisioneiro. Daí vem o nome do local “Apertado da Hora”, uma vez que, segundo as palavras de Horácio de Matos, “foi no apertado da hora que ele teve que matar o homem”.

O início da subida da serra requer médio esforço. A partir do segundo quilômetro, encontra-se a vegetação de tabuleiro e o percurso passa a ser plano requerendo reduzido esforço. Na caminhada, encontra-se cajuí (*Anacardium microcarpum*)⁹⁵, licuri (*Syagrus coronata*), umbu de cágado (*Spondias tuberosa*) e diversas flores, como onze horas (*Portulacaceae Portulaca sp.*), sempre vivas (*Paepalanthus sp.*), vassourinha (*Scoparia dulcisi*), cactus do tipo cabeça de frade e xique-xique (*Pilosocereus catingola P.gounellei*

⁹⁵ Serve de fontes dos nomes científicos utilizados para identificar as plantas a pesquisa referente à vegetação da aérea de Ventura (ECOPLAN, 1997).

subsp. *zehntneri*), diversos tipos de bromélias e orquídeas, árvores como Imbaúba (*Cecropia*), etc.

Retorna-se à esquerda, saindo nas poucas ruínas do antigo povoado de Campinas (Figura 24), localidade na qual residia o tio de Horácio de Matos, conforma referido no capítulo anterior desta dissertação. Atravessando a rodovia BA-052, encontra-se a Unidade de Conservação Monumento Natural Cachoeira do Ferro Doido.

A Cachoeira do Ferro Doido foi tombada como Monumento Natural, isto é, Unidade de Proteção destinada a preservar áreas que possuem “sítios abióticos e cênicos que, pela sua singularidade, raridade, beleza ou vulnerabilidade exigem proteção, mas sejam de extensão limitada ou não apresentem diversidades de ecossistemas” (SEAGRI/SDA/DDF, 1999, p.9).

No percurso da trilha Ventura-Cachoeira do Ferro Doido, a partir da entrada no Monumento Natural Cachoeira do Ferro Doido, tem início uma trilha formatada, nesta Unidade de Conservação. Tal trilha será referida neste trabalho como: Sub-Trilha das Sobrálías, por estar incluída no percurso da “Trilha dos Diamantes” Ventura - Cachoeira do Ferro Doido.

O percurso da Sub-Trilha das Sobrálías é de aproximadamente 200 metros até um ponto no qual é possível se ver a queda da água da Cachoeira do Ferro Doido. O nome desta trilha foi dado devido à presença de um tipo de orquídea chamada popularmente como ‘sobrália’.



FIGURA 26 - Trecho do Rio Ferro Doido próximo à queda da cachoeira.
Foto: Arquivo Particular de Anatólio Bacelar.

Conforme informações do funcionário responsável pela Unidade de Conservação⁹⁶, os recursos para implantação do projeto ainda não foram liberados, porém está prevista a implantação de “Instalações Físicas de Apoio”, segundo o Projeto de Criação de Unidades de Conservação – SEAGRI - Secretária da Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária, SDA - Superintendência de Desenvolvimento Agropecuário, DDF - Diretoria de Desenvolvimento Florestal (SEAGRI/SDA/DDF,1999). Segue abaixo desenho do projeto para as futuras instalações físicas de apoio da referida Unidade de Conservação :

⁹⁶ Tadeu Valverde entrevistado em Morro do Chapéu em 11 de dez. de 2002

Projeto para Infraestrutura - Monumento Natural Cachoeira do Ferro Doido, 2001

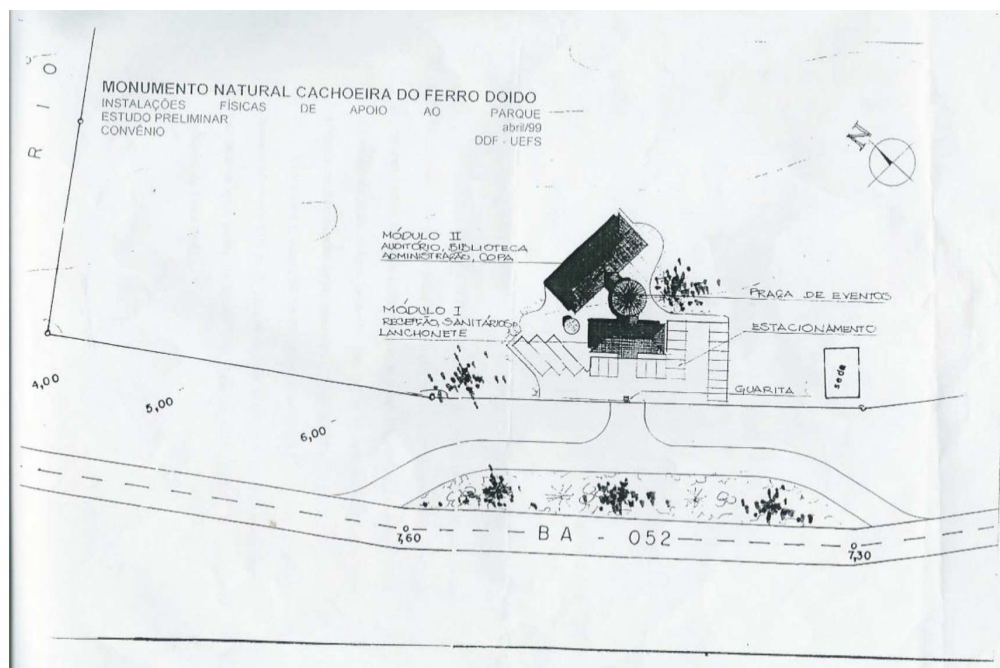


FIGURA 27 - Desenho do Projeto do Monumento Natural Cachoeira do Ferro Doido
Fonte: Projeto do Monumento Natural Cachoeira do Ferro Doido.

Segundo entrevista, além da formatação da trilha das Sobrílias⁹⁷ e das instalações físicas da U.C., conforme o desenho do projeto acima exposto, está prevista a formatação de mais quatro trilhas. Mediante informação obtida na entrevista, espera-se liberação de recursos para a continuidade dos trabalhos na Unidade de Conservação Monumento Natural do Ferro Cachoeira do Doido.

Na perspectiva desta pesquisa, vale destacar que a criação do auditório e a possibilidade de utilização de recursos multimídia poderão favorecer a divulgação da antiga vila de Ventura e entorno como a ser visitada por aqueles que são adeptos do ecoturismo. Espera-se que a divulgação e a proximidade da Cachoeira do Ferro Doido para o povoado de Ventura venham favorecer o (eco)turismo, atraindo os interessados a fazerem o trajeto de descida da trilha para conhecer a antiga vila, seu entorno e o patrimônio natural e cultural do entorno.

⁹⁷ Um tipo de orquídea encontrada na trilha.

Voltando à descrição da trilha do ponto onde será implantada a infra-estrutura da Unidade de Conservação Monumento do Ferro Doido, o percurso é de aproximadamente 200m de caminhada encontrando-se dois poços para banho⁹⁸ e é possível ter uma visão da principal da queda da cachoeira.

Vale mencionar a sugestão de nome para a trilha Ventura - Cachoeira do Ferro Doido como “trilha dos diamantes” pois, no local da antiga fazenda Grotão, havia um garimpo no rio denominado “Tapera” na época do povoado de Campinas. O mesmo rio e sua cachoeira também eram chamados de Campinas. A mudança do nome para rio e cachoeira do Ferro Doido foi proveniente dos garimpeiros só se referirem ao local pela dificuldade de escavação dos garimpos usando a expressão “Ferro Doido” segundo informações obtidas em entrevista a um dos antigos moradores de Campinas, o Sr. Flamarion Modesto.

A trilha descrita partindo da vila de Ventura pela antiga estrada (a pé ou a cavalo), é de cerca de 6 km. Tal trilha pode ser feita em sentido inverso, saindo da Cachoeira do Ferro Doido (Figura 28), descendo a serra para o Ventura.



FIGURA 28 - Vista parcial de principal queda d'água da Cachoeira do Ferro Doido

⁹⁸ O acesso a Unidade de Conservação referida também pode ser feito no sentido Morro do Chapéu - Ventura pela BA-052,

Trilha Ventura - Cachoeira de Ventura ou “trilha do André Mocó”

O acesso à Cachoeira de Ventura através de trilhas pelas margens do rio, partindo do povoado de Ventura, é de aproximadamente 4 km. O tempo de percurso é de cerca de 1 hora e 45 minutos, sendo que os primeiros trinta minutos da trilha podem ser feitos a cavalo e o restante como caminhada à margem do rio. Em trechos da trilha, escuta-se o canto de pássaros como Cardeal (*Paroaria coronata*), Canário (*Serinus canarius*). Pessoas da comunidade afirmam haver também o Azulão (*Cyanocompsa cyanea*), o Pássaro Preto (*Gnorimopsar chopi*) e até mesmo Sabiá (*Turdus fumigatus*).

Após o trecho da antiga estrada Ventura - Morro do Chapéu, encontra-se uma vegetação de Tabuleiro passando-se por algumas partes com floresta primária, na qual se encontra ainda Pau D'arco (*Bignoniaceae Tabebuia spp.*), Maçaranduba (*Sapotaceae Manilkara cf. elata*) e Aroeira (*Lithraea brasilienseis*) entre outras espécies.

A caminhada é de médio a grande esforço, visto que há algumas pedras muito grandes no percurso que acompanha o leito do rio. No trajeto, encontram-se dois pequenos poços para banho: o “Tiririca”⁹⁹ e o “Mané do Boi” e, ainda, o poço da Cachoeira de Ventura (ou poço do “André Mocó”) que, mesmo no período de estiagem prolongada possui bastante água. Tal fato é explicado pela existência de uma nascente de água (ECOPLAN, 1997).

Na pesquisa de campo foram tomadas as medidas do poço da Cachoeira sendo 68 metros de altura, 30 metros de diâmetro com profundidade aproximada de 15 metros.

⁹⁹ Nome popular de um tipo de capim que brota na beira dos brejos e é perigoso por que é muito afiado .



FIGURA 29 - Visão parcial do poço da Cachoeira com visitante. Foto: Eliane Sampaio.

Trilha Ventura - Cachoeira das Boiadas, a “Trilha dos Boiadeiros”

A Cachoeira das Boiadas é um excelente ponto para banho, fora dos períodos de estiagem, nas suas duas quedas d’água que totalizam cerca de 11 metros. Vale ressaltar que a trilha das boiadas existia antes da formação de Ventura em meados do século XIX, a trilha de hoje era a estrada utilizada por boiadeiros que subiam na direção do rio São Francisco.

A partir do poço do “Arrecife”, a caminhada prossegue pela antiga estrada de rodagem (Ventura – Morro do Chapéu), também chamada estrada de Santa Úrsula. A estrada ainda possui em alguns trechos vestígios de aproximadamente 2,5 metros de pavimentação de pedra e totalizava 4 metros de largura se incluída a área de acostamento. O acesso, após a referida estrada, é por trilha e o percurso total é de aproximadamente 5 km.

Ressalte-se que, durante a pesquisa de campo, foi registrada a presença do “urubu-rei”, espécie que só é encontrada em áreas de reduzido impacto antrópico.

Seguindo a subida do rio, chega-se às duas pequenas quedas da Cachoeira das Boiadas. Ao longo da trilha, percebe-se como aspectos paisagísticos altos paredões, vegetação

de Tabuleiro, “rompe gibão”, árvores chamadas jaborandi (*Pilocarpus jaborandi*) (com 7 metros de altura), loricuri, (*Cocos coronata*) gravatá (*cravate, corbate*), palma (palma) e flora variada. Há ainda a presença de pássaros como o “xexéu” (nome popular), além da existência de abelhas italianas e africanas.



FIGURA 30 - Trecho da trilha da Cachoeira das Boiadas com a presença de visitantes. Observar formação rochosa de arenito com mais de 12m de altura. Havia no local uma colméia de abelhas africanas. Foto: Eliane Sampaio.

Trilha Ventura-Serra da Igrejinha ou Trilha da “Cidade de Pedra”

A serra da Igrejinha foi considerada pelo Padre Camilo Torrend como um monumento paisagístico de significativa beleza cênica e se constitui num dos monumentos paisagísticos de destaque, semelhante aos existentes no Parque Nacional da Chapada Diamantina. Partindo-se de Ventura, a trilha mede de 3 a 4 km.

O percurso, a pé ou a cavalo, deve ser feito pela antiga estrada que liga o Ventura ao Morro do Chapéu¹⁰⁰ até a bifurcação¹⁰¹, na qual, tomando-se à direita pela trilha aberta,

¹⁰⁰ Este percurso atualmente só pode ser feita com automóveis de tração nas quarto rodas (Jeep/Toyota ...)

atinge-se o local onde estão as primeiras rochas que formam o conjunto do referido atrativo paisagístico.



FIGURA 31 - Trecho da estrada que ainda conserva calçamento de pedra. Foto: Luigi Luini



FIGURA 32 - Aspecto do atrativo paisagístico da “Serra da Igrejinha”. Foto: Eliane Sampaio.

¹⁰¹ A bifurcação para o lado direito dá acesso a visão da queda d’água da cachoeira do Ventura, seguindo por uma vegetação de carrasco a margem do rio encontra-se pequena cachoeira das boiadas.

Existe como uma verdadeira “cidade de pedra”, composta por formações rochosas de arenito, muitas com partes significativas de cor rosa de diferentes tonalidades. Tais pedras são “decoradas” por vegetação de mandacaru, xique-xique (*Pilosocereus catingola P.gounellei* subsp. *zehntneri*), paina (*Asteraceae Compositae Eremanthus cf glomerulatus*) e macambira (*Bromeliaceae Bromeli lacinosa*).¹ Segundo pesquisa de Machado (2003), ocorre na região oriental de Ventura uma espécie arbustiva com ramos longo, eretos ou arqueados chamada cientificamente de *Harrisia adscends*.

Existe, nesse conjunto paisagístico, a possibilidade de se observar à presença de diversas frutas silvestres como: arça-mirim, piri¹⁰², massaranduba de cachorro¹⁰³”. A flora do local é característica da vegetação de carrasco. Partes da serra da Igrejinha possuem “tapetes” de uma pequena flor denominada popularmente onze-horas (*Portulaca grandiflora*) (Figura 34)



FIGURA 33 - Flora típica de vegetação de Tabuleiro, flor denominada popularmente como onze-horas (*Portulacaceae Portulaca sp.*).

Foto: Eliane Sampaio

¹⁰² Segundo um dos antigos moradores “a fruta mais gostosa do mundo, a melhor das frutas silvestres”.

¹⁰³ Fruta silvestre que parece uma uva, encontrada nos lajedos.

Interessante observar que nas tocas¹⁰⁴, (Figuras 34 e 35) dessa serra famílias de Ventura se abrigaram na época da passagem da Coluna Prestes pela região, como revela a entrevistada Dona Lia Medeiros. A Coluna Prestes, ou “os revoltosos”, passou na localidade de Fedegosos (distrito de Brejinho), localizado há cerca de 28 km de Ventura.

Foi nesse período que a Prof. Violeta Carvalho, filha de um comerciante e da funcionária pública, agente de correio de Ventura, nasceu em uma das tocas da serra da Igrejinha (conhecido anteriormente como “Toca da Maria Pivete”). Em memória ao fato, o local passou a ser chamado “pedra de Violeta”, como conta a Sra. Vanda Oliveira. A entrevistada revela que conhece tal local, pois daí tirava paina.



FIGURA 34 - Aspecto paisagístico da vegetação da serra, foto tirada de dentro de uma das tocas da “Igrejinha”. Foto: Eliane Sampaio.

¹⁰⁴ Toca, local de reentrância existente em pedras, também chamada de lapa.



FIGURA 35 - Aspectos paisagísticos da serra da Igreja. Detalhe da foto: pesquisadora na entrada para uma das tocas. Foto: José Souza



FIGURA 36 - Aspecto da vegetação da serra da Igreja.
Observar a altura do Xique-xique, comparando à altura do guia local. Foto: Eliane Sampaio



FIGURA 37 - Foto de pintura rupestre com motivos zoomórficos e antropomórficos



FIGURA 38 - Aspecto paisagístico da Serra da Igrejinha. Observar na lateral detalhe do guia local. Foto: Eliane Sampaio

O aspecto paisagístico da serra é de significativa beleza cênica. Uma das formações rochosas de fácil subida mede 8m, supõe-se, então, que as inúmeras rochas que compõe a Serra da Igrejinha meçam entre 8 e 18 metros de altura.



FIGURA 39 - Visão de uma pequena parte do conjunto paisagístico da serra da Igrejinha. Foto: Eliane Sampaio.

Trilha Ventura - Cachoeira do Romoaldo: a “Trilha do Garimpo”.

Atualmente não existe acesso por trilha que permita visitação à parte alta da cachoeira. O acesso à parte baixa da cachoeira é feito por uma estrada antiga que possui diversas “catas de garimpo” por longo trecho do percurso. Localiza-se numa área cujo antigo nome era “fazenda do Romoaldo”¹⁰⁵, derivando daí o nome da cachoeira localizada no curso das águas do rio Preto a cerca de 3 km do povoado de Ventura.

O percurso para a cachoeira atravessa os pastos da referida fazenda até a margem esquerda do rio do Romoaldo (afluente do rio Ventura) onde se observam diversas árvores nativas como Pau d’arco (*Bignoniaceae Tabebuia spp.*), Gameleira (*Moraceae Ficus spp.*), com cerca de 7 a 9 metros de altura, na parte próxima à cachoeira.

É interessante relatar que tal cachoeira não era conhecida nem mesmo pelo vaqueiro da referida fazenda até o momento da visita realizada durante a pesquisa de campo. O local só

¹⁰⁵ O atual proprietário da fazenda é o Sr. Carlos Cruz.

foi encontrado devido à orientação de um dos antigos moradores de Ventura que, em colaboração ao estudo realizado, acompanhou o grupo durante a pesquisa de campo.

Tal cachoeira possui aproximadamente 40 metros de queda. Não foi possível obter a medida exata porque a subida do paredão oferecia riscos, segundo impressão do monitor de recursos naturais¹⁰⁶. Esta cachoeira não é referida em nenhum dos documentos que relacionam os atrativos turísticos de Morro do Chapéu.

Diante da dificuldade acima relatada, a única foto obtida mostra uma pequena parte do paredão da referida cachoeira e da mata que compõe a vegetação de entorno. Vale ressaltar que a Cachoeira do Romoaldo não está identificada no mapa, uma vez que não foi possível obter um aparelho de GPS durante a segunda fase do trabalho de campo.



FIGURA 40 - Foto da vegetação de entorno da Cachoeira do Romoaldo, em detalhe uma pequena parte do paredão ao lado esquerdo da foto. Foto: Eliane Sampaio.

¹⁰⁶ O referido monitor, Edergil, que também possui curso de *rappel* colaborou com a pesquisa acompanhando a trabalho de visitação dos atrativos naturais e descrição das trilhas.



FIGURA 41 - Vestígios de garimpo da trilha para a Cachoeira do Romoaldo.
Foto: Eliane Sampaio.



FIGURA 42 - Vista parcial do vale de Ventura com visitantes, percurso da cachoeira do Romoaldo. Foto: Eliane Sampaio

A partir da contribuição do mapa de identificação dos pontos atrativos para o ecoturismo no Ventura, é possível sugerir a continuidade do estudo ora apresentado, enfatizando a proposta de integração entre a recuperação da memória do lugar, patrimônio cultural (na perspectiva do histórico da Chapada Diamantina e através da leitura da

arqueologia pré-histórica) e as características relevantes do patrimônio ambiental, destacando os atrativos naturais com seus respectivos aspectos paisagísticos.

Apesar de não ter sido incluído nesta pesquisa de campo, ressalte-se que existe, ainda, no local a Trilha Ventura – Becos, ou “Trilha das Figuras”. Tal atrativo natural merece destaque pela beleza cênica e também pela existência de pinturas rupestres, Partindo-se de Ventura, percorre-se aproximadamente 4 km de trilha.

Propõe-se que como desdobramento deste estudo preliminar do patrimônio natural e cultural de Ventura, venha a ser realizado um trabalho de interpretação do patrimônio das trilhas, conforme será indicado nas considerações finais desta dissertação

CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES

A proposta desta dissertação “Ventura - dos Diamantes ao Ecoturismo?” assumiu o caráter de pesquisa exploratória e buscou desenvolver o estudo sobre o Patrimônio Cultural e Natural da antiga vila de Ventura e entorno, na perspectiva de desenvolvimento da atividade ecoturística.

A metodologia de pesquisa adotada favoreceu o desenvolvimento do estudo de caso de Ventura como localidade de relevante potencial ecoturístico. Tal pesquisa tomou como base uma revisão de literatura referente a temática “Cultura e Memória, Ecoturismo e Desenvolvimento Sustentável”. Contou-se especialmente com os conceitos de patrimônio cultural, patrimônio natural, topofilia e planejamento participativo, entre outros, visando contribuir para a criação de um projeto ecoturístico para o Ventura, com base na concepção do desenvolvimento sustentável local, como estratégia de valorização do patrimônio natural e para evitar que o patrimônio cultural se perca no esquecimento.

Com base nos resultados da pesquisa, pode-se concluir que há elementos significativos que representam o princípio turístico da atratividade, isto é, existe na área que foi delimitada para este estudo um significativo patrimônio cultural e natural, observado pela perspectiva histórica e pré-histórica e pelo prisma paisagístico e ecológico. Ressalte-se, também, a beleza cênica dos monumentos naturais. Tais elementos constituem a atratividade do local e representam a existência de uma potencialidade para desenvolvimento do ecoturismo em Ventura.

A título de considerações finais, apresenta-se uma visão analítica sobre o patrimônio cultural e natural do povoado de Ventura e entorno na perspectiva de desenvolvimento ecoturístico, objetivo geral dessa pesquisa.

O estudo sobre a perspectiva de revitalização de Ventura a partir do ecoturismo exigiu a adoção de uma metodologia de pesquisa partindo do geral para o específico. Isto é, foi necessário apresentar uma visão geral sobre a Chapada Diamantina, tanto no que diz respeito à memória quanto no que se refere ao ecoturismo desenvolvido atualmente na região, para a compreensão do histórico de Ventura e da possibilidade do local também vir a ser objeto de implementação da atividade ecoturística.

Ressalta-se que o modelo de ecoturismo (vocação natural da região) deve ser planejado e construído a partir dos princípios de preserva o do meio ambiente e respeito   integridade da cultura regional, vivenciando o turista, o empreendedor e, especialmente, a comunidade receptora os benefícios da concep o sustentável do turismo.

Devido   necessidade de uma exposi o mais detalhada com rela o ao fenômeno turístico na Chapada, foi descrito que a Bahiatursa adota, segundo critério do IBGE (1989), uma política de planejamento, a o es e marketing, subdividindo a Chapada Diamantina em duas mesoregiões: a Chapada Diamantina Meridional e a Chapada Diamantina Setentrional (IBGE apud BANDEIRA, 1992).

Assim, foram descritos aspectos relacionados ao ecoturismo que se desenvolve atualmente na Chapada Diamantina Meridional, sendo que o entorno do Parque Nacional da Chapada constitui a principal área de fluxo turístico da região, concentrado principalmente na cidade de Len ois. No sentido da proposta do ecoturismo e do desenvolvimento sustentável local destaca-se como experiência que vêm obtendo êxito o exemplo do processo de revitaliza o que vem acontecendo no Vale do Capão, distrito de Caeté-Açu, Palmeiras.

Com relação à Chapada Diamantina Setentrional e, também, o Piemonte da Chapada, constatou-se que, a partir da década de 1990, a Bahiatursa vem desenvolvendo uma política com planejamento, ações e marketing para os municípios que possuem interesse no desenvolvimento do ecoturismo, referindo-se aos mesmos como “Chapada Norte”. Ressalte-se que Morro do Chapéu foi considerado por um estudo da Bahiatursa como o município de maior potencialidade para o desenvolvimento do ecoturismo no grupo Chapada Norte.

Conforme pesquisa, foi constatado o início do processo de valorização do potencial turístico de algumas localidades e municípios favorecendo a descentralização do turismo, inicialmente concentrado em Lençóis, trazendo benefícios, por exemplo, ao povoado de Igatu (ex-Xique-Xique), no município de Andaraí, a partir da iniciativa do Festival de Igatu. Também a constituição da Unidade de Conservação Monumento Natural Cachoeira do Ferro Doido no distrito de Ventura, poderá favorecer o desenvolvimento ecoturístico no seu entorno.

No encadeamento da pesquisa, apresenta-se um estudo do patrimônio cultural de Ventura através de uma descrição analítica da memória da “vila dos diamantes” no contexto da Chapada Diamantina - teve como objetivo, resgatar a memória da vila de Ventura, local que passa por um processo de destruição e abandono. Há que se frisar que, após a decadência da atividade de mineração na década de 1930, toda a região da Chapada Diamantina vivenciou um longo período de crise econômica. Ou seja, o estudo sobre o distrito de Ventura serve de amostra para uma compreensão do processo de apogeu e decadência da economia diamantífera da região.

Para compreensão do histórico de Ventura foram apresentados elementos da cultura regional, enfocando aspectos da constituição da elite aristocrática, da política coronelista, dos traços culturais do modo de vida dos garimpeiros, entre outros aspectos.

Através da narrativa da história política do local, apresentaram-se elementos para compreensão do processo de apogeu e decadência de Ventura. Tal narrativa foi desenvolvida visando demonstrar a tentativa de emancipação política de Ventura que constituía, no início do século, o distrito de maior desenvolvimento econômico e contingente populacional do município de Morro do Chapéu .

Cabe ressaltar, como elemento para análise, que nos períodos de organização política pró-emancipação foram desmembrados de Morro do Chapéu outros distritos que constituem atualmente os municípios de Wagner (antiga Ponte Nova), em 1914 e Irecê, em 1926.

Apesar do estado de abandono em que se encontra a antiga vila de Ventura, que hoje constitui um pequeno povoado, foi possível identificar um vínculo de toponímia por parte de antigos moradores revelado, além dos depoimentos dos entrevistados, especialmente através das poesias publicadas no jornal Correio do Sertão.

O estudo sobre o patrimônio cultural-natural de Ventura e entorno, a partir dos resultados da pesquisa *in loco*, revelou que há um significativo potencial para o desenvolvimento do ecoturismo tanto pelos recursos naturais e monumentos de beleza cênica, quanto pelo aspecto cultural, no que diz respeito ao histórico do local e as características da comunidade rural tradicional do povoado de Ventura.

A experiência da pesquisa *in loco* encontrou uma organização social que vivencia em um ambiente rural no qual ainda há dificuldade para ouvir o rádio de pilha, um local onde as pessoas se reúnem nos passeios das casas no início da noite e à beira de pequenas fogueiras acontecendo aí um importante processo de interação social entre os membros da comunidade. Todavia, existem conflitos e expectativas de usufruir os benefícios do presente, conforme exposto na abordagem sobre a comunidade de Ventura.

Na relação da comunidade com o patrimônio natural e cultural do entorno, observou-se que a mesma possui “saberes” significativos sobre fitoterapia, conhecimentos sobre a fauna

e flora, noções sobre educação ambiental e conhecimento de vários aspectos referentes à memória do local. Tais elementos são considerados relevantes para um futuro trabalho voltado para interpretação do patrimônio cultural e natural e também para a formatação das trilhas.

Com relação aos aspectos arqueológicos relacionados à descrição do “cenário” da antiga “vila dos diamantes”, apresenta-se um estudo preliminar no sentido de fazer o leitor perceber a necessidade de preservação do patrimônio construído que resta no local. Tais restos culturais fazem reavivar o período de apogeu de Ventura, e, assim, a memória local.

Pensando no fenômeno do turismo, é necessário compreender que a restauração do patrimônio cultural tem como objetivo a reconstrução do “cenário”, um dos elementos que contribuem para o resgate da memória. Porém, o patrimônio restaurado não necessariamente inviabiliza a reconfiguração do espaço, de acordo com os princípios do desenvolvimento sustentável no que se refere a sustentabilidade cultural, é apropriado propor tanto a restauração do patrimônio construído como a reconfiguração do espaço. Segundo Canclini (2000, p. 161), é necessário compreender que, diante do caráter dinâmico da cultura, resgatar a memória não significa congelar e imobilizar no espaço e no tempo uma organização social.

No que diz respeito ao patrimônio arqueológico das pinturas rupestres, indica-se a necessidade de recomendações de especialistas para a devida preservação dos diversos sítios.

Na proposta para o desenvolvimento da atividade ecoturística em Ventura, considera-se os painéis de pinturas rupestres, no cenário das serras, como o principal atrativo existente na área que foi delimitada para o estudo. Tal patrimônio sempre foi respeitado pela comunidade de Ventura, seja no presente ou no passado, a maioria das pessoas da comunidade ainda se refere aos painéis como “as pinturas dos índios”.

Recomenda-se que, em nenhuma hipótese, seja incentivada a visitação dos referidos painéis antes da devida capacitação de Monitores especializados em Patrimônio Arqueológico

pré-histórico. Considera-se equivocada a ação da Secretária Municipal de Cultura, Turismo, Meio Ambiente e Desportos que, no início de um trabalho de formatação de trilha, marcou com totens o percurso para uma das áreas que possui painéis de pintura rupestre. Tal consideração se justifica, entre outros fatores, pela prática de pichação dos muros de Ventura por diversos excursionistas que visitam o local, apesar da reclamação e insatisfação da comunidade. Ressalte-se que alguns painéis já foram identificados como de Tradição Nordeste, resquícios de uma cultura pré-histórica.

Como contribuição para o desenvolvimento do ecoturismo em Ventura apresentou-se o Mapa dos Atrativos Ecoturísticos de Ventura, conforme delimitação da área da antiga vila e entorno. Também foi apresentado um estudo descritivo das trilhas com referências aos principais atrativos relacionados ao patrimônio cultural e natural no circuito dos percursos, além da sugestão de denominação para as referidas trilhas.

Na descrição de cada trilha foram apresentados aspectos relacionados ao ambiente natural e à beleza cênica da paisagem. No percurso das mesmas trilhas, compreende-se melhor a história da Chapada Diamantina, ao ver as tocas com vestígios de “casa de garimpeiro”, as mesmas tocas que serviram de refúgio para a população que temia a “Coluna Prestes” (referida na região como “os revoltosos”), nas mesmas serras que povos ancestrais deixaram registros através das pinturas rupestres.

Ressaltou-se a expectativa de que após a construção da sede e abertura da Unidade de Conservação Monumento Natural Cachoeira do Ferro Doido para visitação turística o Mapa e o estudo das trilhas acima referidas possam favorecer a divulgação de Ventura para que o mesmo venha a atrair parte significativa da demanda de visitação da referida U.C especialmente através da “trilha dos diamantes” fazendo o percurso de descida da Cachoeira para o Ventura.

Tal trilha deve ser formatada como atrativo para o ecoturista chegar ao povoado de Ventura. Também, a partir do planejamento e marketing, o ecoturista ou excursionista que visita outras áreas do município, a exemplo da Gruta dos Brejões - Vereda Romão Gramacho, Cachoeira do Agreste, Serra do Lajedo Bordado, entre outras localidades, poderá vir a visitar a antiga vila de Ventura e, de acordo com a perspectiva do ecoturismo e de desenvolvimento sustentável, contribuir para o processo de revitalização local.

É fundamental registrar, nas considerações finais desse estudo, que o projeto de viabilizar o ecoturismo no local, enfrenta como um dos seus maiores obstáculos a limitação de recursos humanos no povoado para atender a uma demanda turística crescente, pois o reduzido contingente populacional do local necessita atender primeiramente as suas atividades cotidianas. Por outro lado, a inexistência de alternativas de trabalho, capacitação e renda para a população adolescente significam, segundo eles próprios, a necessidade de abandonar o Ventura.

Observa-se que há interesse por parte da comunidade em obter qualificação através de cursos e capacitações que permitam incrementar a atividade turística no local. Ressalta-se a necessidade de oferta de curso de Capacitação de Monitor de Atrativos Históricos, Artísticos e Culturais e Monitor de Atrativos Naturais para pessoas residentes no povoado, recursos e apoio do poder público e da iniciativa privada para conservação do “Cenário” da antiga vila e desenvolvimento de um trabalho voltado para formatação de trilhas e interpretação do patrimônio cultural e natural para viabilizar o desenvolvimento sustentável local.

Segundo registros obtidos na pesquisa de campo, novas perspectivas de trabalho podem ser desenvolvidas com a produção artesanal de colchas de retalho, esteiras de palha, réplicas das pinturas e outros elementos do artesanato local, que poderiam ser vendidos como “souvenir”, constituindo importante fonte complementar de renda. Foi levantada também a

idéia de venda de cristais e pedras ornamentais, além da possibilidade de “ganhar um dinheirinho” com a venda de comidas típicas e doces de fabricação caseira.

Todas essas alternativas não desconfiguram o cotidiano e estilo de vida dos moradores do povoado, desde que, no processo de planejamento para o ecoturismo no local haja envolvimento da comunidade e sejam feitos os devidos estudos sobre capacidade de carga.

A princípio, as alternativas mencionadas de inserção da comunidade no desenvolvimento do ecoturismo, representam elementos favoráveis para um início do processo de desenvolvimento sustentável local, uma vez que, poderiam ser apresentadas fontes de complementação de renda e, que possivelmente, poderia dar início a um processo de revitalização local, inclusive com retorno de algumas famílias que estão morando em localidades adjacentes ao povoado ou na cidade de Morro do Chapéu. Vale registrar que este fenômeno está ocorrendo no processo de revitalização a partir do ecoturismo no Vale do Capão, no distrito de Caeté Açu, Palmeiras.

A constatação do início de organização da Associação Amigos de Ventura e o projeto de criação de uma pequena fábrica de adube com utilização de matéria prima e mão de obra local foram os aspectos mais significativos com relação a organização coletiva da comunidade.

A título de sugestão indica-se que a referida Associação poderá se constituir em uma Organização não Governamental (ONG) e tornar-se um importante instrumento para captação de recursos para diversos projetos, inclusive o do ecoturismo.

Outra proposta sugerida para viabilizar o ecoturismo em Ventura é a de criação de uma “Casa da Cultura”, na qual deverá ficar sediado o Memorial da “Vila dos “Diamantes”, tal local também deverá ser espaço para realização de atividades de educação ambiental e planejamento participativo voltado para o ecoturismo e constituir-se num espaço coletivo para projetos da comunidade.

Nas condições atuais do povoado residente na antiga vila de Ventura há dificuldades notórias para o desenvolvimento de uma infra-estrutura de serviços para o ecoturismo. Considera-se que, em princípio, o potencial ecoturístico deva ser explorado apenas com a presença de excursionistas, contando-se com a cidade de Morro do Chapéu, localizada há cerca de 33 km, para oferecimento de serviços de hospedagem, alimentação, transporte e também suporte de recursos humanos para informações turísticas, serviços de guia turístico ou Monitor de Atrativos Naturais e Monitor de Atrativos Culturais. Todavia, espera-se que surja em Ventura toda essa infra-estrutura turística acima mencionada, em processo gradativo.

Ressalta-se, também, a necessidade de início da atividade a partir de um trabalho de planejamento participativo, visando uma ampla compreensão dos possíveis impactos do ecoturismo por parte da comunidade anfitriã. Desta forma, é possível planejar e construir na perspectiva de que sejam minimizados impactos negativos e maximizados benefícios de ordem econômica, ecológica e sócio-cultural.

Espera-se que sejam efetivadas ações, levadas a termo a partir de um processo de planejamento participativo, voltado para o estabelecimento de condições mínimas para a instalação de equipamentos turísticos, a criação de isenções e estímulos fiscais e financeiros para os investidores (COOPER et al, apud OMT, 2001) e a organização de ações para valorizar o patrimônio cultural e natural, além da capacitação de profissionais do local, conforme proposta do Plano Nacional de Municipalização do Turismo, viabilizando práticas de ecoturismo sustentável e benefícios econômicos para a comunidade receptora.

Caberia um estudo da capacidade de carga do perímetro urbano, como também o estudo da auto-identidade da população local, o que permitiria identificar em que medida poder-se-ia valorizar o patrimônio histórico e as práticas e valores tradicionais do local, entre outros aspectos.

Sugerem-se, também, ações voltadas para interpretação do patrimônio cultural e natural, objetivando contribuir no fortalecimento da identidade cultural, calcada em aspectos da memória local. Conforme mencionado no marco teórico referente á questão do planejamento, Oliveira (2000, p. 36 e 37) devem ser criadas com a comunidade decisões e ações voltadas para valorização dos atrativos do local.

O processo de interpretação do patrimônio, propriamente dito, é fundamental para a conservação dos recursos e atrativos da antiga vila de Ventura. Segundo Murta e Goodey (1995), a interpretação do patrimônio, utilizada desde a década de 1970 na Europa e E.U.A, assume cada vez maior relevância para o turismo, pois, na proposta específica de planejamento interpretativo do patrimônio, busca-se o estabelecimento de parcerias, com ênfase na participação dos moradores dos núcleos turísticos de recepção, e envolvimento crescente do governo, iniciativa privada, instituições religiosas e educacionais.

Já existem alguns germens para o início de um processo de revitalização, valorização do patrimônio e desenvolvimento do ecoturismo de Ventura: o projeto “Ventura com Ternura”, voltado para restauração do patrimônio da antiga vila; a existência de monitores de atrativos naturais, residentes em Morro do Chapéu, com significativo interesse e conhecimento dos atrativos do entorno da antiga vila de Ventura, entre outros aspectos já mencionados.

Retomando a sugestão sobre a interpretação do patrimônio vale mencionar que há uma adequação entre o conceito de ecoturismo adotado neste estudo e a proposta de interpretação do patrimônio. Os planos de interpretação para valorização da antiga vila (povoado) de Ventura devem ser orientados por alguns princípios do planejamento interpretativo apresentados por Murta e Goodey (1995, p.23), dentre os quais se destacam:

- utilizar artes visuais e recursos de animação;

- buscar instruir e provocar a curiosidade do visitante para aprofundar sua compreensão sobre o patrimônio interpretado;
- utilizar uma linguagem acessível a um público mais amplo possível observando, inclusive, aspectos que favorecem a comunicação com pessoas portadoras de deficiência física;
- realizar a interpretação em parceria com a comunidade local estimulando a troca de conhecimentos para apresentar um histórico que recupere a memória do local;
- destacar aspectos da diversidade e pluralidade cultural da comunidade local;
- valorizar a satisfação do cliente e prover os locais turísticos de infra-estrutura básica como, por exemplo, sinalização para segurança nas trilhas; instalações sanitárias etc.

A interpretação do patrimônio poderá ser um valioso instrumento para ampliar o resgate da memória, conscientização sobre os atrativos naturais, potencialidades e perspectivas de investimentos na atividade ecoturística, favorecendo a sustentabilidade do patrimônio, natural e cultural, proporcionando benefícios econômicos e sociais para a comunidade local, empreendedores e para o município.

É histórica a afirmação de Tilden: “através da interpretação, a compreensão; através da compreensão, a apreciação, e através da apreciação a proteção”, mencionada no sentido de atender a proposta central deste estudo, a perspectiva de revitalização sustentável da antiga vila de Ventura através do ecoturismo.

REFERÊNCIAS:

ABRIL DESPEDAÇADO. Disponível em: < <http://www.abrildespedacado.com.br> >. Acesso em: 28 de jun. de 2002

AINDA OS REVOLTOSOS NO TERRITÓRIO BAIANO. **Correio do Sertão**, Morro do Chapéu - BA, Ano IX, Nº438, 16 de maio de 1926).

AGUIAR, Durval V. **Descrições Práticas da Província da Bahia**: com declaração de todas as distâncias intermediárias das cidades, vilas e povoações. 2ª ed. Rio de Janeiro: Cátedra. Brasília: INL, 1979. 321p

ANAIS DO ARQUIVO PÚBLICO E DO MUSEU DO ESTADO DA BAHIA, Ano 3 , Vol. IV e V. [S. l. : s.n.]: 1919.

A NOVA SITUAÇÃO POLÍTICA. **Pequeno Jornal**: Verdade, Direito e Justiça. Ano IV, Nº127. Morro do Chapéu, 10 de jul. de 1924.

A POPULAÇÃO DO MORRO DO CHAPÉU. **Correio do Sertão**. Morro do Chapéu. Ano V Nº 249, 05 de mar. de 1922.

APURAÇÃO DAS ELEIÇÕES DE 3 DE OUTUBRO. **Correio do Sertão**. Morro do Chapéu, Ano XXXIV. Nº 1560, 10 de out. de 1950.

A PRIMEIRA EXCURSÃO DO SNR. INTENDENTE MUNICIPAL PELOS DISTRICTOS DE BREJINHO E VENTURA. **Correio do Sertão**. Morro do Chapéu-BA, Ano X, Nº 484, 29 de jun. de 1927.

ARCHER,B; COOPER, C. Os Impactos Positivos e Negativos do Turismo in: **Turismo Global**. THEOBALD (org.) São Paulo: Papirus, 2001.

ARRAIAL DO VENTURA, Morro do Chapéu. **Jornal de Notícias - Bahia** , 31 de agos. de 1914.

ARAGÃO, Diolino. **Encontro com a Natureza**. Cordel. [S. l.: s.n.].

ASTA American Society of Travel Agentes. **Código de Conduta para o Ecoturista**. EUA: OMT, 1993.

AS BARULHADAS DO VENTURA. **Correio do Sertão**, Morro do Chapéu-BA, Ano VIII, Nº 374, 07 de set. de 1924.

ATA DA REUNIÃO DO SUB-DIRETÓRIO POLÍTICO DO DISTRITO DE VENTURA. **Correio do Sertão**, Morro do Chapéu-BA, Ano XVIII, p. 1, 02 de fev. de 1936.

BAHIATURSA. Empresa de Turismo da Bahia. **Relatório do I Seminário de Turismo da Chapada Norte**. Jacobina-Ba: Bahiatursa, 1998.

_____. **Relatório da Oficina do Plano Nacional de Municipalização do Turismo** Morro do Chapéu-Ba: Bahiatursa, 1998.

_____. **Resolução da Diretoria Executiva Nº 001/01**. Salvador: Bahiatursa, 2001.

BALLART, J. **El Patrimonio historico y arqueológico: valor e uso**. Madri. Ariel Patrimonio Histórico: 2000.

BANDEIRA, Renato Luiz **Chapada Diamantina: História, Riquezas e Encantos**. Salvador: Ed. Onaavlis, 1992.

BARRETO Mario. **Planejamento e Organização em Turismo**. São Paulo, Papirus: 1991.

_____. **Turismo e Legado Cultural: as possibilidades do planejamento** . 2ª ed. São Paulo, Papirus: 2000. (Coleção Turismo).

BARRETO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Papirus. São Paulo, 1998. (Coleção Turismo).

BECKER, Bertha. Políticas e Planejamento do Turismo no Brasil in **Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura**. YAZIGI (org). São Paulo: Hucitec, 1996.

BELLELLI, Cristina. Arqueología: como el presente devela el pasado in: **La trama Cultural** GARRETA, M. Juan; BELLELLI, Cristina (Compiladores). Madri: Ediciones Caligraf: 2000.

BENI, Carlos Mário. Política e Estratégia do Desenvolvimento Regional – Planejamento Integrado e Sustentável do Turismo in: **Turismo – Teoria e Prática** – org. LAGE, Beatriz Helena Gelas & MILONE, Paulo Cesar (org). São Paulo: Atlas, 2000.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDOM, K. Etapas Básicas para Incentivar a Participação Local em Projeto de Turismo na Natureza In: **Ecoturismo – um Guia para o Planejamento e Gestão** LINDEMBERG, Kreg; HOWKINES, Donald (org). São Paulo: SENAC, 1995.

BRASIL. **Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo** – Coord. BARROS; PENHA, Brasília: Embratur, 1994.

CALMON, Pedro. **História da Casa da Torre**: uma dinastia de pioneiros. 3ª ed. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1983. 229p. il.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**. Estratégias para entrar e sair da modernidade. 3ª edição. São Paulo: Edusp, 2000.

CANDIDATOS A PREFEITO PELA U.D.N. **Correio do Sertão**. Ano XXXI, Nº 1558, 25 de set. de 1950.

CARVALHO, Maria do Rosário G. Os povos indígenas no Nordeste: território e identidade étnica. **O Índio na Bahia**. Revista Cultura Nº1. Ano I Salvador-Bahia: FCEB, 1988. (p. 11-15).

CARVALHO, G M. Esqueçamos. **Correio do Sertão**. Ano LXVII, Nº 2345, 15 de mar. de 1984.

CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA. **Correio do Sertão**. Morro do Chapéu. Ano V. Nº V, 17 de set. de 1922.

CÉZAR, E. O Coronel da Chapada. Horácio de Matos governou um estado paralelo composto por 11 municípios. **Correio da Bahia**, Salvador, 18 de jun. 2000. Caderno Domingo Repórter, p.1- 9.

CMMAD - Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. **Nosso Futuro Comum**. 2ª edição, Rio de Janeiro: FGV, 1991.

COHN, Gabriel. **Crítica e Resignação**: Fundamentos da Sociologia de Max Weber. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.

COMPANHIA DRAMÁTICA. **Correio de Sertão**. Morro do Chapéu. Ano V. N° 248, 09 de abr. de 1922.

CONAC- Dirección General de Museos del Consejo Nacional de Cultura. **Normativas Técnicas para Museos**. (paper) Venezuela, 1992.

CORREIO DO SERTÃO, Ano LXXXI, 15 de dez. de 2002.

_____ Ano V, N° 262, 24 de jul. de 1922

COOPER, Chris. et all. **Turismo: Princípios e Prática**. São Paulo: Bookman, 2001.

COSTA, Affonso. Adeus, oh terra do Ventura in: SAMPAIO, E.P.N **Ventura**: Diagnóstico de um Patrimônio Ecológico Cultural na Chapada Diamantina. Monografia de conclusão do curso de Pós Graduação em Gerenciamento Ambiental. Salvador, UCSal, 1999.

DERBA WEB SITE. disponível em: <[http:// www. derba. ba.gov.br](http://www.derba.ba.gov.br)>. Acesso em: 19 de dez. de 2002.

DENCKER, Ada. F. M. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Turismo**. São Paulo: Futura, 1998.

DIAMANTES DE VENTURA EM MORRO DO CHAPÉU. **Correio da Bahia**. Caderno do Interior, pg 3, 04 de nov. de 1989.

DÓRIA, Hildete da C. Localização das Aldeias e contingente demográfico das populações indígenas da Bahia entre 1850 e 1882. in: **O Índio na Bahia**. Revista Cultura N°1. Ano I. Salvador-Bahia: FCEB, 1988. (p. 81-90).

DOURADO, José A. **Aspectos históricos de Morro do Chapéu (BA)**. A vila do Ventura, A política, Os personagens. Morro do Chapéu - Ba, 2003 (impresso).

ECOPLAN - Empresa de Consultoria e Planejamento Ambiental - **Seleção dês áreas prioritárias para conservação no município do Morro do Chapéu.** Salvador: 1997.

EMBRATUR Instituto Brasileiro de Turismo/Gerência de Programas Nacionais, Supervisão de Projetos de Descentralização. **Programa Nacional de Municipalização do Turismo, 8 anos: Retratos de uma Caminhada.** Brasília:Embratur,2002.

ESCRIVÃO DE PAZ NO DISTRICTO DO VENTURA, **Correio do Sertão**, Morro do Chapéu - BA, Ano VII, Nº322 , 09 de set. de 1923.

ESCOLA PARTICULAR DO VENTURA. **Correio do Sertão**, Ano IV, Nº 207,18 de jun. de 1921.

ESCOLAS DO VENTURA. **Correio do Sertão.** Ano IV, Nº 281, 26 de nov. de 1922.

ESTATUTOS DA SOCIEDADE PHILARMONICA 25 DE DEZEMBRO, Ventura – Bahia. Salvador: Oficina Dois Mundos, 1907. 15p.

ESTATUTOS DA ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS NO COMÉRCIO DO VENTURA, Ventura –Bahia. Salvador: Oficina Dois Mundos, 1908, 21p.

FESTEJOS DE PONTA D'ÁGUA. **Correio do Sertão.** Morro do Chapéu, Ano IVL, Nº 1851, 15 de nov. de 1962.

FERRO, M. **A História Viglada.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FUNARI, Pedro P. A.. **Arqueologia.** São Paulo: Editora Ática, 1988.

FUNCH, Roy. **Um Guia para o Visitante a Chapada Diamantina: O Circuito do Diamante.** Salvador: EGBA, 1997.

GABRIEL RIBEIRO DOS SANTOS BIECA: Padaria e Saboaria. **Correio do Sertão**, Morro do Chapéu, Ano V, Nº 216, 15 de jan.1922.

GARRETA, M. Juan. Cultura in: **La trama Cultural** GARRETA, M. Juan y BELLELI, Cristina (compiladores). Madri: Caligraf, 2000.

GUEDES, A. Sino do Ventura. **Correio do Sertão**. Ano LXXI , Morro do Chapéu, N° 2.437, 30 de jan. de 1988.

GUEDES, Lycia M. D. **A Presença de Poetas-Cantadores do Nordeste na Cultura Popular Brasileira**: um estudo sociológico. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. FFCH-UFBA, Salvador, 1973.

HORROROSO CONFLITO. **Correio do Sertão**, Morro do Chapéu, Ano V, N°236, 15 de jan. de 1922.

HIDALGO, Pedro. **Manejo Conservacionista em Bacias Hidrográficas**. Espírito Santo: SEAMA - ES, 1990.

IGNARRA, Luis Renato. **Fundamentos do Turismo**. São Paulo: Pioneira, 1999.

IGREJA DO VENTURA COMEMORA 100 ANOS . **A Tarde**. Caderno do Interior,p.1, Salvador - Bahia, 7 de dez. 2002.

ILUSTRES EXCURSIONISTAS. **Correio do Sertão**. Morro do Chapéu-BA, Ano V, N° 236, 15 de jan. de 1922.

IMPOSTO DA DÉCIMA URBANA DO MUNICÍPIO DE MORRO DO CHAPÉU, Morro do Chapéu- Bahia. Bahia: Gráfica Dois Mundos, 1910 / 1911.

IMPOSTO PREDIAL. **Correio do Sertão**. Morro do Chapéu. Ano V. N ° 270, 27 de ago. de 1922.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. São Paulo: Papirus, 1989.

KUNH, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. 6° ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

LANÇAMENTO MUNICIPAL DE INDÚSTRIA E PROFISSÃO DO EXERCÍCIO DE 1922. **Correio do Sertão**. Morro do Chapéu. Ano V. N° 246, 26 de mar. de 1922.

LANÇAMENTO MUNICIPAL DE INDÚSTRIA E PROFISSÃO, REFERENTE AO EXERCÍCIO DE 1922. **Correio do Sertão**. Morro do Chapéu. Ano V. N° 250, 23 de abr. de 1922.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1992.

LAGE, Beatriz H. e MILONE, Mário C. **Economia do Turismo** São Paulo: Ed. Saraiva, 1998.

LEAL, Vítor Nunes. **Coronelismo, Enxada e Voto**: O município e o regime representativo no Brasil. São Paulo: Alfa-Ômega, 1975.

LEGISLAÇÃO AMBIENTAL BRASILEIRA. (Atualização de Carlos Gomes de Carvalho).

São Paulo: LED, 1998.

LIMA, Durbem. "G. M. Carvalho". **Correio do Sertão**, Ano LXVII, N°2.343,15 de fev. de 1984.

MACHADO, Marlon. **Projeto Cactáceas Brasileiras**. Disponível em: < <http://www.cactaceae.org.br>> Acesso em: 30 de agosto de 2003.

MACHADO NETO, Zaidé. Nota Prévia sobre o coronelismo na Bahia na Velha República in: **MACHADO NETO, Zaidé (Org.)** O Coronelismo na Bahia. Cadernos de Pesquisa N°3. Mestrado em Ciências Humanas.FFCH-UFBA. Bahia: UFBA, 1972.

MARQUES M. A; BISSOLI A. **Planejamento Turístico Municipal com suporte em sistemas de informação**, São Paulo: Ed. Futura: 2000.

MARTIM, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil** Recife: Ed Universitária da UFPE, 1996.

MARX, Karl. **O Manifesto Comunista**. Ed. Anita Garibaldi: São Paulo, 1989. (Coleção Teorias;3)

MELLO, M. Alba G. **História Política do Baixo-Médio São Francisco**: um estudo de caso do coronelismo. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. FFCH/UFBA. Salvador, 1989.

MENDONÇA, Edízio. **O Coronel Militão Coelho**. Salvador: Gráfica Central da Bahia, 1980 57 p.

MENEZES, F; ALENCAR, G. **Dossiê confidencial**: Padre Cícero e Floro Bartolomeu Recife: Fundação Nabuco, 1995. 284p.

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. Os "usos culturais" da cultura. Contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais in: **Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura**. YAZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana; CRUZ, Rita (org.). São Paulo: Hucitec, 1996.

MIRANDA, Jariovaldo. "Ventura Desmoronado" in: **Correio do Sertão**, Morro do Chapéu, Ano LXXI, nº2.447, 30 de junho de 1988, p. 3

MISSA DE 101 ANOS IGREJA DE VENTURA, **Correio do Sertão**, Morro do Chapéu, Ano LXXXV, nº 2.900, 07 de dezembro de 2002.

MORAES, Walfrido. **Jagunços e Heróis - A civilização do Diamante nas Lavras da Bahia**. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia. 1991.

MORALES JR, R; CUNHA, C. "**Chapada Diamantina na Rock Art**": (Paper) Delivered at the American Rock Art Research Association Annual Meeting Dubois, Wyoming, may 2002.

MORRO DO CHAPÉU.COM. **O 1º Portal da Cidade das Flores**. Disponível em: <<http://www.morrodochapeu.hpg.com.br>>. Acesso em: 10 de julho de 2002.

MURITIBA, I. R.; SAMPAIO, M. O.; SANTOS, J.F. **O Coronelismo na Chapada Diamantina e Piemonte**. Jacobina: UNEB/Faculdade de Formação de Professores de Jacobina, 1997.

MURPHY, Peter. E. Turismo e Desenvolvimento Sustentado in: **Turismo Global** THEOBALD (org.) São Paulo: Papirus, 2001.

MURTA, S. M; GOODEY, B. **Interpretação do patrimônio para o Turismo Sustentável – um guia**. Minas Gerais: Sebrae, 1995.

NÃO TEMOS FESTA. **Correio do Sertão**. Morro do Chapéu - BA, Ano VIII, Nº 374, 07 de set. de 1924.

NAS DERROTAS: os exemplos de dignidade e honradez. **Correio do Sertão**, Morro do Chapéu - BA, Ano LXXXVI, 27 de jul.. 2002

NASSER, N.; NÁSSER, E. Os Tuxá - incorporação à história. **O Índio na Bahia**. Revista Cultural Nº 1, Salvador-Bahia: FCEB, 1988. (p. 33-37).

NAVARRO, Ester. “Ventura”. In: SAMPAIO, E. P. N **Ventura**: Diagnóstico de um Patrimônio Ecológico Cultural na Chapada Diamantina. Monografia de conclusão do curso de Pós Graduação em Gerenciamento Ambiental. Salvador, UCSal, 1999.

NEVES, J. M. ABC do Ventura, [S.l.], 1906 in: O Ventura Resiste ao Tempo. **Lampião - Jornal da Chapada**, Lençóis- Ba, Ano I, Nº3, Março de 1989.

NISBET, Robert. A. Comunidade. In. FORACCHI, M. M.; MARTINS, J. S. (Org.). **Sociologia e Sociedade**: leituras de introdução à Sociologia. 1º. Rio de Janeiro: LTC, 1981. p. 255-262

OESER JR. Charles E. **Introducción a la Arqueología Histórica**. Buenos Aires: AINA, 2000.

OLIVEIRA, A. P. **Turismo e Desenvolvimento: Planejamento e Organização**. São Paulo: Atlas, 2000.

OMT. Organização Mundial de Turismo. **Introdução ao Turismo**. São Paulo. Ed. Rocca, 2001.

OS HABITANTES DO DISTRITO DO VENTURA. **Correio do Sertão**, Morro do Chapéu - BA, Ano IV, Nº 199, 18 de fev. 1921.

OTT, Carlos. **Pré-História da Bahia**. Salvador: Progresso, 1958 (Coleção de Estudos Brasileiros. Série Marajoara)

PARAÍSO, M. Hilda Baqueiro. **Os Kiriri Sapuyá de Pedra Branca**. Salvador, UFBA/Centro de Estudos Baianos, 1985.

PARAÍSO, M.Hilda Baqueiro. **O Tempo da Dor e do Trabalho**. A conquista dos territórios indígenas nos sertões do leste. 1998. Tese (Doutorado-Programa de Pós-Graduação em História Social), Universidade de São Paulo, São Paulo. 1998.

PELEGRINI, Américo Filho. **Ecologia, Cultura e Turismo**. Campinas: Papirus, 1997

PELLEGRINO, Carlos Tranquilli. **Patrimônio Cultural Urbano**: de quem? para quê? In: 3º congresso virtual de antropologia y arqueologia, cirbespacio, 2000. disponível em:<<http://www.naya.org.ar>>. Acesso em: 27 de março de 2003.

PEQUENO JORNAL. Ano I, Nº 7, 06 de Jun. de 1927.

PERRONI-MOISÉS, Beatriz. Índios Livres e Índios Escravos: Os Princípios da Legislação Indianista no Brasil Colonial. In: CUNHA, M. Manuela C. da.(Org.) **História dos Índios no Brasil**, São Paulo: Cia das Letras, Fapesp, SMC, 1992. p.78-122.

PIAUI, o surpreendente museu no meio do sertão. **Viagem e Turismo**. Ano 4, Nº 11 de Nov. de 1998.

PINHEIRO, R. T. **O Caudilho** - Deputado Floro Bartolomeu da Costa. Ceará: Instituto Cultural do Ceará, 1979. (Itaytera, 23)

PUNTONI, P. **A Guerra dos Bárbaros**: povos indígenas e a colonização do sertão nordeste do Brasil (1650-1720), São Paulo: Hucitec/Edusp. 2002.

QUEIROZ, Claudionor de Oliveira. **O Sertão que eu Conheci**. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1985. (Série Cultura Baiana, 3).

RECENSEAMENTO DA VILA DE VENTURA. Comissão pró-emancipação de Ventura. Ventura, Bahia: 1914. (Documento manuscrito).

RIBEIRO, Darcy. **O Processo Civilizatório** - Etapas da Evolução Sócio-Cultural. 3ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1981.

RUSCHMANN, Dóris. **Turismo e Planejamento Sustentável**. A proteção do meio ambiente. Campinas-SP:Papirus,1997.

SALES, Herberto. **Cascalho**. 3^a ed. Rio de Janeiro: Ed. Tecnoprint, 1956. (Coleção Prestígio, Edições de Ouro)

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura?** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994 (Coleção Primeira Passos).

SACHS, Ignacy. **Ecodesenvolvimento: crescer sem destruir**. São Paulo: Vértice, 1986.

SAMPAIO, Eliane P. Navarro. Distrito de Ventura: sua história. **Correio do Sertão**. Ano LXXI, Nº 2.426, Morro do Chapéu - BA. 13 de agos. de 1987.

_____. **Ventura: Diagnóstico de um Patrimônio Ecológico Cultural na Chapada Diamantina**. Monografia de conclusão do curso de Pós Graduação em Gerenciamento Ambiental. Universidade Católica de Salvador, Salvador, 1999.

SAPUACAIA, Roberto. **Trilhas e Caminhos – Circuito do Diamante: Guia turístico do meio ambiente**, Salvador-Ba: R. Sapucaia, 2000.

SEAGRI/SDA/DDF, **Projeto de Criação de Unidades de Conservação**. Parque Estadual de Morro do Chapéu, Monumento Natural da Cachoeira do Ferro Doido, Monumento Natural do Morrão, [S.I.]: Março de 1999.

SEPLANTEC/CAR. **Programa de Desenvolvimento Regional Sustentável - PDRS - Chapada Diamantina**. Salvador-Ba: Gráfica da Bahia. 1997.

SMCTMAD. **Inventário Turístico de Morro do Chapéu**. Morro do Chapéu - Ba, 2002.

SMCTMAD. **Histórico e Atrativos Turísticos de Morro do Chapéu**. Morro do Chapéu - Ba, 2000.

STRADMANN, Maria Theresa S. **Estudo Escoturístico das Trilhas do Parque Nacional da Chapada Diamantina e Entorno e Proposta de Modelo de Exploração Ecoturística e Gestão Ambiental das Trilhas**. Monografia de Pós-Graduação em Ecologia e Turismo. CEPOM/OLGA METTIG. Salvador, 1997.

SWARBROOKE, Jonh. **Turismo Sustentável: Turismo Cultural, Ecoturismo e Ética**. São Paulo: Aleph, 2000.

SOUZA, Camélia Amaral. **Ecoturismo na Bahia – Estudo Analítico**. Salvador: SEBRAE, 1995.

THEOBALD, William D. Significado, âmbito e dimensão do turismo. in: **Turismo Global** THEOBALD (org.) São Paulo: Papirus, 2001.

TILDEN, F. **Interpreting our Meritage**. Chapel Mill, University of North Carolina Press. 1993.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Diefel, 1980.

UNIÃO DEMOCRÁTICA NACIONAL: Manifesto. **Correio do Sertão**. Morro do Chapéu - BA, Ano XXXIV Nº1.557, 15 de out. 1950.

URBAN, G. A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas In: CUNHA, M. Manuela C. da. **História dos Índios no Brasil**, São Paulo: Cia das Letras, Fapesp, SMC, 1992. p.78-122.

VENTURA COM TERNURA. **Correio do Sertão**. Morro do Chapéu. Ano LXXXI, 15 de fev. de 2002.

